



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

O Sonho no Texto Poético de Expressão Portuguesa

Célia Maria Brás Gil

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências Documentais
(2.º ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Regina Marisol Troca Pereira

Covilhã, maio de 2016



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

O Sonho no Texto Poético de Expressão Portuguesa

Corpus: poetas representativos dos séculos XIX a XXI

Célia Gil

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Ciências Documentais

(2.º Ciclo de Estudos)

Orientadora: Prof.^a Doutora Reina Marisol Troca Pereira

Covilhã, maio de 2016

Dedicatória

Aos meus Pais

Que, apesar de terem deixado a vida tão cedo,
continuo a procurar no meu coração,
nas minhas memórias boas.
E estão sempre Lá,
a olhar por mim.

Ao meu marido

Quero que sintamos orgulho
um no outro, para sempre.
De mãos dadas, olhando em frente,
confiantes no futuro!

Aos meus filhos,

E é no seio do amor
que desponta esse pedacinho de vida,
que acarinhamos,
a que nos entregamos de corpo e alma
e a quem queremos entregar
uma mão cheia de sonhos.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora científica, Professora Doutora Reina Marisol Troca Pereira pelo privilégio que me deu ao aceitar orientar esta dissertação, pela sua preciosa orientação, disponibilidade, paciência e palavras de incentivo para nunca desistir do meu **sonho**.

Agradeço ao meu marido, Henrique, e aos meus filhos, Fernando e Filipe, pela compreensão, dedicação e paciência com que acompanharam este meu trabalho e por terem sonhado comigo este **sonho**. Ao meu marido, pelo incentivo que sempre me deu, por ter acreditado que eu terminaria com sucesso e por ter tornado possível a concretização deste meu sonho; aos meus Filhos, pela paciência e apoio que me deram e para que lhes sirva de incentivo no seu futuro académico.

Agradeço a uma colega e amiga que teve um papel fulcral, pois foi ela que me impulsionou para a concretização do meu sonho e que acreditou em mim, a Margarida Damásio Ferreira.

A todos os professores do Mestrado em Ciências Documentais que, de alguma forma, me deram as bases para prosseguir o meu **sonho** e levá-lo a um bom porto.

A todos, um reconhecido agradecimento!

Resumo

Parto, nesta viagem pelo mundo do sonho, embarcada no livro, aquele que nos conduz inevitavelmente ao prazer, à imaginação, à compreensão de si mesmo e dos outros e à escrita. Abordo a importância da leitura, destacando o encanto e a magia do livro que nos permite sonhar, imaginar, criar e fruir, constituindo, ao mesmo tempo, fonte de aquisição de conhecimentos, que permite aos leitores tornarem-se cidadãos críticos e interventivos. E é em casa que, desde muito cedo, se deve estimular o gosto pela leitura. À escola compete dar continuidade a essa motivação e contribuir para a formação de leitores questionadores, atentos, reflexivos e competentes. Termino o primeiro capítulo com a importância da leitura na edificação do sonho motivador, criador e transformador, bem como da importância do sonho para o ato de escrever.

Nesta viagem, ousou deitar um olho ao passado para reencontrar a infância, um paraíso perdido recuperado por muitos poetas, com o intuito de reencontrar a felicidade; o amor idealizado, num passado, onde os poetas se inspiram para enfrentar as agruras do presente; a coragem de um povo de navegadores, que ousou sonhar e partiu em busca de um novo império; mas também a desilusão e a inutilidade do sonho, provocada pelo desencanto e desilusão presentes pela não concretização dos sonhos.

Com um pé no presente, congratulo os poetas que enaltecem o poder do sonho, edificador, motivador e que nos faz prosseguir nesta viagem, que é a própria vida; os poetas que cantaram sentimentos que motivam o sonho, especialmente o amor, que continuará a ser a grande alavanca do sonho; mas também os que cantaram o desmoronar dos sonhos, a sua ilusão efêmera e a desilusão do eu poético a quem, às vezes, o sonho abandona.

Não poderia deixar de lançar uma asa no futuro para contemplar os poetas que acreditam nos sonhos futuros, e, ainda, aqueles para os quais o sonho é fuga, é irrealidade, é ludíbrio e morte.

Palavras-chave:

Sonho (s), poeta, poesia, livro, ler, escrever, passado, presente, futuro, infância, amor, ilusão, desilusão, morte.

Abstract

I depart on this journey through the dream world, embedded in the book, one that leads us inevitably to pleasure, imagination and understanding of yourself and others, leading us to writing too.

I discuss the importance of reading, highlighting the charm and magic of the book that allows us to dream, imagine, create and enjoy, being simultaneously a source of knowledge, which enables readers to become critical and interventional citizens. It is at home, from an early age, that one should encourage the love of reading.

It is the role of schools to continue this motivation and contribute to the shaping of inquisitive, attentive, reflective and competent readers. I finish the first chapter stressing the importance of reading in building the inspiring dream, that creates and transforms, as well as the importance of dreams for the act of writing.

On this trip, I take a quick look at the past to rediscover childhood, a paradise lost recovered by many poets, in order to rediscover happiness; love conceived in a past where the poets are inspired to face the hardships of the present; the courage of a people of navigators who dared to dream and set off in search of a new empire; but also the disillusionment and futility of the dream, caused by disenchantment and disappointment that come with the impossibility to accomplish dreams.

With one foot in the present, I congratulate the poets who praise the power of dreams that motivate, makes us thrive and urge us to continue this journey, which is life itself; poets who sang feelings that encourage the dream, especially love, which will continue to be the great lever of the dream; but also those who sang the collapse of dreams, their ephemeral illusion and disillusion of the poetic self who is sometimes abandoned by the dream.

I could not finish without a glimpse to the future to contemplate the poets who believe in future dreams and also those for whom the dream is escape, unreality, deceit and death.

Keywords

Dream(s), poet, poetry, book, reading, writing, past, present, future, childhood, love, illusion, disillusionment, death.

Índice

Dedicatória	v
Agradecimentos	vii
Resumo	ix
<i>Abstract</i>	x
Introdução	1
Contextualização da temática	3
Capítulo I: O sonho ao leme da leitura	
1.1. Os livros aos olhos dos poetas	7
1.2. Os livros e os afetos - o prazer de ler	11
1.3. Ensinar a ler é ensinar a sonhar - magia, criação, transformação	15
1.3.1. Ensinar a sonhar através da leitura enquanto mãe	20
1.4. Uma leitura de si para uma leitura do mundo	23
1.5. Do leitor ao escritor - sonho, originalidade, competência e aptidão	27
1.5.1. Experiência pessoal com um filho que sonha ser escritor	29
Capítulo II: Um olho no passado - sonho de uma memória saudosa	
2.1. A infância como sonhado paraíso perdido	33
2.2. O amor sonhado no passado	37
2.3. Da desilusão do sonho passado perdido à constatação da inutilidade do sonho	41
2.4. Na orla do mar sonhado - memória saudosa de um país de conquistadores	45
Capítulo III: Um pé no presente - o presente que (des) motiva o sonho	
3.1. O poder do sonho	49
3.2. Sentimentos que justificam os sonhos	53
3.3. Cinzas do passado - o desmoronar dos sonhos	57
3.4. Do sonho à desilusão do eu poético	61
Capítulo IV: Uma asa no futuro - das expectativas futuras às desilusões anunciadas	
4.1. Acreditar nos sonhos futuros	65
4.2. Fuga à realidade e projeção irreal dos sonhos	69
4.3. Da expectativa ao ludíbrio dos sonhos	73
4.4. A morte dos sonhos	77
O sonho do ponto de vista de quem escreve	81
Conclusão	83
Posfácio	84
Bibliografia e Webgrafia	85

Introdução

O sonho é um conceito controverso, que sempre interessou vários estudiosos, sobretudo filósofos e psicólogos, tendo-se criado sobre o mesmo várias teorias psicanalíticas, sobretudo no que concerne à experiência onírica da relação sono/sonho.

Abordarei esta temática, enquanto expressão de desejos, expectativas, anseios, realizações, vivências, impulso vital, que, muitas vezes, se defraudam e desiludem, quando os objetivos iniciais não se alcançam e morrem os sonhos. Malgrado ter como intenção fundamental abordar a temática do sonho enquanto desejo, acabo por, em vários momentos e inevitavelmente, falar do sonho onírico, atendendo ao facto de serem duas aceções que se confundem a ponto de nem sempre conseguirmos identificar onde termina uma e começa outra.

Parto de uma contextualização da temática, para se perceber que não é uma temática que se restrinja às épocas que escolhi abordar e que não é de desconsiderar, para a compreensão da mesma, todo o espólio anterior, cuja pertinência na abordagem da temática é meritória e fulcral.

Num *corpus* textual de poetas, selecionados entre os séculos XIX e XXI, embarco numa abordagem da temática do sonho no texto poético.

Optei pelo texto poético, atendendo a que sonho e poesia são entendidos, por alguns estudiosos na matéria, como semelhantes e complementares. São expressão da imaginação, da ilusão e da sensibilidade pessoal. E, apesar da dificuldade em se definir com exatidão o sonho, acredito que ele está na base de tudo. Escreve-se porque se sonha escrever. Da escrita, resultam textos e até livros. O universo da leitura, para além de nos proporcionar um alargamento do nosso leque de conhecimentos, preparando-nos para a vida e suas adversidades, é também uma fonte de amadurecimento pessoal e um ponto de partida para os sonhos. Permite-nos viajar para locais que idealizamos e que sonhamos conhecer um dia. Faculta-nos o conhecimento de outras pessoas, outras formas de ver o mundo, de pensar e de sonhar. Coloca-nos perante questões que nunca nos colocáramos e cujo caminho da resolução é uma forma de crescer e de aprender ou reaprender a sonhar.

Na minha ótica e gosto pessoal, o texto poético, seja ele em verso ou prosa, tem o dom de nos transportar, nas suas palavras para a realidade, a ficção, a provação, o indizível, o sonho... Este que constitui uma das temáticas mais abordadas pelos poetas, porque, como dizia António Gedeão, “... o sonho comanda a vida” (Gedeão, 2001: 71, v. 44), com tudo o que implica em termos de expectativas de vida, ilusão, amor, desilusão, dissabor, ansiedade, é ele que permite ao ser humano ultrapassar os seus limites, evoluir, fazer progredir o mundo. É, sem dúvida, um tema que está na base de muitas outras temáticas, que as complementa e as explica.

As Bibliotecas serão o meu porto de abrigo nesta etapa, onde penso encontrar os textos mais marcantes e ricos, os versos, as palavras que servirão de ponto de partida para a concretização deste meu sonho de descoberta, de conhecimento, de escrita e de enriquecimento pessoal. Varrendo a literatura que possuo na minha biblioteca pessoal, em que

sempre investi, passo para as bibliotecas escolares das escolas do Fundão - Agrupamento de Escolas Gardunha e Xisto e Agrupamento de Escolas do Fundão. O que não encontro nestas bibliotecas procuro na Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade, no Fundão, na Biblioteca da Universidade da Beira Interior, na Covilhã e na Internet. O propósito? Reunir o máximo de material de trabalho possível, para, depois, seleccionar e servir de base à minha investigação e reflexão. E, assim, concretizar este projeto por mim sonhado.

Contextualização da Temática

Não sendo esta uma temática nova, pelo contrário transversal e transcultural, impunha-se uma pequena contextualização ao longo dos tempos, exemplificando com alguns autores selecionados a título ilustrativo, até à abordagem que me proponho fazer.

Na antiguidade, o sonho possibilitava, segundo o pensamento dessa época, o contacto com o sobrenatural, numa premonição que orientava os homens, aconselhando-os. Um exemplo disso é *A Mais Antiga Epopeia do Mundo: a Gesta de Gilgamesh* (Serra, 1985: 7-30), onde há a evocação dos sonhos. Gilgamesh, o soberano de Uruk, terá recebido dos deuses os dons mais excelentes, sendo que um deles é o dom de ver em sonhos. Cada vez que desperta, é a Sábua, Ninsum, sua mãe, que lhe interpreta os sonhos e lhe profetiza acontecimentos futuros¹.

Também na *Odisseia* homérica (19.205-215), Penélope, sentindo-se desamparada com a partida de Ulisses, seu marido, dirige-se a um estrangeiro². Pede, a certa altura, ao estrangeiro que lhe explique um sonho: vinte gansos que ela sente prazer em contemplar, ao se alimentarem, são mortos por uma águia. Uma voz humana, no seu sonho, ter-lhe-á dito: “não se trata de um sonho; é a visão certa do que será uma realidade” (Homero, s/d.19.214). Explica-lhe a voz que os gansos eram os pretendentes e a águia o esposo, que assassinaria os pretendentes. O estrangeiro, Ulisses na realidade, acaba por lhe dizer que o sentido do sonho é claro, que o próprio esposo seria essa voz e que lhe terá dito como realizaria esse sonho.³ Mais uma vez os sonhos se mostram premonitórios. Eram profecias um pouco ambíguas, que urgia decifrar de forma adequada para não despertar a ira dos deuses. Na *Ilíada* homérica (II. 81-100), Agamémnon não interpretou corretamente um sonho que tivera, agindo precipitadamente, até se aperceber de que aquele sonho fora uma falácia⁴.

¹ Depois de Enkidu, um rival criado por Aruru para travar os exageros de Gilgamesh, que não reconhecia os limites da sua vontade, abusando do poder, desafiar Gilgamesh, tornam-se amigos e decidem matar juntos o feroz Humbaba, que é chama e morte. Para tal, Ninsum pede aos deuses ajuda para tão difícil batalha e, quando a invocam, Gilgamesh e Enkidu, pedem-lhe sonhos, que os ajudam na vitória contra o monstro. Os deuses reúnem-se e decidem que essa morte foi uma transgressão, que só pode ser ultrapassada com a morte de um deles, sentenciando a morte de Enkidu. Este, com o poder do sonho premonitório, sonha-se a ser arrebatado para os infernos e conta o sonho a Gilgamesh. Este último, profundamente magoado com a morte do amigo, e, ao chorar o amigo por sete dias, esperando que ressuscite com as suas lágrimas, acaba por consciencializar-se de que o mesmo lhe acontecerá a ele e que faz parte da trivialidade da existência.

² Penélope conta-lhe todos os males por que tinha passado desde a partida do marido, das saudades que lhe desfazem o coração, dos pretendentes que “instam pelo casamento” (*Od.* 19. 206). Conta-lhe que de dia tecia e à noite desmanchava, enquanto aguardava o regresso de Ulisses. Passados três anos, viu-se obrigada a dar por terminada a sua obra. Comprovando o estrangeiro, que conhecera Ulisses, Penélope oferece-lhe hospedagem e solicita à velha Euricleia que cuide dele. Esta fala dos muitos estrangeiros que por ali passaram, referindo que nenhum era tão parecido com Ulisses como ele. Enquanto tratava dele, reconheceu-lhe uma cicatriz, comprovando as suas suspeitas. Penélope, sem se aperceber desta descoberta, dirige-se ao estrangeiro.

³ Penélope, no entanto, diz-lhe que “os sonhos não são certamente fáceis de apreender” e fala-lhe de duas portas: a de corno e a de marfim. Os que chegam pela segunda porta são falsos, “são palavras que não criam realidade”. Só os que vêm pela primeira porta criam “uma certeza para quem quer que os veja” (19. 214).

⁴ Zeus, para vingar Aquiles contra os gregos, envia a Agamémnon “um maléfico sonho” (II. 81), que lhe dizia que devia atacar Troia. Quando acorda, reúne com os gregos e conta-lhes o seu sonho. Estes acabam por decidir invadir a cidade de Troia. Quando verificam que nem Aquiles nem os seus guerreiros ali se

Em *Prometeu Acorrentado* (Ésquilo, 2005: 31-34)⁵, Prometeu surge como um deus civilizador que mostra a sua afeição pelos homens, ao lhes dar o fogo e a capacidade de sonhar. E não lhes dá apenas o sonho, diz-lhes que o que ele prenuncia acontecerá, porque sabe que sonhos se tornarão realidade.

Na *Eneida* de Virgílio (6. 98-117), publicada pela primeira vez em 19 a.C., Eneias revela o desejo de rever o pai, Anquises⁶. Empreende uma catábase para encontrá-lo, não passando, o pai, de uma sombra, mas que prediz a Eneias o seu futuro glorioso como fundador da cidade de Roma e as provas por que terá de passar para atingir a glória. Por fim, conduz o filho e a Sibila a duas portas⁷, as mesmas duas portas de que tinha falado Penélope na *Odisseia* de Homero. Depois, o que é aparentemente estranho é que Anquises os faz sair pela segunda porta, a ebúrnea porta enganadora, em vez de os fazer sair pela porta cornígera, a porta da verdade, o que pode levantar a suspeita de não ter tudo passado de um sonho de Eneias. Tenha sido um sonho ou não, saiu dele mais fortalecido e com coragem para enfrentar o que o futuro ainda lhe reservava. Esta é uma capacidade dos sonhos - confrontam-nos com os nossos fantasmas (a árvore dos sonhos é um exemplo disso). Com eles dialogamos, dos sonhos tiramos coragem e força para enfrentar o futuro. Saímos de nós para a nós voltarmos, com uma coragem renovada.

Na Idade Média, o sonho surgia como manifestação divina, alegoria da verdade e da sabedoria, como podemos ver em *O Romance da Rosa* (Lorris, 1225: 2-8). Logo no Prólogo, o autor refere que “às vezes se podem ter sonhos que não mentem e que, com o passar do tempo, revelam-se verdadeiros” (Lorris, 1225: 3). Menciona, também no mesmo Prólogo, que o sonho pressagia o futuro do ser humano (“o sonho adverte o bem e o mal que acontecerá às gentes”).

encontram, Agamémnon apercebe-se que foi enganado, que o sonho que tivera fora um ardil, e regressam às suas casas.

⁵ Júpiter castiga Prometeu, acusando-o de ter roubado o fogo aos deuses para o dar aos mortais, acorrentando-o a uma rocha. É nesta rocha que Prometeu empreende o seu diálogo com o Coro, referindo-lhe que ofereceu aos mortais a civilização (“Tais como os fantasmas que vemos em sonhos, viviam eles, séculos a fio, confundindo tudo” - Ésquilo, tradução de J. B. de Mello e Souza, 2005: 31). Prometeu, cujo nome significa etimologicamente “antevisão” (No grego antigo *Prometheus* vem de *pro*=antes e *manthano* = aprender, o que significaria aquele que aprende antes - Júnior: 2013, 1), ter-lhes-á ensinado a técnica que lhes permitiu a construção de casas mais sólidas; mostrou-lhes a diferença entre as estações para otimizarem o cultivo e a colheita; inventou para eles a ciência dos números; transmitiu-lhes a importância das artes e das indústrias; ensinou-lhes composições de “bálsamos ou medicamentos” para as enfermidades com que se debatiam; elucidou-os “sobre todos os géneros de adivinhações”; foi o primeiro a “distinguir, entre os sonhos, as visões reveladoras da verdade”, os prognósticos “difíceis”, “fortuitos ou transitórios”, os “augúrios felizes ou sinistros”, entre muitos outros ensinamentos que estiveram na origem da civilização humana (Ésquilo, tradução de J. B. de Mello e Souza, 2005: 33).

⁷ Segundo Virg. A. (Virgílio, in Cascais Franco: 98-117), Eneias desce ao reino dos mortos, guiado pela Sibila que lhe dá um ramo de ouro para levar a cabo a viagem. Nesta descida aos infernos, encontra os terríveis monstros que não são mais que alegorias das dores da natureza humana: o luto, a velhice, o remorso, a doença, o sofrimento, a pobreza, o temor, a fome, entre outros. Na entrada das “gargantas do Orco” (6.103), no vestibulo onde habitam esses fantasmas horrendos, está um “olmeiro opaco, enorme”, que “desdobra os seus ramos e os seus braços seculares, morada, diz-se, de que são assíduos os Sonhos vãos” (6.104). Assustado, enfrenta-os, mas apercebe-se que são almas sem corpo e que, por isso, de nada vale combatê-los. Consegue entrar enquanto o monstro guardião “está sepulto no sono” (6. 107).

⁷ Anquises refere (Virg. A. 6.116): “Há duas portas do Sono: uma, diz-se, é de corno, pela qual as Sombras verdadeiras dispõem de uma saída fácil; a outra, brilhante, feita de um marfim deslumbrante de brancura, mas por onde os Manes não enviam ao encontro ao céu senão fantasmas enganadores”.

Conta, de seguida, o seu sonho, em versos (“para agradar aos corações”)⁸, através do qual viaja para um lindo pomar, onde encontra o Amor.⁹

Já na *Divina Comédia* de Dante, publicada pela primeira vez em 1472 e como *ebook* em 2003 (Inferno, 16-266. Purgatório, 267-523. Paraíso, 524-775), o autor empreende uma viagem pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, com o intuito de reencontrar Beatriz, a sua amada que terá falecido ainda jovem (Torres, 2011: 14-19). No Purgatório, Dante tem três sonhos. O primeiro¹⁰ (Purgatório, 9:328-334) simboliza o salto necessário para chegar a Deus; no segundo sonho¹¹ (Purgatório, 19: 406-412), a sereia é uma alegoria que representa a ilusão dos sentidos a que o ser humano pode estar sujeito e que pode vencer se usar a razão. O terceiro¹² (Purgatório, 27:472-473) tem como intuito mostrar que a vida contemplativa é diferente, mais nobre, em que a sua alegria está em refletir, mas nem sempre melhor que a ativa, que simboliza o trabalho, estando a sua alegria em fazer. As duas são complementares. No fim da sua viagem, chega, finalmente, ao Paraíso, onde é recebido por Beatriz, uma santa, que deixou Dante embevecido só de contemplá-la. Assim, “Volvia o Amor, que move sol e estrelas”.

Para além do sonho, surge, também com bastante relevância na Idade Média, a experiência visionária. Um exemplo dessa experiência surge na obra *Revelações de Deus* (Santa Catarina de Sena, 1370: 2), em que Santa Catarina passou por uma experiência mística (chegando a “parecer morta por várias horas em um êxtase profundo”). A sua alma terá ido conhecer os mistérios divinos, tendo-se libertado do seu corpo e dos seus sentidos, o que foi explicado como “profecia do Senhor”.

No Renascimento, o sonho continuou a revelar um caráter profético, como pode observar-se em *Os Lusíadas*, publicados pela primeira vez em 1572 (Camões, 1974: 163-164), quando D. Manuel adormece e sonha. Um sonho, no qual tem a percepção de ascender ao divino (“que subia/Tão alto, que tocava à prima Esfera”), que se revela premonitório, através de uma prolepse na narrativa, onde lhe aparecem Ganges e Indo, revelando-lhe um futuro promissor por terras do Oriente, ainda que não seja de forma facilitada. Sonhos que Deus envia, mas que estão nas mãos do Homem. É neste que se centra a ação. Dele depende a sua concretização.

No romantismo, o sonho passa a ser um tema literário favorável às divagações da fantasia e à sensibilidade poética. No poema “Kubla Klan” (Coleridge, 1798), o poeta diz que escreveu o poema depois de um sonho que teve, em que ouviu o poema como se de uma música se tratasse. Almeida Garrett, expressou bem a ideia de sonho como fruto da imaginação, do amor não correspondido por um ser amado, que não passa de ilusão, sonhos vãos na sua obra

⁸ De notar a associação do “sonho formosíssimo” à necessidade de o cantar em verso. Já aqui se aborda o verso como a forma ideal para se falar da temática do sonho, única capaz de transmitir a sua real beleza.

⁹ Um pomar onde, para manter o que tem de bom (a juventude, a riqueza, a alegria e a beleza) e conquistar a sua amada Rosa, também se vê obrigado a enfrentar o mal e a esquivar-se às suas emboscadas (o perigo e o ciúme).

¹⁰ Dante vê-se, “pouco antes do amanhecer”, quando “os sonhos são visões quase divinas”, transportado por uma águia, que atravessa o fogo, para o cimo de uma montanha. Esta águia é Santa Luzia.

¹¹ Dante sonha com uma sereia, cujo canto lhe ilude os sentidos. Acaba por ser desmascarada, revelando-se falsos os prazeres por ela oferecidos.

¹² Dante sonha “Naquela hora em que Vénus do Oriente/seus lumes sobre os montes difundia” (Purgatório, canto 27:472, vv.94-95), com Lia e Raquel, esposas de Jacó. Enquanto Lia era fértil, dando a Jacó muitos filhos, tinha os olhos fracos; Raquel era linda mas infértil.

Folhas Caídas, cuja primeira publicação foi em 1853 (s/d, 106 -118)¹³. Mas são estes sonhos favoráveis que o fazem viver e, por isso, se recusa a despertar deles¹⁴. Ainda na obra *A Castro* de António Ferreira, publicada em 1598, o sonho surge com este caráter premonitório, pois, Inês de Castro, quando está face aos algozes, antes de morrer, refere-se ao seu relacionamento amoroso com D. Pedro como um sonho enganador: “Sonhos tristes/ Sonhos cruéis! porque tam verdadeiros/Me quisestes sayr! Ó sprito meu!” (Ferreira, s/d:67).

Muitas outras épocas literárias e autores poderiam ser aqui contemplados, mas as referências feitas e a escolha de autores é meramente ilustrativa, não querendo, com isso, mostrar desconsideração por outros autores que abordaram a mesma temática de forma brilhante.

E é a partir do século XIX que dou início a uma análise mais aprofundada a esta temática, no texto poético de expressão portuguesa, em três momentos distintos, não por ordem cronológica, mas por ordem temática: passado, presente e futuro dos sonhos.

¹³ No poema “Quando eu sonhava”, o sujeito poético exprime a impossibilidade do sonho, quando diz “E era assim que me fugia/ [...] Uma quimera, um vão sonho/Eu sonhava-mas vivia” (vv.3, 13-14).

¹⁴ Assim sucede no poema “Este Inferno de Amar”, quando o sujeito poético refere que “Era um sonho talvez...- foi um sonho- / [...] Oh! que doce era aquele sonhar.../Quem me veio, ai de mim! despertar?” (vv.9, 11-12).

I. O Sonho ao Leme da Leitura

1.1. Os Livros aos Olhos dos Poetas

Os livros são a alma das bibliotecas e o porto de abrigo dos escritores, de entre os quais destaco os poetas. De acordo com Meneses (2000: 187-209), «“Sonhador” e “poeta” na linguagem corrente, são, às vezes, sinónimos», atendendo a que desde há muito tempo que se estabelece uma ligação entre a imaginação na poesia e no onírico. Vernant (1990: 360) menciona inclusive, a propósito dos poetas, que possuíam um sentido superior que lhes permitia um contacto com o mundo dos sonhos a que os restantes mortais não tinham acesso. Vernant refere também que a poesia e o sonho pertencem ao *mythos*, dado que, quer o poeta quer o sonhador, contactam com o inconsciente que lhes confere um saber intuitivo. Também são domínios da sensibilidade, e, de acordo com Aristóteles (384 a. C. - 322 a. C.), no seu *Tratado sobre a Alma*, que terá ganho forma às mãos de Andronico de Rodes, ativo entre 70 e 20 a. C (2001:66), quem tem sensibilidade, tem igualmente imaginação e desejo, uma vez que a imaginação é um domínio da sensibilidade e esta permite que se produzam em nós imagens consoante o nosso desejo. E, nesse sentido, acrescenta que a perceção sensorial faz com que exista a imaginação, que é comum às pessoas sensíveis.

Freud na sua obra *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jenssen* (1907: 18) menciona que os poetas têm conhecimentos mais avançados sobre o inconsciente do que a própria ciência, pois as suas fontes ainda não estariam acessíveis a esta. Os poetas teriam, então, e de acordo com Meneses (1993: 121-132), algo do domínio do não racional, uma inspiração “misteriosa” e obscura, que consegue contactar com a fantasia, os afetos e o desejo. Ultrapassando os limites do real, o poeta transpõe para a linguagem a “imagem do desejo”. A este propósito diz Ricoeur (1977: 17):

Ao fazer do sonho não somente o primeiro objeto de investigação, mas um modelo [...] de todas as expressões dissimuladas, substituídas e fictícias do desejo humano, Freud convida a procurar no próprio sonho a articulação do desejo com a linguagem.

Muitos são os poetas que nos falam da poesia, dos livros, da biblioteca, das próprias estantes como espaços de uma, quase diria, magia. De entre esses poetas, partilho essas emoções poéticas, a título ilustrativo, sem desprestígio para qualquer outro poeta que aborde o mesmo tema.

No poema “Biblioteca Verde”¹⁵ (Drummond de Andrade, 2006: 250-252) fala-nos da paixão pelo livro no sentido de posse física. Queria que o pai lhe comprasse “a Biblioteca Internacional de Obras Célebres”, constituída por “24 volumes encadernados em pelica verde” (v. 2). O primeiro momento, quando o conseguiu, foi o de deslumbramento, quando teve os livros ao alcance das mãos (para “passar a mão no som da percalina”- v.25), ao alcance dos olhos (para “ver figuras. Todas.” - v.28). Só depois, as letras se impuseram e aguçaram a

¹⁵ Em anexo, Poema I: pp. 2-3 (pp. 102-103 da dissertação).

necessidade de ler tudo o que estivesse ao seu alcance. E leu, com alguns tropeções “em filosofias”, cuja leitura voltava a empreender (“cavalgo de novo” - v.40) numa grande avidez de ler. Acaba por reconhecer que aquela biblioteca o dotará de conhecimentos que o acompanharão para toda a vida, ao dizer “Tudo que sei é ela que me ensina” (v.47)¹⁶. Concordo em absoluto e penso que o autor descreveu muito bem o que sinto quando tenho nas mãos um novo livro que anseio muito ler. Há uma série de emoções que vão surgindo com o toque, o cheiro, as imagens (se as tiver).

A leitura, de acordo com Corsino e Pimentel (2014: 261), pode sentir-se como um momento de prazer, de cumplicidade, de interesse, de identificação e de enriquecimento não apenas cognitivo, mas também emocional e sensorial. Mas pode igualmente proporcionar momentos de drama ou conflito interior com questões abordadas que, se nos prenderem enquanto leitores, vivemos intensamente.

Também, segundo Manguel, no seu livro *Uma História da Leitura*, há uma íntima relação do leitor com o livro, pelo facto de o leitor contactar com as palavras com todos os sentidos despertados para essa relação.

O leitor, ao entrar em contato com o livro, estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua.

(Manguel, 1997: 277)

Num livro, tudo fala, tudo comunica e nos transmite sentimentos. É o que nos diz Márcia Delgado, quando afirma:

[...] suas folhas, a capa, as ilustrações, o sumário, o índice, as notas de pé de página, as referências bibliográficas...E mais: seu cheiro, suas marcas, uma palavra sublinhada, uma anotação marginal, um risco vertical, ou apenas as marcas na lombada, denunciando o manuseio e quem sabe, outras evidências de um leitor(a) curioso(a) produzindo leituras, rescrevendo o texto.

(Delgado, 1999: 13)

Já no poema “Pó”¹⁷ (Mexia: 2011, 3-4) refere que, apesar de os livros serem muito valiosos, ganham “marca negra/do pó das páginas” (vv.19-20). E esta marca, que é parte integrante dos livros, também existe e fica ainda mais profundamente em nós, porque os livros “Estão marcados. Nós também” (v.22). Mas nós não estaremos apenas marcados pelo pó, ficaremos eternamente marcados pelos livros que lemos. E há livros que nunca esquecemos,

¹⁶ Este conceito de biblioteca, onde nos conseguimos encontrar a nós próprios, enriquecer e sermos felizes, vai ao encontro do que nos diz Jorge Luís Borges: “yo, que me figuraba el Paraíso/ bajo la especie de una biblioteca. (Tradução pessoal: Eu, que pensava encontrar o Paraíso/sob uma espécie de biblioteca)”. Porque é, com efeito, o paraíso do conhecimento, do saber, da revelação e do prazer de ler.

¹⁷ Em anexo, Poema II: pp. 3-4 (pp. 103-104 da dissertação).

que eternizamos na memória, porque foram, de alguma forma, importantes numa determinada fase da nossa vida. Livros estes que estão em bibliotecas que materializam os sonhos¹⁸.

O poeta tem o dom de ler o mundo e de no-lo dar a ler enquanto leitores. De acordo com Ana Oliveira (2010:47), o mundo mágico da leitura consiste no poder que o poeta tem enquanto artífice das palavras, com a faculdade evocativa de imagens. O verdadeiro leitor é aquele que se permite tocar pelo condão das palavras que o emocionam, deixando-se envolver pelos livros, de tal forma que não dá conta da passagem do tempo. Aliás, o tempo da leitura não é cronológico, mas afetivo.

O livro pode ser aquele que transporta o sujeito poético em sonhos até quem ama. Permite empreender viagens imaginárias até alcançar o que se deseja (Messeder, 2009: 3)¹⁹. Mas é, também, pelo contrário, quando não se alcança esse amor idealizado, aquele que conforta o sujeito poético enquanto confidente das suas mágoas²⁰ (Esplanca, 1988: 54)²¹.

Eugénio de Andrade, no seu poema “Num exemplar das Geórgicas” (Andrade, 1994: 65), personifica os livros como amigos, companheiros de silêncio e partilha nos pequenos episódios e momentos do dia-a-dia:

*Os livros. A sua cálida
Terna, serena pele. Amorosa
Companhia. Dispostos sempre
A partilhar o sol
Das suas águas. Tão dóceis
Tão calados, tão leais.
Tão luminosos na sua branca e vegetal cerrada
Melancolia. Amados
Como nenhuns outros companheiros
Da alma. Tão musicais
No fluvial e transbordante
Ardor de cada dia.*

Em “Dupla delícia” (Quintana, s/d), acrescenta-se que “O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado”. Uma solidão que nos confere o silêncio necessário a uma leitura plena. Mas uma solidão não total, dado que estamos acompanhados pelo livro, pelas suas personagens e pelos sentimentos e emoções que ele nos possa transmitir. Um livro é um sussurro (“rosto virado para dentro/de alguma coisa escura que ainda não

¹⁸ Silas Correia Leite, no seu “Poema da Biblioteca” vê as bibliotecas como “tábuas paralelas, segurando sonhos”(Leite, s/d: v.2). Os livros serão, então, sonhos, porque configuram o “mundo mágico dos poetas” (v.18).

¹⁹ O livro leva o sujeito poético “em viagem” (v.1) a cruzar “o mar” (v.6), “p’ra longe” (v.11), “até ao coração de alguém” (v.17) de quem se enamorou e que o toca “com o seu feitiço” (v.22), “- porque um livro é afinal.../Um pouco da vida” (vv.29-30). Em anexo, Poema III: pp. 4-5 (pp. 104-105 da dissertação).

²⁰ Poema “Estranho Livro”, em anexo, Poema IV: pág. 5 (pág. 105 da dissertação).

²¹ É o que nos diz o sujeito poético do poema “A um Livro”, o “estranho livro” (v.5) é aquele em que o poeta (“Artista da saudade e do sofrer” - v.6) coloca o que o sujeito poético sente (“sem poder dizer!” - v.8), o que precisa de desabafar, partilhar para atenuar a própria dor.

existe”), numa cumplicidade que se cria quando o leitor o abre e se identifica com o que o autor diz, “entre nós e nós”.

*É então isto um livro,
este, como dizer?, murmúrio,
este rosto virado para dentro de
alguma coisa escura que ainda não existe
que, se uma mão subitamente
inocente a toca,
se abre desamparadamente
como uma boca
falando com a nossa voz?
É isto um livro,
esta espécie de coração (o nosso coração)
dizendo “eu” entre nós e nós?*

(Pina, 2011: 9)

Cabe a cada leitor deixar-se envolver nessa elevação espiritual de purificação²², que torna o livro único e que o faz renascer a cada vez que é lido, com um mistério renovado, uma tentação que fascina sempre e conduz à sabedoria.

Não podia esquecer o livro infantil. Cecília Meireles presta-lhe a devida homenagem quando refere:

*Ah! tu, livro desprezioso, que na sombra de uma prateleira, uma
criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e sem figuras, sem
extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda ... tu, sim, és um
livro infantil, e o seu prestígio será, na verdade, imortal. Pois não basta um pouco
de atenção dada a uma leitura, para revelar uma preferência ou uma aprovação.
É preciso que a criança viva sua influência, fique carregando para sempre, através
da vida, essa paisagem, essa música, esse descobrimento, essa comunicação...*

(Meireles, 1979: 28)

Há livros que marcam sobremaneira a infância, que são para sempre recordados. Marcam pela encadernação, pelas ilustrações, pelas palavras e até pela pessoa que no-los deu ou no-los leu. É o que nos diz a poetisa do poema “Livro”²³ (Soares, 2007: 37), onde resume o que pode significar um livro para uma criança: “um amigo” (v.2), ao qual confia os seus segredos; “um navio” (v.4), no qual empreende grandes viagens de descoberta do mundo; “um jardim” (v.6), porque recreativo; “uma escola” (v.8), na qual se aprende eternamente e cujo conhecimento está ali ao alcance de um virar de páginas e de uma leitura atenta; “um abraço” (v.12), que acalenta sempre que mais se precisa (“para além do tempo/ e do espaço”).

²² A “nuvem” de que nos fala António Ramos Rosa (2014: 246), que nos indica que nem todo o livro é claro, esclarecedor porque “Todo aquele que abre um livro entra numa nuvem” (v.1) que jamais “se dissipa mesmo quando a claridade ofusca” (v.14).

²³ Em anexo, Poema V: pp. 5-6 (pp. 105-106 da dissertação).

1.2. Os Livros e os Afetos - O Prazer de Ler

[...] para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais.

(Martins, 1991: 82)

O livro deve, com efeito, ser um meio para atingir conhecimento, de forma crítica e racional, preparando o leitor como cidadão crítico e interventivo. Porém, não se deve mecanizar o ato de ler e colocar num segundo plano o livro enquanto meio de fruição. O poder “sensorial, emocional” (Martins, 1991: 82, v. 3) da leitura decorre do facto de o livro conduzir o leitor por caminhos nunca antes percorridos, reinventados pela imaginação, fazendo sorrir ou chorar, gerando expectativa, ansiedade, êxtase, tranquilidade, conforto, entre muitas outras emoções. O Leitor deve optar pela leitura de livros que o confrontem, o revirem do avesso e lhe inspirem fortes sentimentos, fazendo-o repensar tudo aquilo em que acredita:

Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Se o livro que estamos lendo não nos acorda com uma pancada na cabeça, por que o estamos lendo? Porque nos faz felizes, como você escreve? Bom Deus, seríamos felizes precisamente se não tivéssemos livros e a espécie de livros que nos torna felizes é a espécie de livros que escreveríamos se a isso fôssemos obrigados. Mas nós precisamos de livros que nos afetam como um desastre, que nos magoam profundamente, como a morte de alguém a quem amávamos mais do que a nós mesmos, como ser banido para uma floresta longe de todos. Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo que há dentro de nós. É nisso que eu creio.

(Kafka, in Costa, 1983: 37)

Desde a capa, ao cheiro, às cores, às personagens e aos acontecimentos narrados ou sentimentos em verso cantados, todo o livro é uma experiência sensorial por excelência.

Os prazeres da leitura são múltiplos:

Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para a nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar.

(Morais, 1996: 12)

Morais sintetiza nesta passagem tudo o que a leitura representa. Esta é, com efeito, fonte de conhecimento; mas também de fruição pela linguagem e de sonho. “Lemos para sonhar”, porque a leitura estimula a capacidade de imaginar e lemos “para aprender a sonhar”, dado que o livro nos permite recuperar sonhos perdidos ou deixarmos de ser céticos em relação ao sonho e voltar a acreditar na possibilidade da sua realização. É a capacidade de compreender e refletir sobre o texto, que permite ao leitor fruir do mesmo.

A leitura deve ser reflexiva, levando o leitor a questionar-se sobre o que lê e qual o seu contributo para a vida. O propósito de quem escreve interliga-se com o de quem lê, devendo compreender-se bem o que se lê e a intenção com que se lê. O leitor que possui já um elevado nível de leitura consegue refletir sobre a intenção subjacente às palavras do autor, o pormenor dos detalhes, as inferências, as suposições, que lhe permitem fruir plenamente da leitura feita (Elder & Paul, 2002: 9-20).

É preciso ler, estimular o gosto pela leitura, deixar-se emocionar pelo que se lê, mas com a perfeita noção de que não pode ser uma imposição (“O verbo ler não suporta o imperativo”), como tão bem proferiu Pennac (2002: 11). O desejo estimulado pela curiosidade do leitor é uma condição *sine quae nonne* para uma leitura prazerosa. Não pode ser imposta, porque a obrigação afasta da leitura. Quando um autor tem o condão de prender o leitor ao livro e este lê por iniciativa própria, então esse autor conseguiu atingir o seu objetivo principal - o leitor.

Não é fácil, no mundo atual, continuar a encarar o livro enquanto criador de sonhos. Vive-se numa época repleta de novidades constantes, de tecnologias sempre novas e apetecíveis, que deixam muito pouco tempo para a leitura de paciência, de concentração e de fruição. Um mundo caracterizado pela voracidade, pela volatilidade, pelo descartável e pela efémera concentração (Llosa, 2012: 18). Esta evolução dos tempos leva a uma inevitável alteração dos gostos e hábitos literários: “Os leitores de hoje querem livros fáceis, que os distraiam, e essa demanda exerce uma pressão que se transforma em poderoso incentivo para os criadores” (Llosa, 2012: 18). É preciso, no entanto, recuperar a paciência e a concentração que permitem a fruição na leitura de obras literárias de qualidade, como, por exemplo, os clássicos. O livro exige tempo, muitas vezes a necessidade de voltar atrás para uma melhor compreensão e sólida construção do conhecimento.

Os clássicos são livros onde o leitor encontra sempre algo diferente a cada vez que os relê. Não devem ser impostos na escola, nem lidos como um dever, mas escolhidos por quem lê como livros com que se identificam e amam. O leitor não tem necessariamente de concordar com todas as ideias expressas nesses livros, porque os clássicos não lhe são indiferentes, podendo apresentar ideias que contrastam com as dele (Calvino, 2002: 9-11). Esta leitura não exclui a leitura de autores atuais. Mas são os clássicos que conferem ao leitor uma perceção mais crítica e uma maior compreensão das leituras atuais.

A leitura é fruição, deleite, um prazer que se quer prolongar, envolvendo vários sentidos. Daí a nostalgia que o leitor sente quando está nas últimas páginas ou mesmo quando chega ao fim de um bom livro (Elias, 2007: 18).

Barthes (2002: 20-21) distingue leitura de prazer de leitura de fruição, associando a primeira a uma leitura que o leitor identifica com as suas raízes, ao sonho, sem modelos prévios e que não sai da margem do confortável, da harmonia e do dizível. A leitura de fruição é de rutura, de desconforto, de relação com o texto, individual e imprevisível.

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura.

Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.

(Barthes, 2002: 20-21)

Também Umberto Eco (1981: 153-154) fala da literatura e da fruição, referindo que cada fruição tem um caráter pessoal e o autor, ao produzir a sua obra, tem em consideração essas várias possibilidades de fruição, oferecendo ao leitor espaço para reinterpretar, de acordo com a sua sensibilidade, com as suas características psicológicas, fisiológicas, culturais e históricas.

Na minha opinião, no percurso de leitura, cria-se uma íntima relação com o livro, um afeto pelas personagens, um envolvimento nos acontecimentos, como se a história fosse um pouco nossa, como se as personagens ou os sentimentos abordados fossem nossos. No fim, fica um inevitável vazio que leva o leitor a sentir saudades do momento de leitura. É preciso encontrar imediatamente outro livro que motive e que preencha esse vazio. Quando o leitor termina um livro de que tenha gostado muito, mais difícil será encontrar outro que supere o anterior. Mas, depois das páginas iniciais, se realmente o livro o motivar, o leitor rapidamente se rende à nova história, personagens, versos e sentimentos do novo livro.

O espaço em que se efetua a leitura é igualmente crucial e determinante para uma verdadeira fruição da mesma. O espaço estrutural e estratégico é aquele do qual o leitor se apropria, concebido e materializado através de recursos construtivos adequados ao estabelecimento de relações e processos de identidade físicos e perceptivos. Ele não é, e não pode ser, repetitivo e burocrático, mas desafiador e, ao mesmo tempo, acolhedor. Não há um único padrão, estético ou construtivo, que contemple todas as situações no campo da conceção dos espaços escolares e é verdade que os processos gerais de vinculação dos indivíduos ao espaço ocorrem tanto nos locais pensados e projetados especificamente para educar, como naqueles projetados para outras funções (Taralli, 2009: 37).

Ler ainda é um prazer que está ao alcance de cada um. Essa é uma das funções das bibliotecas, públicas e escolares, e deve continuar a constituir uma das principais preocupações do ensino - proporcionar aos alunos ferramentas que os tornem autónomos na leitura e que, ao mesmo tempo, os motivem para o prazer de ler²⁴. O deleite lúdico da leitura está associado ao desenvolvimento da capacidade leitora, que permite ao leitor fazer inferências enquanto construtor de sentidos e avaliar criticamente o que lê (Prole, 2005: 5). Os professores e bibliotecários são os mediadores de leitura que devem desenvolver atividades com esse intuito. Por esse motivo, se tem vindo a apostar na formação dos mediadores de leitura, como realça Prole, que devem, por sua vez, ser leitores competentes (2005: 8).

²⁴ Existem, atualmente, vários projetos que fomentam a leitura, como é o caso do Projeto *Ler+Jovem*, que já existe desde 2012 e que tem por objetivo principal a (re)descoberta do prazer de ler, no ensino secundário e na camada adulta da população (4.ª edição disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/projectos.php?idTipoProjecto=57>, 28/11/2015).

Os mediadores de leitura têm de capacitar os jovens, de acordo com Santos (2000: 15), fornecendo-lhes a leitura, enquanto ferramenta necessária para os tornar autónomos e lhes possibilitar serem sujeitos ativos do seu desenvolvimento pessoal e intelectual.

Por tudo quanto disse, como diria Castro Alves (1921: 2-3), há que louvar todos quantos semeiam os livros que nos dão prazer.

*Oh! Bendito o que seméa
livros...livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
É gérmen - que faz a palma,
É chuva - que faz o mar.»*

Fica, então, o desejo de que o leitor continue a fruir do prazer de ler, a elevar o pensamento, mantendo a eterna necessidade de conhecer sempre mais e de se desenvolver enquanto ser humano e cidadão.

1.3. Ensinar a ler é ensinar a sonhar - magia, criação, transformação

Leer, leer, leer, /vivir la vida que otros soñaron.

(Unamuno, 1929: 13)

O poder da leitura é inigualável. Como observei no subcapítulo anterior da minha dissertação, a leitura despoleta no leitor o desejo de mais leituras, ficando este ansioso por empreender a leitura de um novo livro mal tenha terminado outro, isto caso não esteja a ler vários livros ao mesmo tempo. Este leitor assíduo é aquele que sente um vazio entre uma leitura e outra. Um bom leitor, ainda que difícil de definir, será, talvez, aquele que consegue, através da leitura, manter-se informado, instruir-se gradualmente, obter uma crescente capacidade argumentativa, ganhar um poder ativo e interventivo enquanto cidadão, mas, ao mesmo tempo, nunca perdendo a capacidade de sonhar, de se reinventar e de se encontrar e reencontrar no prazer da leitura. É preciso empreender, acreditando, um trajeto para os mais jovens que os leve à perceção da importância da leitura, mas também da magia que tem ao permitir ao leitor continuar sempre a sonhar. Nesse sentido, torna-se necessário facultar-lhes a capacidade interpretativa. A leitura pressupõe a compreensão de signos e a produção de sentidos, que faculta uma interação entre o leitor e o texto. A compreensão do texto projeta significados que o processo de interpretação revela (Silva, 1999: 11-19).

O leitor deve interpretar o que lê, podendo ser comparado a um ator, que também tem de interpretar o texto perante o público para chegar a ele. O leitor deve interpretar, prestando especial atenção aos recursos gráficos e lexicais, tentando compreender não o que foi escrito, apenas enquanto leitor real, mas o que o autor teria intenção de dizer ao escrever, enquanto leitor pretendido pelo autor (Olson, 1997: 110-125).

A interpretação, por parte do leitor crítico e reconstrutor de saberes, permite extrair informação textual e contextual, que faculta o reconhecimento do propósito comunicativo do autor (Marcuschi, 1985: 3-16).

O sonho, o devaneio, a criatividade, a sensibilidade e o imaginário, vêm, quanto a mim, complementar o conhecimento, a criação e a transformação. É ao perspetivar a realidade de forma individual, que o leitor cria novas realidades através da imaginação, ideais que vêm dar novo sentido e cor a realidades insatisfatoriamente gastas. Concordo com Gaston Bachelard quando fala da importância do devaneio: “O devaneio de um sonhador é suficiente para fazer sonhar todo um universo” (Bachelard, 1988: 60). O sonho move a vontade e só a verdadeira vontade e predisposição movem o leitor. E a motivação para a leitura nos mais novos, tem necessariamente de passar por aí, correndo o risco de os desmotivar logo, à partida, para a descoberta da leitura, que deve ser vista precisamente como um universo mágico, irreal, que permite sucessivas recriações do mundo, onde tudo é possível, onde tudo pode acontecer. É essa magia criada na motivação para a leitura que vai prender a criança a esse mundo imaginário, ficcional, que lhe permite viajar por onde nunca viajou, conhecer novos espaços, confrontar-se com uma nova noção do tempo. Uma leitura de afetos, de que fala Perrotti (2004:

2), que se apodera do leitor, criando o espaço e tempo da memória, da imaginação e das emoções, que o leva a esquecer o mundo exterior, enquanto o invade na sensibilidade de uma viagem interior.

A motivação para a leitura deve começar em casa, no seio da família. A criança tende a imitar alguns hábitos dos pais. E é desde muito cedo que estes a influenciam enquanto futura leitora, como diz Menezes:

Os hábitos transmitem-se de geração em geração e criam-se através de modelos, por isso pais que leem e valorizam o livro levam a que as suas crianças compreendam o papel e a importância da leitura e é provável que se venham a tornar bons leitores.

(Menezes, 2010: 27)

Na minha opinião, a família deve ter um papel interventivo²⁵. De nada serve mandar ler por obrigação, impedindo os filhos de se deixarem absorver pelas novas tecnologias, porque isso acaba por ter o efeito inverso. É preciso fazê-los entender que há tempo para tudo: para a televisão, para estar nas redes sociais, para jogar no telemóvel ou no computador, para ler, para namorar, para sair com os amigos, para estudar, para sonhar e ter projetos de vida, entre múltiplas atividades do interesse deles. Desde que, em todas estas situações, haja algum critério e sentido crítico, para que não constituam uma perda de tempo, sem qualquer benefício pessoal. É necessário, enquanto família, criar o ambiente propício à descoberta do livro, à consciencialização do conhecimento que o livro pode proporcionar e à certeza de que o livro continuará a ser sempre companheiro de viagens, sonhos e conquistas pessoais.

Na construção de leitores ativos, os pais têm um papel fundamental, pelo valor que dão à leitura no dia-a-dia, em todas as suas práticas, atendendo ao facto de essa cultura familiar da leitura se refletir, depois, no desempenho escolar dos filhos (Azevedo e Sardinha, 2009: 3-4).

A literacia familiar difere consoante as divergências da própria família no que se refere ao tipo de práticas que desenvolvem e a frequência com que as fazem (dia-a-dia, entretenimento, treino). As crianças, independentemente das classes de que são oriundas, apropriam-se mais facilmente da linguagem escrita e da sua funcionalidade através de atividades lúdicas de leitura e escrita, inseridas em rotinas diárias e em momentos de lazer, do que através do ensino preocupado das letras, palavras, nomes descontextualizados e pouco funcionais. Estas crianças apresentam conceções menos evoluídas (Mata e Pacheco, 2009: 1741-1750).

A leitura é um ato subjetivo, que se estimula ou não de acordo com o próprio leitor, com o ambiente familiar, com as motivações sociais e escolares, com o contexto em que se

²⁵ São várias as atividades propostas para um acompanhamento familiar na leitura. A título de exemplo, a “Leitura com os pais e com a família”, uma proposta do Ministério da Educação (http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/lermaisemfamilia/uploads/livro_de_leituras.pdf 29/11/2015). Também a “Brochura para Famílias”, igualmente do *Plano Nacional de Leitura*, dá dicas muito interessantes aos pais, com propostas de livros para as diferentes faixas etárias (http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/lermaisdaude/upload/brochura_familias.pdf 29/11/2015).

vive. Quando ainda se ouve os pais dizerem aos filhos que não há dinheiro para livros e até compram trivialidades mais dispendiosas; quando se ouve dizer que não há tempo para passar na biblioteca, recomendando ao filho/a que leia novamente um que tenha em casa, que já tem livros a mais, que o livro como presente de Natal ou aniversário é uma superfluidade, que se tivessem oferecido roupa, seria mais útil... Enquanto for assim, será necessário continuar a batalhar para transformar mentalidades e fazer perceber a real importância da leitura. Pereira *et alii* (2012: 4) referem que não se deve culpabilizar a família, dado que esta, na sua rotina de compromissos profissionais, acaba por atribuir à escola toda a responsabilidade da educação dos seus filhos. Consideram esta uma atitude errónea, pois, por exemplo no que concerne à leitura, os estímulos simples que os pais possam dar são de extrema importância. Também é o que diz Cassiano:

O estímulo à leitura deve ser iniciado com o hábito de ler em família, fazendo da leitura algo cotidiano, pois esse é um processo que a torna algo simples e natural. Mas a realidade é outra, muitas vezes, a família não participa da educação para a leitura.

(Cassiano, 2009: 8)

Pressupõe-se a existência de três níveis básicos de leitura: o sensorial, o emocional e o racional. Em relação ao primeiro, começa muito cedo e acompanha-nos ao longo da vida, é aquele que se realiza através dos sentidos e que propicia à criança a percepção do livro como especial. Na leitura emocional tendemos a colocar-nos no lugar das personagens, mostrando-se fundamental as sensações provocadas pelo texto no leitor. A leitura racional ocorre a um nível mais avançado, em que já se aprecia a linguagem artística. É dinâmica, reflexiva e permite ao leitor indagar-se e indagar o universo (Martins, 1991: 40-66).

É igualmente importante o papel da escola e do professor/a neste processo de aquisição de uma proficiência leitora. O/A educador/a ou professor/a vem acrescentar a uma valorização da leitura, instigada pela família, o saber-fazer que lhe permitirá fornecer aos alunos os saberes adequados à obtenção de competências no âmbito da literacia. Poderá, por exemplo, pedir aos seus alunos periodicamente recensões ou comentários críticos e estimular a divulgação desses textos à comunidade. Deve ter em consideração as divergentes culturas, línguas e experiências de literacia, adaptando os currículos aos alunos. Nas situações de tutoria, o/a professor/a poderá fazer um acompanhamento mais individualizado e apoiar o aluno e familiares na aquisição de competências em literacias. A escola pode promover a sensibilização para a leitura junto das famílias com ações, panfletos, jornal escolar, blogue da escola, portfólios ou informações na página *web* da escola. Poderá ser utilizado um guião para as conversas entre o professor e os pais e tidas em consideração as datas proporcionadas pelo calendário para celebrar a literacia (Azevedo e Sardinha, 2009: 1-16).

Ao/À professor/a compete, assim, desenvolver estratégias que facilitem a obtenção de aptidões essenciais à compreensão da leitura e à formação de um leitor autonomamente competente, através da motivação inicial, da interação e diálogo com o texto, da compreensão da leitura, do desenvolvimento do espírito crítico e da capacidade de construir informação a

partir das aquisições feitas. Claro está, sem coerções, respeitando o ritmo pessoal de cada aluno, mas sem nunca desistir do objetivo proposto.

A motivação intrínseca da leitura é destruída pela repressão, pela avaliação e pela competição (no sentido da comparação social). É aconselhável favorecer a autodeterminação e a autoestima, como bases fundamentais para o ensino da leitura (Lieury, 1997: 104).

A escola desempenha um papel fundamental na formação de jovens enquanto cidadãos de uma sociedade da informação, porque é um espaço de aprendizagem, no qual são conferidos os meios para a construção do conhecimento, das atitudes, dos valores e das competências. Os professores surgem, neste contexto, como um dos agentes promotores desta sociedade da informação. Com o acesso que a maior parte dos jovens tem atualmente à informação facultada pelos novos meios de difusão, os professores são fundamentais neste processo de gestão e organização da informação que lhes chega. Com os novos instrumentos pedagógicos, incluindo os manuais (agora interativos e com recursos virtuais), as aulas deixaram de ser meramente expositivas, passando a exigir um conhecimento e domínio, por parte dos professores, destes instrumentos. Para tal, necessitam de formação contínua e de uma abertura para a inovação e mudança, através de um questionamento constante das suas práticas pedagógicas. Não será suficiente, nesta época, limitarem-se a difundir os saberes curriculares. Torna-se necessário ensinar a pesquisar, a seleccionar, a tratar as informações, com sentido crítico e criterioso (*Livro Verde*, 1997: 43-49).

A Escola do futuro deve ser construída pela valorização da criatividade e da capacidade de sonhar, a par da aquisição de conhecimentos para contribuir para uma geração de cidadãos socialmente interventivos.

A criatividade para mim não é só ter ideias, mas saber realizá-las é unir sabedoria e concretude [...] Para que se obtenha um grupo criativo, é preciso fazer conviver pessoas que sejam prevalentemente sonhadoras e pessoas prevalentemente concretas. [...] Mas não basta uma mistura adequada de pessoas, é necessário uma liderança carismática que saiba guiar o grupo na direção de metas compartilhadas por todos os integrantes, num clima de entusiasmo e de jogo.

(Masi, 2000: 197-198)

Essa “liderança carismática” deve, neste caso, partir do próprio professor/a, que, não o conseguindo, poderá sempre encontrar estratégias que tragam à escola pessoas assim, que criem o clima propício, que constitua um ponto de partida para a motivação para a leitura. Para tal, pode contar-se com as bibliotecas escolares, com as bibliotecas públicas, com escritores, entre múltiplas atividades que já existem com o fim de proporcionar essa motivação.

Há uma necessidade de mudança da escola, no caminho da transversalidade, uma escola que não seja estática, mas pluridimensional e multidimensional, com um ensino mais coletivo e sem compartimentações. Era nesta escola em mudança que faria sentido o desenvolvimento de uma capacidade leitora transversal, em que as várias aprendizagens seriam efetuadas a

partir da unidade da língua, sendo que a aprendizagem da leitura não se pode dissociar da aprendizagem da língua (Sardinha, 2010: 405-412).

O leitor, acima de tudo, necessita de uma capacidade de abstração durante o seu processo de leitura, o que exige silêncio, solidão e introspeção.

A escola, que se quer hoje dotada de estratégias diversificadas e metodologias adequadas às práticas sistemáticas de leitura e um espaço harmonioso, articulado, estruturado e estruturante, deve proporcionar ao aluno leitor a capacidade de se desenvolver cognitivamente, linguisticamente e culturalmente, proporcionando-lhe o contacto com uma série de textos que o auxiliem neste seu processo de formação enquanto leitor socialmente interventivo, pessoalmente culto, ativo, capaz de se deixar envolver pela beleza estética do texto e comover-se emocionalmente pelos afetos transmitidos pelo livro, capaz de captar informação e de a transformar em conhecimento. Deve ainda a escola dotá-lo da competência linguística que lhe permita uma descoberta constante da expressividade da linguagem, lhe faculte o poder de argumentação e de fundamentação coerente de ideias, a liberdade de pensamento, e, conseqüentemente, um desenvolvimento das suas capacidades orais e escritas.

Num mundo marcado por mudanças, como o atual, a escola e a biblioteca têm um papel fundamental, com a responsabilidade de prepararem as crianças para a literacia, através, fundamentalmente, do domínio da leitura, seja didática ou como entretenimento/prazer, mas que permita a compreensão da informação e o desenvolvimento do conhecimento que, depois, também se refletirá a nível escrito (Furtado, 2009: 1-12).

Assim, a biblioteca escolar deve, acima de tudo, estar aberta à mudança, não só na aquisição e divulgação de informação e do contacto com a leitura numa cultura da literacia, mas na forma como se chega a essa literacia, num ambiente de aprendizagem informal, com atividades lúdicas e culturais que sirvam cada vez mais de incentivo à leitura e à escrita e que abranjam um público diversificado, onde a família e a comunidade sejam contempladas.

A literacia está na base da cidadania, dado que fornece a capacidade de agir em sociedade e de exercer os direitos. Mas essa cidadania deve ser ativa, no que concerne ao desenvolvimento pessoal, social, económico e profissional. A literacia permite dotar do conhecimento necessário para se ser um cidadão socialmente interventivo. A leitura é um caminho para esse conhecimento, porque faculta o desenvolvimento linguístico, cognitivo, cultural e afetivo ao proporcionar a possibilidade de evasão, de descoberta de novos espaços, novas pessoas (por meio das personagens), vivências, culturas, épocas... A aquisição de competências leitoras facilita a compreensão do próprio mundo, o desenvolvimento social, o desenvolvimento comunicacional e a aquisição de saberes (Carvalho, 2011: 109-126).

Destaca-se também, nesta abordagem, a ideia de que é importante para um leitor proficiente e ativo o contacto com textos de diversas tipologias, literários e não literários, partindo do pressuposto da importância que tem a leitura na aprendizagem, em termos académicos e a leitura na prática diária, a nível profissional.

O/A professor/a tem, neste processo de aquisição de proficiência leitora, um papel fundamental, pois compete-lhe desenvolver estratégias que facilitem a obtenção de competências essenciais à compreensão da leitura.

Termino este ponto com uma afirmação de Carlos Ceia (2004) que sintetiza, de forma muito clara, a importância da leitura, ao referir:

Quem lê, vê mais; quem lê, sonha mais; quem lê, decide melhor; quem lê, governa melhor; quem lê, escreve melhor. Poucos são os atos que valorizamos e que praticamos que não possam ser melhorados com mais leitura.

1.3.1. Ensinar a Sonhar através da leitura enquanto mãe

Como mãe, penso que terei estimulado nos meus filhos esse gosto pela leitura e pela escrita. Ainda grávida lia, lia muito e em voz alta. Desde o nascimento dos meus dois rapazes, não deixei de ler, lia-lhes histórias infantis e até livros que eu, por essa altura, andasse a ler. Lia de forma empolgada, com ritmos diferentes, que despertavam neles algumas gargalhadas e caricatas expressões faciais. E, desta forma, ler, com eles, começou como uma diversão, em vários momentos do dia, sempre que fosse possível. O livro passou, assim, a ser um dos seus brinquedos preferidos, que não faltava na lista de presentes que faziam através da *Carta ao Pai Natal*.

Mesmo antes de aprenderem a ler, fingiam ler, seguindo com o indicador as letras abaixo das ilustrações, criando histórias que eu escutava sempre com atenção e entusiasmo. Mesmo antes de aprenderem a ler, aprenderam a sonhar, a criar a partir dos livros, proporcionando-nos momentos mágicos únicos. Ampliaram o poder da imaginação e, em muitos momentos, mesmo sem o livro, qualquer objeto que estivesse presente no quarto, poderia servir para empreender grandes histórias. Personagens que saíam de caixas, de cima do roupeiro, portas mágicas que imaginávamos onde não as havia, tudo constituía um mote para uma história cheia de ação e imaginação.

Quando aprenderam a ler, passaram por uma fase em que já não queriam que fosse sempre eu a ler as histórias; também queriam ler em voz alta. Chegavam mesmo a corrigir-me a leitura, considerando que não estava a entoar devidamente as falas de alguma personagem. Momentos mágicos para eles e para mim, em que perdíamos a noção das horas, até chegarmos a adormecer com o livro nas mãos. E o livro foi ganhando espaço na mesa-de-cabeceira, na mesinha da sala, numa estante que foi crescendo no escritório, como se fizesse parte da família. O próprio facto de verem os pais lerem sempre ao deitar, fez com que o livro estivesse constantemente presente nas nossas relações familiares.

E, assim, passaram por várias fases de leitura: do livro infantil, do infanto-juvenil, até aos clássicos e romances atuais. Fomos sempre partilhando leituras, pois fiz questão de acompanhar o que liam, debatendo interpretações diferentes das mesmas histórias, compreendendo perspectivas opostas. Não deixei, no entanto, de ter sempre um clássico na mesa-de-cabeceira e, a certa altura, eram eles que questionavam se aquele livro era bom, se não seria enfadonho e perguntavam sobre o que falava. Aí, no meu papel de leitora e de mãe,

aguçava-lhes o apetite, lendo-lhes uma passagem que, conscientemente, sabia que deixaria latente uma curiosidade que os levaria a tentar ler o livro. Nem sempre o conseguiram à primeira, mas voltaram, mais tarde, quando sentiram que tinham criado a maturidade necessária para a compreensão do mesmo. Nunca lhes impus uma leitura, deixava que escolhessem os livros, orientando-os disfarçadamente para que nunca o sentissem como uma coação. Hoje são jovens adultos que leem, se calhar mais do que eu própria. E, sem pretensões, sinto que fiz um bom trabalho na promoção do gosto deles pela leitura.

Este aparte de cariz pessoal tem como simples intenção realçar a importância da família no estímulo pela leitura.

1.4. Uma Leitura de si para uma Leitura do Mundo

A leitura é, como já o afirmei antes, um processo subjetivo que permite ao cidadão a consciencialização da sua realidade, das suas vivências, dos seus pontos de vista e da sua qualidade enquanto cidadão interventivo, devidamente esclarecido sobre os seus direitos e deveres. De acordo com Cagliari, é importante que o leitor decifre o que está escrito para que compreenda o que o escritor quis transmitir (Cagliari, s/d: 76). O que significa que se deve compreender a linguagem para descodificar a mensagem lida, construir conhecimento e formar uma opinião sobre o que se lê. Começa-se por converter, no entender de Cagliari, aquilo que está escrito em linguagem oral, tendo sempre em consideração a importância da decifração (“Decifrar é entender como a escrita funciona” - Cagliari, s/d: 76)²⁶.

Segundo Rajagopalan (2003: 29), um atributo da leitura é o facto de ser uma forma de representar o mundo, ao mesmo tempo em que exerce a função de agir no e sobre o mundo.

A ideia de que a função principal e imprescindível da linguagem seja a de representar o mundo está muito fortemente arraigada entre nós e escancaradamente presente em quase todas as teorias linguísticas.

(Rajagopalan, 2003: 29)

Entre a linguagem e os meios sociais há ligações intrínsecas. Dessa forma, o sujeito depende da linguagem para fazer parte da sociedade e expressar-se nela.

Bakhtin (1997: 41) refere-se à palavra como o modo puro de relação social, entrando em todas as relações entre as pessoas, em vários domínios (cooperação, ideologia, quotidiano, política, entre outros), sendo, por isso, o indicador mais perceptível de todas as transformações sociais. Desta forma, entende-se que o leitor é alguém que se integra num contexto social, mas que não perde de vista as suas próprias e peculiares expectativas de vida e os sonhos que motivam a leitura que empreende.

Segundo Paulo Freire, há três fases distintas no ato de ler, nomeadamente a leitura do mundo, a leitura da palavra e a leitura do mundo através da palavra.

Freire conta a sua experiência pessoal, o momento em que efetuou a leitura do mundo, em que se movia quando era ainda criança, em que tudo o que o rodeava tinha ainda muito sentido para si. Refere também que a este momento se seguiu a leitura da palavra. A sua infância, com tudo o que o cercava, oferecia-se-lhe como o mundo da sua perceção, como o mundo das suas primeiras leituras em determinado contexto. Quando passou à fase seguinte, a da leitura da palavra, sentiu que não houve um corte com a leitura do mundo. Com a leitura da palavra, fez a leitura do mundo e a releitura do seu próprio mundo (Freire, 1989: 9).

Para Paulo Freire a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquela. Freire considera que um espaço pode ser lido em todas

²⁶ Também na poesia essa decifração é fundamental. O leitor deve ser persistente na tarefa de desvelar o sentido do texto, tendo, para tal de “Ver claro”, como nos diz Eugénio de Andrade no seu poema com esse título: “Toda a poesia é luminosa, até/ a mais obscura./ O leitor é que tem às vezes,/ em lugar de sol, nevoeiro dentro de si./ E o nevoeiro nunca deixa ver claro./ Se regressar/ outra vez e outra vez/ e outra vez/ a essas sílabas acesas” (Andrade, 2007:15).

os seus constituintes (arquitetónicos, estéticos, pictóricos, psicológicos e sociológicos), implicando a conjugação de muitos fatores (sentimentos, emoções, memórias, valores, crenças, amores e ódios). Ler o espaço significa olhar em torno e sentir interiormente (Freire, 1989: 9).

A leitura é uma competência gradualmente adquirida, se for dada ao leitor a argúcia e liberdade necessárias. Se houver autonomia e iniciativa na contemplação do mundo por parte do sujeito, haverá maior consciência crítica. Esse sentido crítico, que advém do facto de ser um leitor questionador, atento e reflexivo, permite-lhe distinguir o seu mundo e a ficção. A escola deverá contribuir para a formação desse leitor competente (Resende, 1985: 52-72).

Compete à educação fornecer uma espécie de bússola que oriente as navegações, no complexo mundo da informação atual. A educação deve ter como polos fulcrais de aprendizagem, os seguintes: aprender a conhecer, com tudo que esse processo implica, nomeadamente a aquisição de instrumentos da compreensão a par do prazer de compreender, conhecer e descobrir; aprender a fazer, para se desenvencilhar no mundo envolvente e discernir o que é importante, despertando a criatividade intelectual que aguça o espírito crítico; aprender a viver juntos, cooperando ativamente com os outros; aprender a ser, que implica a realização da pessoa na sua totalidade, enquanto indivíduo, membro de uma família e coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos, que integra as três anteriores. Do início ao fim do ensino, é imprescindível adquirir uma vasta cultura geral, enquanto abertura de outras linguagens, de outros conhecimentos. Aprender para conhecer pressupõe o aprender a aprender, exercitar a memória, a atenção e o pensamento. Este é um processo inacabado, aberto ao enriquecimento constante de novas experiências (Delors, 2007: 1-12).

A motivação baseada na criação de ficção, na imaginação e na criatividade, não deixa em segundo plano a aquisição do conhecimento. Crianças e jovens motivados têm maior predisposição para aprender a linguagem e as técnicas fundamentais e tornarem-se leitores competentes. A escola deve ser um espaço de mediação entre o sujeito e o mundo, sendo imprescindível que haja uma leitura que não se feche em si própria, mas que permita o contacto com o exterior, com a vida. Essa é uma leitura que contribui para a evolução do sujeito, que impulsiona a compreensão crítica e que, conseqüentemente, contribui para a mudança (Resende, 1985: 58).

Ousaria, aproveitando uma outra afirmação de Vânia Resende, partir para uma interpretação comparativa entre o que diz sobre este leitor crítico competente e o que menciona Fernando Pessoa no seu poema “Autopsicografia”:

A leitura manterá a sua função crítica se o leitor assumir a condição de re-escritor. Se a voz do escritor impõe um dirigismo e uma intenção explícita na linearidade do texto, a sua obra é pobre enquanto arte literária, deixando de oferecer-se para um diálogo aberto e fértil.

(Resende, 1985: 55)

*O poeta é um fingidor
Finge tão completamente*

*Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente*

*E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm*

(Pessoa, s/d: 54, vv.1-8)

O processo criativo ficcional referido neste poema de Fernando Pessoa relativamente à escrita poderá aplicar-se também à leitura e ao leitor. O escritor, no seu processo de criador de ficção, dirige-se ao leitor, esperando que este entenda que o sentimento sobre o qual escreveu (“a dor”), já não é o mesmo que ele próprio sentiu enquanto sujeito antes de a colocar no papel, constituindo uma recriação artística da dor através da palavra escrita. E o leitor, este leitor crítico, reflexivo e competente de que fala Vânia Resende, é aquele que percebe que o sentimento lido já não é o sentido pelo poeta, o escrito pelo poeta, porque o leitor, enquanto re-escritor, dialoga com o texto e recria a dor, que, por sua vez, já não é também a sentida pelo próprio leitor, mas sim o sentimento recriado pelo leitor ao ler, que ele não tem, mas que compreende. E é esta capacidade de ler que permite uma interação profunda com o texto, uma percepção que advém do diálogo profícuo em que Resende insiste ao falar da competência leitora.

Tudo o que disse até agora vai ao encontro do que diz Manzano:

*Tudo quanto um homem lê é por ele pessoalmente recriado, voltado a criar.
[...] Mas o leitor, além de recriar, recria-se, cria-se a si mesmo de novo, volta a criar o seu próprio espírito.*

(Manzano, 1988: 13)

Esta capacidade de criar ficção, pelo autor e recriar ficção, pelo leitor, é realmente um trabalho de modelagem, como afirma Mário de Carvalho:

Ficção vem do latim fingo, que significa modelar, formar. O termo está originariamente associado ao trabalho do oleiro. Partilha o étimo com o substantivo fingimento. Não deixa de ser curiosa a coincidência com a lenda bíblica em que o criador forma o homem do pó da terra.

(Carvalho, 2014: 47)

Tendo em conta estes estudiosos da leitura, concluo que cada um de nós, a partir de experiências que vivencia, edifica um conjunto de sentidos particulares, de significados, que vai ampliando a sua própria compreensão textual. E, nesse sentido, ler é atender ao contexto de produção textual, é recuperar o mundo que o escritor nos dá a conhecer através da palavra. É conseguir também articular o mundo que resgata do contexto com os seus próprios conhecimentos, para, assim, conseguir uma interpretação do texto mais rica, crítica e válida. E o conhecimento que adquire enquanto leitor permite-lhe não só o seu desenvolvimento pessoal, mas também o de sujeito integrante e atuante no mundo.

1.5. Do leitor ao escritor - sonho, originalidade, competência e aptidão

Leia muito, leia por gosto, leia por curiosidade, leia por desfastio, leia por obrigação, leia por indignação, mas leia, leia de tudo, sem preconceitos nem reservas.

(Carvalho, 2014: 28)

Partindo desta afirmação, pode-se inferir que o escritor é, por norma, um leitor, no verdadeiro sentido da palavra, competente e crítico. É o leitor que compreende, interpreta e intervém, que é consciente e livre. E é a leitura que lhe permite desenvolver o domínio da linguagem, no que concerne às estruturas semânticas, sintáticas, pontuação, coerência e coesão, regras ortográficas, gramaticais e tipologias textuais. A competência linguística, não se cinge às regras gramaticais, mas também ao conhecimento da língua enquanto processo dinâmico com um determinado propósito comunicativo. Nesta competência linguística, estão subjacentes a competência organizacional (morfologia, sintaxe, vocabulário, coerência e coesão) e a competência pragmática (estrutura formal da língua, organização de frases na construção textual). Estas competências interagem entre si e com o contexto em que são produzidas (Bachman, 2003: 84-88).

A originalidade do escritor não nasce consigo, ainda que possa existir uma aptidão pela escrita. Um escritor tem de ser crítico, ao ser o primeiro leitor do seu próprio texto: “é o primeiro leitor, o primeiro crítico de si mesmo” (Kiefer, 2010: 6); ousar pôr em causa o que se decide a escrever; pesquisar, para confirmar e ser o mais fidedigno possível; questionar o que diz e por que diz; observar com perspicácia, para poder relatar, ainda que possa recriar; ser convicto de que consegue ultrapassar obstáculos e alcançar o objetivo a que se propôs; ser obstinado, para não desistir, para não se deixar levar pela inércia e pela derrota de um livro inacabado e, por último, trabalhar incansavelmente no seu projeto (Kiefer, 2010: 14-18). O escritor é aquele que escreve com prazer e que se distingue do autor, o profissional que dá a conhecer a sua obra e se vai esquecendo de que foi, antes de ser um autor, um escritor: “Aos poucos, enfim, o autor, auxiliado por esses profissionais competentes, vai matando o escritor, fazendo-o esquecer-se de que escrever e sonhar são uma coisa só e que se esgotam no próprio devir” (Kiefer, 2010: 6).

É evidente que o escritor não pode perder de vista o leitor, pois é para ele que escreve: “São precisos dois para dançar o tango” (Carvalho, 2014: 43). É imprescindível a coexistência do escritor e do leitor para que o que se escreve possa ser compreendido e interpretado por alguém, dando, assim, razões válidas para se ter escrito: “É sempre um outro que dará sentido à nossa obra” (Carvalho, 2014: 44). Nem sempre é fácil escrever sem se deter em banalidades do senso comum e despertar verdadeiramente o interesse do leitor: “Difícilmente conseguirá ser inovador e original quem não considerar os outros” (Carvalho, 2014: 29). Para chegar ao leitor, o escritor precisa de ser criativo, crítico e ativo, sem deixar de escrever com autenticidade, havendo, para tal, também a necessidade de uma boa seleção de fontes. Até

porque o escritor precisa de ter em consideração a existência de diversos tipos de leitor - aquele que lê poucas páginas, porque de cada vez que lê, a sua mente vagueia, acabando por afastar-se do livro; aquele que lê atentamente, detendo-se nos mais ínfimos pormenores, considerando-os todos preciosos, e relê para encontrar ideias escondidas nas entrelinhas; aquele que relê os livros, encarando esta releitura como a primeira vez, pois continua a deslindar emoções e acontecimentos novos e que, ao reler consegue aumentar a distanciação crítica; o leitor que considera que cada livro que lê faz parte do grande livro único que constitui o conjunto das suas leituras; o leitor que entende que o livro único é o que existe para além do tempo, procurando em cada leitura o livro da sua infância, que não é fácil de encontrar; o leitor que se detém sempre antes no título, na capa, no início do livro, para o qual mais importante que a leitura é a promessa da leitura; aquele para o qual o mais importante é o que está para lá do final do livro e que ele procura desvendar. São tantos os tipos de leitor, que nem sempre é fácil escrever para um em específico. Às vezes, o próprio escritor fica surpreendido com os tipos de leitor que consegue captar para a leitura do seu livro. Por isso, o escritor tem sempre a aprender com o próprio leitor, que lhe vai dando indicações do que gosta, como gosta e porque gosta (Antunes, 2003: 46).

Deixar-se levar pelo sonho e pela imaginação pode ser muito interessante, mas não deve o escritor esquecer-se de planificar o que vai escrever, atender a uma necessária continuidade semântica, deter-se na estruturação (generalização, abstração e concetualização), linguagem, estilo, recriação, releitura, revisão e reescrita (Contente, 1995: 31).

Na produção de textos são indissociáveis várias dimensões: social, pelo facto de estar relacionada com o meio no qual surge, bem como com as normas da comunidade de discurso e interação com leitores e outros escritores; a dimensão cognitiva, em que importa, por exemplo, a atenção e a memória na resolução de problemas e a dimensão linguística, em que é necessário obedecer a um conjunto de regras e de convenções (Festas, 2002: 173-183).

A linguagem literária comunica expressivamente, revelando a atitude e o tom do escritor. Não afirma ou exprime apenas o que diz, tenciona influenciar a atitude do leitor, convencê-lo e, se possível, transformá-lo (Wellec e Warren, 1942: 24-25).

O escritor não pode, simplesmente, decidir contar, por exemplo, as suas memórias pessoais que, por mais interessantes que estas sejam, podem tornar-se maçadoras para o leitor. Precisa de recriar, ficcionar essas memórias, para as tornar interessantes aos olhos do leitor. Reinventá-las através da linguagem literária. Cecília Meireles dizia, no seu poema “Reinvenção”,

*Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível,
reinventada.*

(Meireles, 1972: 94, vv.9-11)

A reinvenção e a ficção são a melhor forma de captar o interesse. É preciso alcançar o leitor com arte e, como proferia Fernando Pessoa,

Que este processo de fazer arte cause estranheza, não admira; o que admira é que haja coisa alguma que não cause estranheza.

(Pessoa, 1996: 95)

Quanto a mim, é esta “estranheza” que prende o leitor ao livro. Nem sempre é fácil ser inovador e diferente no processo de escrita. Nem sempre uma obra de arte nasce com esse propósito pré-definido. Às vezes, é partindo de acontecimentos que o escritor observa enquanto espectador da vida, que consegue criar personagens credíveis e verosímeis, acontecimentos que captam, de alguma forma, a atenção do leitor. Também pode partir de traços de personagens e acontecimentos que lhe despertaram a atenção num clássico, para criar ou recriar uma personagem, um novo acontecimento, dando-lhe novos contornos e trazendo-o até à realidade atual. É realmente fundamental que o escritor consiga chegar ao leitor, seja porque o confronto com ideias diferentes das suas e com a sua própria visão do mundo, seja porque se identifica com o que escreve, de tal maneira, que o livro fica como referência.

Alguns escritores entram na vida da gente com estardalhaço, arrancam portas, destroem preconceitos, iluminam regiões obscuras de nossa consciência com o poder das tempestades. Outros se instalam aos poucos, como se nos visitassem e a cada visita fossem demorando-se um pouco mais. Em lugar dos raios, trazem uma lâmpada de querosene, ou uma vela.

(Kiefer, 2010: 68)

Kiefer fala ainda da existência dos quatro mundos da criação, nomeadamente o mundo da emanção, que consiste na ideia que inspira a conceber a possibilidade de escrever; o mundo da criação, em que a ideia se transforma em palavra, que é o momento da escrita que se deixa fluir; o mundo da formação, que implica a realização de um plano do que se pretende, sendo o momento em que a ideia se consolida e o mundo da ação, que é a construção em si, o investimento que cada um coloca no que escreve e em que tem um objetivo definido (Kiefer, 2010: 64).

Ao leitor cabe também desempenhar o seu papel, compreender o texto, fazendo, assim, parte integrante da história (Eco, 1994: 7-9).

Por isso a fundamental relação entre o escritor e o leitor. Os dois têm um papel fulcral neste processo de escrita. O livro só existe porque ambos existem. O texto ganha efetiva existência quando o escritor deixa de existir. É aí que o texto ganha vida, quando o leitor, com a sua generosidade, completa o texto (Manguel, 2004: 101).

Ao leitor compete, então, retomar a tarefa do escritor e dar nova vida ao texto, a cada leitura, recriando-o e recriando-se a partir da leitura, porque com a leitura o escritor ganha conhecimento e maturidade e, quanto mais lê, mais se recria (Manzano, 1988: 13).

Uma obra literária não tem apenas a função de dar prazer ao leitor, atendendo a que nela se fundem o prazer e a utilidade, devendo transmitir uma seriedade aprazível, não podendo limitar-se à necessidade de instruir como um dever a cumprir, mas sim através de uma instrução estética e de percepção, que estão na origem do prazer (Wellek e Warren, 1942: 33-34).

Segundo Gouveia, o que distingue o escritor de ideias do escritor artista é o facto de este último, para além de utilizar a clareza e a lógica, atuar também pelo prazer, sentimento e imaginação. A sensibilidade é um fator de inspiração que deve ser racionável, construída pela inteligência e com espírito crítico (Gouveia, 1986: 389-395).

Em suma, não basta querer ser-se escritor, é preciso ser-se empenhado, crítico, ter em conta o leitor a quem se pretende chegar (sem contar aquele a que pode chegar sem que tenha sido previsto), sem desistir do seu sonho de escrever, mas investindo nesse sonho com paixão, dedicação e persistência.

1.5.1. Experiência Pessoal com um Filho que Sonha ser Escritor

O sonho de ser escritor é um sonho comum a muita gente. Nem todos têm a autodeterminação e as competências necessárias para perseguirem o seu sonho e concretizá-lo.

Há, à partida, uma série de obstáculos que se interpõem entre o sonho e o sonhador. O primeiro é, certamente, o facto de poucos escritores poderem fazer da escrita uma profissão, pois poucos têm o sucesso como retorno. Depois, as próprias políticas editoriais convertem-se num obstáculo, ao pedirem ao escritor, antes do reconhecimento literário na sociedade, demasiado dinheiro para a publicação. Se o autor, ainda assim, decide gastar o dinheiro que foi amalhando para a concretização do seu sonho, vê-se confrontado com a necessidade de vender muitos livros em sessões de apresentação, de forma a reaver pelo menos uma parte do que gastou. E, nesse sentido, nem sempre é fácil. Ainda, pelo menos aqui no interior de Portugal, não se fomentou muito a participação em sessões de apresentação de livros.

Para além disso, existe alguma inveja mesquinha e que denota mera ignorância quando alguém conhecido resolve publicar um livro - é um exibicionista e não pode ser melhor de que eu! Já tenho vivido esta situação com a publicação de dois livros do meu filho mais velho.

Tinha dezasseis anos quando publicou um livro de poemas²⁷ e um romance policial²⁸. Feita a divulgação das sessões de apresentação, em dias convidativos e com um *coffee break* feito pela mãe para a especial ocasião, atendendo ao facto de ser, para o Fernando, particularmente um momento muito importante na sua vida e para a sua vida. O certo é que pouca gente compareceu. Por parte de alguns, houve uma desculpa para não comparecerem (ainda que, num dia tão importante para ele, todas as desculpas soassem pouco justificativas para a ausência), outros nem sequer compareceram nem nada disseram.

Também não existe, na escola onde estudava, na altura, um único exemplar dos seus livros. E ele que acreditava tanto que os seus professores e escola estivessem com ele neste projeto, porque contribuíram para a sua formação e foram pilares importantíssimos na sua educação em termos académicos e de cidadania e ética. À exceção de um ou outro professor, não senti o apoio que seria expectável. Não é assim que o jovem escritor se motiva. Era preferível terem comparecido; e, após a leitura dos livros, terem conversado com ele,

²⁷ TEIXEIRA, Fernando (2012). *Aqui entre Nós...* Coimbra: Temas Originais, Lda.

²⁸ TEIXEIRA, Fernando (2012). *Nas Teias do Poder*. Lisboa: Chiado Editora.

apontando todos os aspetos em que poderia evoluir, críticas construtivas, pois só assim se consegue aperfeiçoar e crescer a nível escrito.

Ninguém nasce com todas as competências necessárias para a escrita. Nasce-se com uma aptidão, um desejo pessoal, um sonho que motiva para a escrita. E é com a prática, com o estímulo, o incentivo e a crítica que o escritor vai evoluindo e acreditando na possibilidade de concretizar, um dia, o grande sonho de ser um escritor de renome e com valor literário. Fechadas portas no interior, o meu filho não deixou, porém, de escrever. Já integrou duas coletâneas de poesia²⁹ contemporânea, escreve crónicas para o *Diário de Aveiro* e para o *Correio da Feira* e continua a escrever narrativas e poesias em cadernos que vai guardando, sempre que tem um pouco de tempo, na azáfama que constitui o curso que está a tirar - Direito. Há, portanto, vários fatores de desmotivação, desde a pessoal à social, que não devem constituir entraves ao sonho de escrever.

O sonho tem de falar mais alto, a persistência, a leitura constante, bem como o trabalho com afinco para ir construindo o caminho que se quer trilhar na vida. E se o leitor não faz trabalhar essa máquina preguiçosa que é o texto, há que encontrar outros leitores que se juntem ao escritor para trilhar os caminhos da escrita e fazer trabalhar essa máquina. Concordo em absoluto com Helder Prates, quando afirma: “Nem sempre somos dores, nem sempre somos fortes... E só seguimos, porque existem sonhos...” (Prates, 2015: 5).

²⁹ TEIXEIRA, Fernando (2013). *Entre o Sono e o Sonho - Antologia de Poesia Contemporânea Vol. IV*, Tomo I. Lisboa: Chiado Editora.
TEIXEIRA, Fernando (2013). *Poética II - 75 Autores*. Lisboa: Editorial Minerva.

II. Um Olho no Passado - sonho de uma memória saudosa

*Eu fui. Mas o que fui já me não lembra:
Mil camadas de pó disfarçam, véus,
Estes quarenta rostos desiguais.
Tão marcados de tempo e macaréus.*

(Saramago, 1997: 41, vv.1-4)

Como diz Saramago nestes versos, o tempo passa e deixa as suas marcas. São memórias antigas, mas que ficam para sempre: “Tão marcados de tempo e macaréus³⁰”, simbolizando estes últimos a rápida passagem do tempo e das torrentes da vida.

Dessas memórias antigas, fazem parte a infância, o amor e tudo o que marcou positiva ou negativamente esse passado.

2.1. A infância como sonhado paraíso perdido

*A infância não se repete, nem na lembrança, nem na imaginação.
Quando, muito, dá-se outra infância. As cenas ingénuas, porque eram ingénuas,
não tinham consciência; e as humilhações, de tão pungentes, não há memória
que consinta na sua perfeita expressão.*

(Torga, 1995: 329)

A infância é uma das temáticas mais abordadas pelos poetas, pelo facto de ser um momento que contrasta com o presente. Mas, como disse Torga, é irrepitível, não voltando sequer a acontecer nem na recordação, por isso o poeta recria outra infância, idealizada e mitificada. É uma infância que o poeta sonha com saudade, uma saudade também ela criada, porque a infância recordada e saudosa é, normalmente, a evocação de uma infância feliz, sem tempo nem espaço para o sofrimento. Não basta a memória, é preciso a ficção da mesma para a sua perfeita expressão.

Para abordar esta temática e não querendo desvalorizar todos os poetas que a contemplam nos seus poemas, opto por me deter em dois poemas e poetas, de referência nos Programas de Língua Portuguesa, quando se aborda a temática dos Poetas do Século XX (no programa curricular de 10º ano até ao presente ano letivo e, a partir do presente ano letivo, a ser abordada no 12º ano, devido às alterações programáticas implementadas este ano letivo de 2015/2016 no 10º ano): um de Fernando Pessoa - “O Andaime”³¹ (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 87-88) e um de Mário de Sá-Carneiro - “Recordações de um moribundo II”³² (Sá-Carneiro, 1990: 47-

³⁰ Macaréus: onda de maré formada pelas grandes massas de água acumuladas na preia-mar, à entrada de certos estuários, e que avança, em forma de muralha, pelo rio, após ter vencido a força da corrente deste. Consultado em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/macar%C3%A9u> (18/11/2015).

³¹ Em anexo, Poema VI: pp. 6-7 (pp. 106-107 da dissertação).

³² Em anexo, Poema VII: pp. 8-9 (pp. 108-109 da dissertação).

48), pelo facto de versarem de forma brilhante a temática visada. São escritores que se inserem no modernismo português, que vem engrandecer e repor o vigor a uma literatura entorpecida, com uma literatura onde a infância é também ela contemplada, como símbolo de vida e recomeço: “A revolta é sempre um regresso a um paraíso perdido (muito anterior) que se quer reencontrar” (Lisboa, 1986: 20-21).

Perante um presente degradado, de perda, solidão, tristeza e consciência do sofrimento, o poeta, muitas vezes, atenua a dor, lembrando essa infância perdida, um momento de inconsciência, de esperança, de felicidade, de alegria, de afetos e de carinhos, de capacidade de brincar, dos prazeres verdadeiros, de uma vida simples e pura e de confiança no futuro (Dalmut & Thimóteo, 2012: 5)³³. De acordo com Wilson, pode falar-se no “mito da infância” em Fernando Pessoa, especialmente na poesia do seu heterónimo Álvaro de Campos, pelo facto de abordar a infância como uma ocasião ideal, em que era uma criança cheia de esperança e feliz. Em Pessoa ortónimo, a infância é recordada como um momento em que era inconscientemente alegre³⁴, num lar e família míticos, pois resultantes de um sonho poético, de uma idealização (Wilson, 1975: 67, 71).

O poeta não nos transmite emoções relativamente à criança que foi no passado, porque, Pessoa transmite, antes, uma lembrança dessas emoções: “O grande poeta deteta-as, analisa-as, fixa-as e enriquece-as por meio da inteligência” (Moisés, 1960: 245).

Em Mário de Sá- Carneiro foi perceptível uma sensibilidade de tal maneira apurada, que, muito cedo, se sentiu inadaptado ao mundo, fechando-se dentro do seu narcisismo e de um mundo irreal, por ele criado. Esse isolamento, ao aperceber-se da inutilidade de viver na irrealidade, acaba por traduzir comportamentos depressivos. Desfasado da realidade exterior, opta por voltar-se para si numa procura ontológica e de um espaço onde se reencontre. Não se encontrando, acaba por se entregar a uma autoflagelação e um desmoronamento de si, que o conduz ao suicídio (Moisés, 1960: 247-251).

Ao longo da sua obra, é notória a procura constante dos sonhos perdidos, pois é nesse mundo sonhado que se sente bem. Mas, nesse seu mundo, domina-o a melancolia, por exemplo, resultante de fracassos vividos na infância. Esse sonho irreal e belo não corresponde à visão que tem do mundo ao despertar do sonho, uma realidade que o desilude. Esta frustração e desencanto deixa cair por terra a ilusão dos sonhos de Narciso e essa impossibilidade de viver os seus sonhos, acaba por conduzi-lo ao suicídio³⁵ (Oliveira, 2013: 19-46).

Passando, agora, à análise da abordagem ao tema da infância nos dois poemas já mencionados, começo por constatar que o tempo da infância surge idealizado, um momento de

³³ Através do seu heterónimo Álvaro de Campos, menciona no poema “Aniversário” que na infância tinha o poder de ser feliz sem que necessitasse de mais alguma coisa: “Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!” (Campos, *in* Quadros, s/d: 223-224, v. 31).

³⁴ Como a ceifeira do poema “Ela canta, pobre ceifeira”: “Ah, poder ser tu, sendo eu! /Ter a tua alegre inconsciência. / E a consciência disso!” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 136, vv.16-18).

³⁵ Numa carta a Fernando Pessoa, escrita em Paris, no dia treze de julho de 1914, Sá-Carneiro confessa: “[...] perdamos por completo as ilusões: eu toco o fim [...] Acabei já - acabei após a minha chegada aqui. Hoje sou o embalsamento de mim próprio, não tenho estados de alma, nem os posso ter já porque dentro de mim há algodão em rama [...] Quanto a pessoas, as minhas saudades vão àqueles que compuseram a minha infância” (Paixão, 1995: 202-203).

alegria (ainda que também enganadora) que contrasta com a tristeza presente de uma realidade dolorosa e efémera. No poema “O Andaime” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 87-88), o sujeito poético aborda esse tempo sonhado, a que gostaria de regressar. Um tempo no qual acreditava e em que idealizava o futuro³⁶, onde elevava a sua esperança através do andaime e que é manifestada na metáfora da bola que a criança lança e que sobe mais do que a sua própria esperança: “E uma bola de criança/ [...] /Rola mais que o meu desejo” (vv. 13,15).

E é esse sonho, que teve na infância, que o liga a si próprio. Uma infância de inocência e simplicidade³⁷.

Da infância ficaram esperanças inconcretizáveis, manifestadas através de uma casa que deveria constituir o seu refúgio, que quis manter, preservar, não deixar ruir, ao cercá-la com um andaime, mas que não passou de uma mentira: “Que cerquei com um andaime/ A casa por fabricar” (vv. 48-49). Uma casa que não chegou a ser construída senão no seu desejo e que simboliza a vida do sujeito poético, um vazio imenso ladeado por um andaime vão.

Também Mário de Sá-Carneiro aborda este contraste entre o presente e a infância no poema “Recordações de um Moribundo II” (Sá-Carneiro, 1990: 47-48), pois o eu poético refere, em relação ao passado, uma fase de belos sonhos (“ Como eram belos os sonhos” - v. 32), em que não imaginava o que lhe reservava o presente (“O que tinha de sofrer/No mundo sem compaixão!...” - vv. 35-36)³⁸. Neste poema já se manifesta a temática da infância como um lugar que poderia proporcionar ao sujeito poético a felicidade, num momento em que procurava uma solução para a sua visão negativa da vida (Amorim, 2010: 32).

Mário de Sá-Carneiro recorda, como sujeito poético, a mãe, que bordava enquanto tomava conta dele, bem como os pais, um exemplo de lar abençoado pela felicidade³⁹. Este ideal de família terá contribuído para que a sua existência enquanto criança fosse tranquila, sem preocupações (“tão bela/Sem cuidados no porvir”- vv.19-20), podendo, por isso, o eu poético afirmar: “Mais feliz não posso ser!” (v.24).

³⁶ No presente falta essa capacidade de sonhar tão peculiar das crianças. No poema “Carta” (Drummond de Andrade, 2001: 92), o sonho, que a noite traz, contrasta com o sujeito poético que envelheceu e que afirma: “É quando, ao despertar, revejo a um canto/ a noite acumulada de meus dias,/ e sinto que estou vivo, e que não sonho” (vv.12-14). Em “Antigamente era eu-proscrito” (Ferreira, s/d: 33-34), o sujeito poético recorda a infância como o momento de alegria, simplicidade e bondade (“era tudo sonho de criança” - v.6). A infância é igualmente lembrada, em “E tudo era possível” (Belo, 1999: 84), como o momento do eu poético antes da sua emancipação (“antes de ter saído/da casa de meus pais” - vv.1-2), em que era uma criança sonhadora e crente: “e era só ouvir o sonhador falar/ da vida como se ela houvesse acontecido” (vv.7-8).

³⁷ Refere-se ao momento em que ainda era “O menino da sua mãe” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 189-190), o filho único a quem a criada velha trazia ao colo.

³⁸ António Nobre mostra, igualmente, no poema “Aqui sobre estas águas cor de azeite” (Nobre, s/d: 40), a angústia face ao presente, quando o “eu” poético exclama: “Ah! Deixem-me chorar!” (v. 15) e manifesta o desejo de voltar à infância: “Ah, pudesse eu voltar à minha infância!” (v. 9).

³⁹ O lar é mencionado por António Nobre no poema “Sobre estas águas cor de azeite”, sendo neste lar que se projeta a família recordada que o acarinhava e protegia (Nobre, s/d: 40).

Carlos Drummond de Andrade relembra, no poema “Carta”, as carícias que a mãe lhe dava, mostrando-se sempre uma mãe presente e atenciosa (Drummond de Andrade, 2001: 92).

Marcelino Santos, no poema “Oferenda”, rememora a mãe, que perdoava as suas traquinices e revela o verdadeiro valor do aconchego e proteção proporcionados pela mãe, quando diz: “no baloiçar dos barquinhos/que as ondas dos lagos dos teus olhos/ levavam para longe,/ nos sonhos que os teus braços/ construíam para NÓS.” (Santos, *in* Ferreira, s/d: 372-373, vv.27-31).

Para além destes afetos e carinhos familiares, outros espaços constituíam igualmente espaços idílicos, abençoados, em que os poetas recordam uma infância feliz e perfeita, bem diferente do presente. O jardim das brincadeiras é resgatado da infância perdida, por Mário de Sá-Carneiro, como um jardim idílico⁴⁰, onde brincava e que constituía um paraíso perdido que ficou na infância. Um jardim, que, no presente, em “O Andaime”, de Fernando Pessoa, está protegido por um muro, proteção e prisão. No entanto, este jardim que poderia constituir um paraíso terrestre encontra-se deserto, como deserta está a alma do sujeito poético, sem canteiros de felicidade, sem o calor da família e sem sonhos.

Associados a estes espaços, à casa e jardim mitificados, estão igualmente a água, fonte de vida, normalmente em forma de rio, mar ou lago; o Sol, que iluminava o percurso; o céu, normalmente azul, acima de todas as coisas e que se reflete no rio e os cheiros que marcaram a infância.

Fernando Pessoa fala do curso natural da vida, através da metáfora do rio. Este pode simbolizar a vida, que passa inevitavelmente, a renovação e a morte. Relembra o seu passado, olhando as ondas do rio e sente que o rio⁴¹ (de “correr vazio”) é como a sua própria vida (“De esperanças nevoentas!”): “A vida vivida em vão” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 87-88 vv. 8, 29 e 10). Sente-se tranquilo, quando deveria sentir-se agitado por se ter tornado naquilo em que se tornou.

Já Mário de Sá-Carneiro fala do lago que existia no jardim da infância do eu poético “D’água límpida bem cheio/ E peixinhos a nadar!” (vv.3-4). E, neste jardim, que se assemelha a um paraíso celestial, os peixes nadam tranquilamente numa limpidez de águas cristalinas, o sol tem mais fulgor e o céu é mais azul.

Por fim, são lembrados os cheiros da infância, em que Mário de Sá-Carneiro rememora o aroma do jardim da infância, um aroma a jasmim: “Embalsama o puro ar!” (Sá-Carneiro, 1990: 47-48, v. 5).

Para estes poetas, pensar no passado implica idealizar um momento com tudo o que o integra, desde as pessoas, aos espaços e sentimentos que eles transmitem. As imagens de tudo o que fez parte do passado revelam precisamente essa idealização:

*As grandes imagens têm ao mesmo tempo uma história e uma pré-história.
São sempre lembrança e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em
primeira infância. Qualquer grande imagem tem um fundo onírico insondável e é
sobre esse fundo onírico que o passado pessoal põe cores particulares.*

(Bachelard, s/d: 218)

⁴⁰ Nuno Júdice, no poema “Roteiro de Contas”, relembra também o pátio, onde o “eu” poético sentia o aconchego e do qual não se queria distanciar muito: “vou deixando atrás/ de mim as contas que marcam o tempo/ dos meus passos” (Júdice, 2014: 10-11, vv.16-18).

⁴¹ O rio pode simbolizar, enquanto corrente de águas, fertilidade, renovação, morte e, enquanto ajuntamento de águas, o regresso à indiferenciação (Chevalier, 1997: 569-570). Já Bachelard diz que as águas misturam os seus símbolos de nascimento e de morte: “É uma substância cheia de reminiscências e de devaneios divinatórios” (Bachelard, 1989: 93).

2.2. O Amor Sonhado no Passado

Do amor apenas exigi que nunca deixasse de ser um sonho longínquo.

(Pessoa, in *Web - Livro do Desassossego*, 1997: 66)

Muito haveria a dizer sobre a abordagem da temática do amor, se considerássemos a sua classificação ao longo dos tempos, como, a título de exemplo, o amor platónico, casto, puro e ideal; o amor celestial, belo, devoto, espiritual; pandémico, físico e carnal, movido pela paixão; o amor infernal, sensual, pecaminoso e associado, por Almeida Garrett, à mulher demoníaca; o amor romântico, atribuído à família, ao afeto, à reciprocidade e felicidade, entre outras classificações. Não é esta, porém, a temática que viso abordar. O amor surge apenas como mote do sonho, nem que seja unicamente “um sonho longínquo”, como menciona Fernando Pessoa na citação que transcrevi acima, porque, pelas suas peculiaridades, é um dos temas de eleição dos poetas.

Num presente caracterizado pela violência, pela competição, pela superfluidade, pelo egoísmo, pela indiferença, pelo desinteresse fácil, pela solidão e instabilidade, em que se valoriza excessivamente o culto do corpo, dos prazeres físicos, da liberdade desmedida e insaciável, em que o amor se tornou demasiado descartável, urge recuperar a ideia de amor sonhado como um sentimento gerador de emoções únicas e positivas nos indivíduos (Costa, 1999: 4). E quem melhor que o poeta para exaltar e ficcionar o amor? Um amor que fica, na maior parte das vezes, no passado, onde havia a esperança e o amor ainda era sonhado.

É a partir de poemas de dois escritores brasileiros do século XIX, entre muitos outros do mesmo período literário ou de momentos subsequentes, “Os dous Horizontes”⁴² (Assis, 1994: 16-17) e “O Poeta”⁴³ (Azevedo⁴⁴, in *Web - Coleção Poetas do Brasil*, 1996: 17-21), que ousou tentar compreender o sonho de amor passado, que se perdeu e que, muitas vezes, se tenta recuperar no presente ou projetar no futuro, numa tentativa de reencontrar uma razão para viver e para continuar a sonhar.

Machado de Assis, apesar de se ter destacado mais na narrativa, deixou-nos as obras poéticas *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875). Detenho-me na obra *Crisálidas*⁴⁵, tendo em conta que nela se integra o poema que escolhi para interpretar o tema proposto. Esta obra possui características da poesia clássica e da romântica (Júnior, 2014: 8-10 e 47). Na poesia deste autor está presente um constante contraste entre a ilusão pessoal e a desilusão face à existência (Afolabi, 2000: 126). Ainda que os primeiros poemas de Assis revelem a ingenuidade do adolescente, são um exemplo do poeta intérprete do pensamento humano, que recupera o sentido originário do profeta que desvela a alma do ser humano, com o intuito de compreender o enigma da existência (através das contradições humanas) e da própria vida,

⁴² Em anexo, Poema VIII: pp. 9-10 (pp. 109-110 da dissertação).

⁴³ Em anexo, Poema IX: pp. 10-12 (pp. 110-112 da dissertação).

⁴⁴ A segunda geração romântica está contemplada nos programas curriculares do Brasil. Álvares de Azevedo é, nesse contexto, um autor de referência, sendo estudadas, neste autor, as temáticas da ironia, amor e morte (vide <http://pt.calameo.com/read/002899327c1795c0790a8> - 10/12/2015).

⁴⁵ A palavra “crisálida” provém do grego *khrysalis*, -idos, e designava a larva, em estado de embrião, do inseto que se viria a tornar borboleta (Houaiss, 2011: 696). Assis terá intitulado a sua obra desta forma, provavelmente, por ser uma primeira obra, ainda algo incipiente, em estado de larva, de preparação.

numa busca constante de um ideal quimérico onde, entre o Bem e o Mal, talvez encontre o que procura - a esperança (Amparo, 2008: 212-213, 321-322).

Apesar de o poema “Os dous horizontes”, não possuir análises literárias e não lhe ser dado o relevo que, no meu entender, merecia, não deixa de ser curioso o facto de ter sido um poema escolhido para adaptar, em Portugal, pelo fadista Camané, e encimar o seu álbum musical *Infinito Presente*, publicado em quatro de maio de 2015.

Álvares de Azevedo, escritor da segunda geração do romantismo brasileiro⁴⁶, revela, na sua poesia, uma tendência para o sonho e o devaneio; mostrando uma fuga à rotina, acaba por cair na morbidez e pessimismo existenciais (Bosi, 1988: 122-124). O poema que escolhi interpretar, porque explícita de forma expressiva a temática deste capítulo, integra a obra *Lira dos Vinte Anos*. No prefácio à primeira parte deste livro, o autor revela a intenção de alcançar primeiro a amabilidade do leitor, mencionando que as poesias que compõem esta parte do livro são alegadamente sentimentais e merecedoras de desculpas (Azevedo, 1996: 2). Versam sobre o receio e atração pela morte; a mulher que, ora se exhibe, ora se oculta, amplamente erotizada; a família; o sonho e a fantasia. No prefácio à segunda parte deste livro, o autor explicita-nos a sua intenção, vinculando-a ao texto poético e refere que os poemas deste momento abordam o amor, a mulher amada e o erotismo, esclarecendo a sua produção poética e orientando o leitor de acordo com as suas intenções enquanto escritor. Desta forma subjetiva pode configurar as suas intenções poéticas, consonantes com o movimento Romântico. (Azevedo, 1996: 60-61). Imbuído de pessimismo, tédio e desilusão face ao presente, Azevedo regressa à saudosa infância ou ao desejo de encontrar um lugar junto da mulher amada. Desencantado pela não concretização deste sonho, pelas ilusões perdidas e apercebendo-se do vazio que a vida encerra, domina-o o sentimento da morte, como única forma de fuga (Vieira, 2009: 26-27). O sonho onírico revela os seus sentimentos mais íntimos, que não passam de ilusão, mas que lhe permite alcançar o prazer e superar a solidão. É nesse plano irreal do sonho, que consegue a felicidade desejada com a mulher que ama. É uma forma introspectiva de fuga à realidade e o despertar do sonho constituía o encontro com o sofrimento. Também o amor é encarado como dádiva total do eu, dos seus desejos e erotismo mais íntimos que, ao não ser correspondido, torna-se destruidor e capaz de o levar à morte (Vieira, 2009: 45-47).

No poema “Os dous horizontes” (Assis, 1994: 16-17), o “eu” poético reporta-se a um amor recordado no momento presente, pertencente ao horizonte do passado. Recorrendo ao paralelismo antitético, estabelece, logo no início do poema, o contraste entre o horizonte do passado e o horizonte do futuro (“Um horizonte, - a saudade [...] / Outro horizonte, - a esperança”- vv.2-4). Estes dois horizontes contrastam, por sua vez, com o presente. Neste não encontra uma luz que o oriente, apenas a efemeridade dos dias vazios que, de forma metafórica, passam velozmente. Neste presente, apenas vive de recordações e ilusões e questiona-se sobre o que cisma e procura. Cisma no passado com saudade, porque constitui um

⁴⁶ Corrente literária caracterizada pelo devaneio, a melancolia, a depressão, o erotismo, o tédio, a autoironia, a alienação, constitui uma documentação valiosa para a psicanálise, sem descurar uma linguagem e estilo inovadores para a época (Bosi, 1988: 120-121).

momento que associa à infância, em que se sentia protegido pela mãe (como é perceptível na metáfora “Sob as asas maternas” - v.11), em que era livre (como “O vôo da andorinhas”- v.12) e em que se sentia vivo (como “a onda viva e os rosais” - v.13) e, particularmente, porque ainda sonhava o amor, o que lhe dava prazer, mesmo que não concretizado. Conclui que esse amor constituiu um sonho impossível, demasiado ambicioso e que terá ficado apenas dentro de si como uma ilusão passada. Quando se questiona sobre aquilo em que detém o pensamento, responde ele próprio, através de uma metáfora hiperbólica, que é nas suas vastas recordações (“No mar das recordações”- v.35). Porém, é a recordação deste amor passado, memória deleitosa, que o leva a depositar esperança num amor futuro, porque seria o único sonho que lhe poderia trazer algum consolo. No fundo, é um amor passado⁴⁷ impossível, irrealizado, que faria sentido no presente, momento em que o sujeito poético sente a alma em recuperação e que poderia atenuar projetando-o nas ilusões do futuro. Sonha para o futuro um amor que lhe dê a tranquilidade e a paz que não sente no presente: “Desejo de amor sincero/ Que o coração não gozou” (vv.20-21).

O “eu” poético sonha um futuro com um amor idealizado, como o foi no passado, utilizando uma adjetivação expressiva dos seus desejos (“ardente”, “voluptuosa”, “ambiciosa” e “profundo”). O futuro é a esperança de abandonar a memória que o enclausura no passado e lhe permitirá sair de um presente em que se sente debilitado.

Álvares de Azevedo, no seu poema “O Poeta” (Azevedo, *in Web* - Coleção Poetas do Brasil, 1996: 17-19), apresenta-nos um amor sonhado e passado. Começa por dizer que foram ilusões sonhadas que, pelo facto de não serem reais, o levam a exclamar e a invocar Deus para questionar se não seria preferível ter morrido, pois, desta forma, não tinha despertado do sonho e ficaria para sempre na inconsciência. Na segunda estrofe, descreve a mulher amada, que dorme no seu leito e que não é a sua amante, mas a amante do sentimento que nutre por ela (“A amante de meu amor”- v.9), uma mulher idealizada, cujos cabelos sobre o seu rosto são comparados ao luar que, ao pousar, numa flor, a ilumina, criando magia. Um amor desejo, erótico e sede de amar, que o seu coração sonha, mas que não é real:

*Senti-lhe o colo cheiroso
Arquejando sequioso
E nos lábios, que entreabria*

⁴⁷ A esperança de um amor sonhado não fica no passado, em todos os escritores que o abordam, apenas como idealização não concretizada. Em “Flor da Saudade”, o sujeito poético recorda um amor realizado, em que viveu ao lado da pessoa amada, que constituiu para ele o seu abrigo. No presente, sente saudades das sensações amorosas proporcionadas pelo ser amado: “teu elegante andar, o teu perfume, / de teu olhar vivaz, o encanto e o lume, / o teu desnudo corpo, a mim exposto, / do teu amor amigo. Ai! Que saudade!” (Barros, 2013: 17, vv.11-14). Em “Já era de certeza madrugada” (Braga, 2001: 21-22), o sujeito poético recorda um passado de comunhão amorosa dos sonhos, em que é dominante a convergência de sentimentos apaixonados que aquecem o coração: “Os sonhos que se sonham, de mãos dadas, / têm as fortes cores dum céu a entardecer, / mesmo quando sonhados / num primeiro, / suave, / comum alvorecer” (vv.4-9). O mesmo autor, no poema “velhice juntos” (Braga, 2001: 22-23), mostra acreditar no amor romântico, em que a prioridade seria a constituição de uma família, revelando que gostaria que tivesse sido assim com ele. Porém, nem sempre acontece o que a natureza decreta e o que tinha planeado para a sua velhice, falhou. Acaba por questionar-se a que deus há-de atribuir a culpa: “Quem foi dos deuses / o que impediu / que uma velhice, / aquela nossa / se afirmasse?” (vv.29-33).

*Lânguida respiração,
Um sonho do coração*

(Azevedo, *in Web* - Coleção Poetas do Brasil, 1996: 17-19, vv. 13-17)

A proximidade física do corpo da mulher acende o desejo de a tocar e possuir; mas só através do sonho, que constitui uma forma de evasão, o sujeito poético consegue tê-la no seu leito, possuindo-a apenas em pensamento. É uma mulher prisioneira do sono, adormecida, etérea e intocável.

Entregou-se com uma tão grande intensidade a este amor, só de a contemplar no seu sono, que se sentiu fora de si, num enlaço celestial que o leva a pensar que poderia morrer de amor (perceptível na construção anafórica “Que divino pensamento/Que vida num só momento” - vv.31-32).

Um amor que enganou o coração esperançoso, que quis que tivesse acontecido, mas que foi fruto de um sonho, embora queira acreditar que o coração o sentiu, afirmando mesmo não ter sido uma simples ilusão (“*O sentiu e não sonhou...*” - v. 21).

Um sonho que caracteriza metaforicamente como luminoso e precioso (“Meu pobre sonho doirado” - v. 35), sendo ele o pobre (adjetivo aqui associado ao sonho por meio de uma hipálage) a quem a esperança mentiu, porque, ficou no passado (metáfora de ausência: “Dorme no passado” - v. 34), tendo como confidentes desse amor sonhado a noite, os vales e as flores. Menciona que, se ousasse contar o sonho e reconhecer-se protagonista dele, contaria que sente morrer a esperança de viver. Prevê a reação da mulher amada, imaginando a forma antitética como ela poderia reagir: rir-se das suas esperanças e das lembranças ou, simplesmente, chorar por ele, o que revela a imprevisibilidade da sua reação.

Em suma, esta idealização da mulher no passado prende-se, como posso concluir a partir dos poemas que interpretei, com uma idealização de certa forma ligada à conceção criada da mulher perfeita. Há também nesta idealização a tentativa de recuperar o paraíso perdido da infância. Constituindo este amor um sonho, só existe no espaço ilusório, pelo que, ao ser confrontado com a realidade do sujeito poético, se desfaz a ilusão, uma ilusão projetada em vivências fugazes e que não corresponderam, em pleno, ao amor idealizado, ou, simplesmente, a desilusão face a um amor não real, que nunca chegou a existir senão no desejo do “eu” poético. E, se o amor deixa de ser um sonho impossível, como figura na afirmação com que iniciei este subtema, acaba por se tonar em desilusão.

2.3. Da desilusão do sonho passado perdido à constatação da inutilidade do sonho

Es el amor hijo del engaño y padre del desengaño

(Unamuno y Jugo, 1912: 103)

Como já mencionei no subtema anterior, o ser humano, de uma maneira geral, cria as suas próprias ilusões, com base em modelos que possa ter presenciado na infância ou que resultem do facto de ter vivido prisioneiro de sonhos criados pela sua imaginação, tendo idealizado a sua existência no seu próprio mundo imaginário. Mas os ideais, normalmente, perante o confronto com a realidade, acabam por se destruir e tornam-se em desilusões⁴⁸. Assim se explica a citação de Unamuno, que refere o amor como filho do engano, porque é o grande responsável pelas ilusões e pai da desilusão, dado que raramente corresponde à ilusão criada.

Para abordar este tema, procedi à escolha de um poema de Mário de Sá-Carneiro, “Dispersão”⁴⁹ (Sá-Carneiro, 1990: 116-119) e um poema de Fernando Pessoa, “Não é ainda a Noite”⁵⁰ (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 188), porque, de entre muitos poemas de poetas consagrados na literatura de expressão portuguesa, são, quanto a mim, os que abordam a temática visada de forma mais expressiva e completa.

Mário de Sá-Carneiro manifesta na sua escrita uma grande sensibilidade, levada ao devaneio e à demência. Começa por se sentir estranho no mundo, pelo facto de nunca se adaptar, refugiando-se dentro de si mesmo, no seu narcisismo, onde se procura no labirinto do seu eu, mas de que não encontra senão fragmentos. Esse facto condu-lo inevitavelmente a quadros depressivos, onde tudo lhe parece inútil, alheando-se à própria vida (Moisés, 1960: 248-249).

A dispersão surge em Sá-Carneiro como um desejo de ampliação, através da qual o



Almada Negreiros, «Mário de Sá-Carneiro», 1936 (Pernes, 1991: 52).

poeta apresenta, na sua poesia, um processo que se opõe à materialização. Configura-se esta ampliação na oposição entre o real e o ideal, a vida e a morte, a carne e o espírito, a dor e o sonho, entre outros elementos contrastantes (Paixão, 1990: 63-64). Uma dispersão explicada como dissolução da própria consciência (Gouveia, 1986: 364). Esta dispersão é também visível num retrato caricatural de Mário de Sá-Carneiro, contemplado num quadro por Almada Negreiros. O labirinto do poema “Dispersão” pode ser visto nas linhas

⁴⁸ Luísa Dacosta fala frequentemente da desilusão dos sonhos, através da metáfora do naufrágio. No poema “Procura” (Dacosta, 2010: 25), o sujeito poético procura-se nos sonhos que naufragaram. Noutro poema, “Naufrágio” (Dacosta, 2010: 31), o “eu” poético refere-se aos sonhos que inutilmente se foram edificando, mas que acabaram perdidos sob as águas do mar, escondidos e inalcançáveis.

⁴⁹ O poema integra e intitula um livro de poemas publicado por Sá-Carneiro, datado de 1914. Em anexo, Poema X: pp. 12-15 (pp. 112-115 da dissertação).

⁵⁰ Em anexo, Poema XI: pp. 15-16 (pp. 115-116 da dissertação).

do chão e no entrelaçado das pernas da mesa, comparado a um emaranhado de ideias que prende Sá-Carneiro. Surge com um ar contemplativo, alheio ao que o rodeia, voltado para o céu numa atitude sonhadora. Está só, destacando-se as mãos, que surgem um pouco efeminadas, transmitindo a sua sensibilidade, o que o afasta mais dos demais, tão diferentes dele, do seu ser único e instável (Poças, s/d).

Contrariamente a Sá-Carneiro, Pessoa, em vez de uma dispersão, procedeu à multiplicação interior, que o torna único e, ao mesmo tempo, o divide em várias pessoas, o que o salva de um narcisismo que poderia levá-lo à loucura e ao suicídio (Moisés, 1960: 243).

Circunstâncias pessoais da sua vida tê-lo-ão levado a encarar a sua obra como um elemento de compensação e de ponderação. Mas esse é um falso equilíbrio. Num dos pratos da balança, estaria o passado, em que ele ainda integrava o mundo e o sonho; no outro prato, estariam as humilhações, as vilezas da vida, as condescendências, o falhanço. E foi este último prato que pesou mais, deixando-o totalmente desponderado (Simões, 1983: 96-97). É neste momento que, perante o passado perdido, as humilhações e as vilezas da vida, constata a inutilidade dos sonhos. Estes são, em Pessoa, mencionados em relação ao passado, que vê como irreal, porque sente que fracassou. Esta evocação de passados sonhos surge associada a sentimentos perdidos e a sonhos falhados (Soifer, 1968: 60-63).

No poema “Dispersão” (Sá-Carneiro, 1990: 116-119), o sujeito poético afirma, utilizando a metáfora, ter-se perdido dentro de si, numa ausência de rumo a dar à vida, às voltas no labirinto do seu ser, onde se aprisionou sem se encontrar, constituindo este labirinto uma metáfora da confusão interior em que o sujeito poético enclausura a sua mente. Assume-se como um sonhador, que terá passado a vida a sonhar, criando em si uma existência grandiosa, sem limites ou falhas, um ideal inacessível. Nessa ânsia de busca, nesse sonho de se ultrapassar, não conseguiu sequer viver o que tinha para viver, muito menos a elevação sonhada.

Por isso, para ele é sempre passado, um tempo em que tinha sonhos e a presença da família que nunca o desamparava ou lhe faltava. Agora, sente-se distante dos homens e do seu mundo, mergulhando na melancolia. Este passado tão distante, dum domingo que faria sentido se passado em família, como nos tempos em que assim o era, fá-lo lembrar-se de quando era moço (“moço das ânsias” - v.21), sonhava e era alguém. Hoje, o declínio, marcado no texto por verbos como cair, abismar, fechar, dismantelar, entre outros, leva-o à náusea face à monotonia em que se tornaram os seus dias, em que perdeu os sonhos e a ilusão de viver.

Ele foi, numa metáfora, a ave sonhadora, de sonhos preciosos, brilho e inspiração artística (“A grande ave doirada” - v.25)⁵¹, que, ao alcançar um objetivo, fechava as asas, numa permanente insatisfação⁵².

⁵¹ David Mourão-Ferreira explica esse voo quimérico de ascensão a um objetivo que o poeta almejava alcançar com o complexo de Ícaro, mencionando a presença da ascensão no espaço e queda no poema “Dispersão” (Mourão-Ferreira, 1983: 131-138).

⁵² Schopenhauer explica esta questão, referindo que o querer excessivo é uma fonte constante de dor, pois, a permanente insatisfação faz com que o ideal, uma vez atingido, já não seja ideal (Schopenhauer, in eBooksBrasil.org, 2001: 173).

No presente não se reconhece, porque perdeu as ilusões de menino, restando-lhe a destruição das suas ilusões. Sente-se só, recolhe-se como se amortilhasse todo o sentimento da sua vida, numa morte da alma em vida.

No passado, com a capacidade de sonhar que lhe era peculiar, idealizou a mulher amada, que recorda agora com saudade, mas que não passou de um sonho⁵³, porque, na realidade, nunca a viu. Porém, como todas as ilusões, os seus sonhos caíram por terra, dispersaram-se e, quando relembra o passado e se consciencializa de tudo o que foi apenas sonho, afirma: “E hoje, quando me sinto, / É com saudades de mim” (vv.3-4).

Dispersou-se a partir do momento em que ocorreu esta morte da mente e restou o corpo físico. As imagens que lhe surgem não são já as dos sonhos (sonhados ou idealizados), mas do dia derradeiro, deixando antever uma dor lancinante, através do “azul-de-agonia” (v.63), uma cor que se associa ao indistinto e às penumbras. É um ser derrotado, desiludido com a vida, que perdeu a esperança nas próprias contradições da lógica quotidiana, entre o real e o irreal, o que é visível nas antíteses que utiliza para exprimir o seu desalento: “Serei, mas já não me sou [...] E, louco, não enlouqueço... [...] Eu sigo-a, mas permaneço...” (vv.79, 86, 88).

No poema “Não é ainda a Noite” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 188)⁵⁴, o sujeito poético afirma-se envolto em tédio por um vento personificado como ocioso. Exclama ter perdido muitas vidas e vitórias, simplesmente porque não as valorizou e ignorou. Falhou, não soube viver, adiou o sonho, impedindo-o de se ter concretizado (“E o sonho sem ter sido...” - v.8). Questiona os sonhos, ao sentir que perdeu a razão da existência, esquecendo-se que os sonhos são intrínsecos ao ser humano. O tédio e o silêncio em que vive, que o incomodam, levam-no a invocar o vento, para que o faça sentir alguma coisa, a ele que já nada sente. Os sonhos são reconhecidos como inúteis, pois de nada serviram ao sujeito poético, que sonhou e não concretizou. Numa hipálage fala do choro e sofrimento em relação a estes sonhos (“Pranto dos sonhos fúteis” - v.13), também personificados, que foram acordados pela memória, pela realidade, o que o leva a intensificar a ideia de sonhos vãos e a questionar a dúvida existencial que subsiste - se não tem sonhos, terá razões para ser ou viver? A procura de um sentido para a vida, é, assim, inconclusivo.

Foram “inúteis” os sonhos, porque pensou encontrar-se neles e afinal os sonhos nunca foram capazes de o esclarecer sobre a sua procura ontológica, nunca resolveram o seu enigma interior.

*Procurar o sonho é pois procurar a verdade, visto que a única verdade
para mim sou eu próprio.*

(Pessoa, *in* web - Livro do Desassossego, 1997: 298)

⁵³ Também no poema “Como um Adeus Português”, o “eu” poético refere-se à pessoa amada como sonho desaparecido num sonho onírico. Restam-lhe recordações, mas os sonhos desfizeram-se: “E agora vejo bem como as palavras caem, / não valem, / se desfolham e são pisadas por qualquer afirmação da vida, / da vida que não era para nós” (Mendes, 2014/2015: 27-28, vv.20-23).

⁵⁴ No poema “Tudo quanto sonhei tenho perdido” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 164), o sujeito poético sofre, no presente, pela desilusão provocada por, no passado, ter perdido tudo “Antes de o ter” (v.2). No passado ficaram os sonhos, a criança, o coração. Resta-lhe o choro e o facto de não saber se está preparado para o “duro e inato fado” (v.11) que o espera.

A ilusão pode ser negativa ou positiva. Negativa, caso seja entendida como uma forma de o sujeito se perder no seu mundo interior, um mundo de ilusões que acredita verdadeiras, em que as ilusões acabam por se desmoronar em desilusões. Mas, de acordo com Freud, a ilusão pode ser positiva, ao constituir a construção de esperança, de motivação que não deixa o indivíduo desanimar face aos primeiros obstáculos ou dificuldades com que possa deparar-se na vida, mas sim como forma de lhe dar algum sentido (Freud, 1956: 4384). É destas ilusões positivas que deve, à partida, ser feito o sonho humano.

2.4. Na Orla do Mar Sonhado - Memória Saudosa de um País de Conquistadores

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

(Pessoa, *in* Quadros, s/d: 109, v.1)

Os poetas retrataram como ninguém a essência sonhadora do povo português, que, segundo Fernando Pessoa, “foi outrora Senhor do Mar” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 122-123, v.14). Deitando por terra os falsos mitos criados em torno dos mares desconhecidos, rumou em direção à conquista espiritual, que lhe facultaria o conhecimento e a concretização dos seus sonhos.

Foi o sonho que impulsionou a descoberta de novas rotas comerciais, o progresso da cartografia, do conhecimento náutico e a propagação da Fé Cristã pelo mundo. A par das inovações técnicas, ocorreram transformações mentais que colocaram o homem no centro do universo (antropocentrismo), impulsionando a ideia de indivíduo autónomo, questionador, que pretende adquirir conhecimento pela experiência, acabando por ganhar o gosto pelo risco nas navegações (Novaes, 1998: 10-11).

O sonho das descobertas foi mais poderoso do que todas as adversidades que os navegadores portugueses tiveram de enfrentar, sem ceder ou desistir. Foi o sonho que deu à água a noção de uma pátria distante, um império celeste (Bachelard, 1989: 51).

Para abordar esta temática muitos poetas poderiam ser contemplados, mas não podia deixar de falar de Fernando Pessoa, interpretando um poema da sua *Mensagem* (obra publicada em 1934) - “Mar Português”⁵⁵ (Pessoa, *in* Quadros, s/d:114) e, com uma perspetiva um pouco diferente, mas igualmente interessante, Miguel Torga, com a interpretação de um poema da sua obra *Poemas Ibéricos* (publicada em 1952 sob o título *Alguns Poemas Ibéricos*) - “A Largada”⁵⁶ (Torga, 2001: 236). Duas perspetivas diferentes sobre o sonho que impulsionou os descobrimentos, que se atenuam quando se analisam os dois poemas escolhidos.

A *Mensagem* é uma obra na qual Fernando Pessoa revela o seu patriotismo, messianismo e sebastianismo, uma versão moderna de *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões, num momento em que, num Portugal decadente, urgia recuperar a capacidade de sonhar, com o ressurgir dos heróis votados ao abandono e caídos no esquecimento. Tendo Portugal nascido para ser uma pátria grandiosa, abrindo mundos ao mundo, e estando o seu futuro comprometido, faltava recuperar a força e a coragem para descobrir o império por descobrir⁵⁷ - o império do conhecimento - espiritual e cultural. Termina incitando os portugueses para este novo projeto, fazendo dele um novo sonho de vida, repleto de caminhos, revelações e sugestões (Quadros, 1988: 248-261).

A um modelo e ciclo camonianos, seguiu-se a *Mensagem* de Fernando Pessoa, um modelo e ciclo pessoanos, demonstrando uma influência além e aquém- Atlântico, conseguindo refletir as inquietações humanas e transmitir a ideia de que a Humanidade estava a passar por

⁵⁵ Em anexo, Poema XII: p.16 (pág. 116 da dissertação).

⁵⁶ Em anexo, Poema XIII: pp. 16-17 (pp. 116-117 da dissertação).

⁵⁷ Um império que viria a suceder aos anteriores, que se autodestruíram e corromperam - Grécia, Roma, Cristandade/Europa (Quadros, 1988: 252).

uma crise de cultura e valores (Moisés, 1960: 241). Este sonho de grandes destinos fadados para os portugueses não passa, no entanto, de quimera, constituindo a *Mensagem*, através do “Encoberto”, apenas uma resposta à alma consternada de Pessoa (Coelho, 1989: 3.º vol, 822).

A *Mensagem* é, sem dúvida, uma obra a quem ninguém fica indiferente, tendo sido já musicada por vários cantores, bem como contemplada em vários recitais de poesia. Mariano Deidda, cantor e compositor italiano, canta a *Mensagem* de Pessoa⁵⁸, tendo homenageado o poeta em 2013, no Teatro Aberto, em Lisboa. Outros cantores musicaram poemas da *Mensagem*, entre os quais André Luíz Oliveira⁵⁹ (um cantor brasileiro que, para além dos espetáculos musicais em que levou a cena os poemas desta obra, editou três discos com estes poemas, com convidados sobejamente conhecidos, como Caetano Veloso, Elba Ramalho, Ney Matogrosso, Gal Costa, Gilberto Gil, entre muitos outros), os Inoportuna⁶⁰ (Tuna Académica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), o Contrabando⁶¹ (Grupo musical de Lisboa, com discos editados - *Fresta e Coisas do Ser e do Mar*), Nau Martins e os Argonautas⁶² e Carlos do Carmo⁶³, entre outros cantores e declamadores que contemplaram poemas desta obra.

Contrariamente a Fernando Pessoa, nos seus *Poemas Ibéricos*⁶⁴ Miguel Torga não exalta as Descobertas. Exalta ações gloriosas de personagens que marcaram a história do nosso país, como Nun’Álvares Pereira, mas refuta a conduta de D. Sebastião, considerando insensato o seu louco sonho de partir em busca do que não existe. Em vez de, como Pessoa, incentivar a partida, o abandono do sossego do lar, apela à preservação das raízes, ao cultivo dos campos, à quotidiana batalha pela vida, num amor imensurável pela pátria. Defende a cultura peninsular, que complementa a lusitana. Ao falar dos heróis da nação, nunca é com o intuito de confrontar os heróis de Portugal com os de Espanha, que considera países contíguos, de destino entrelaçado, mas sim de realçar as peculiaridades humanas dos dois países. Retrata os heróis sempre com um forte sentido patriótico de amor à terra (Moreiro, 2001: 262-263).

Torga é o escritor que procura encontrar na terra transmontana que o viu nascer a explicação para a existência. No seu lirismo sobressaem, de forma vigorosa, as suas raízes ibéricas (Moisés, 1960: 262).

Muitas outras críticas mereciam ser contempladas, muito haveria ainda a dizer sobre estas duas obras magníficas, mas o que abordei foi o essencial e que permite compreender melhor os poemas que escolhi para interpretar. A escolha dos poemas foi, de certa forma,

⁵⁸ De realçar o poema que analiso “Mar Português”, cantado por Deidda, numa versão com Mafalda Arnauth. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ggkPhJdpD-4> (12/12/2015).

⁵⁹ A título de exemplo, o poema “Mar Português”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tu7-ShLz-bl> (12/12/2015).

⁶⁰ Também musicaram o “Mar Português”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ycMWKadzFlk> (12/12/2015).

⁶¹ A sua versão de “Mar Português” no seu disco *Coisas do Ser e do Mar*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c7414ciO1Hs> (12/12/2015).

⁶² Versão de “Mar Português”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC72GPITLNg> (12/12/2015).

⁶³ Versão de “Mar Português”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XKQN_9aBJho (12/12/2015).

⁶⁴ Da primeira edição deste livro, intitulado *Alguns Poemas Ibéricos*, faziam parte trinta e quatro poemas, alguns publicados pela primeira vez na revista *Manifesto* (1939) e outros na *Revista de Portugal* (1938), tendo mantido os restantes inéditos até à publicação da obra (Moreiro, 2001: 265).

aleatória e por mero gosto pessoal, porque todos eles são meritórios de análise e estudo. Apesar de todas as divergências com que o tema é encarado por estes dois poetas, é inegável que ambos sentem a sedução do mar e retratam de forma ímpar a partida dos portugueses para as aventuras marítimas, guiados pelo sonho.

Fernando Pessoa, na obra *Mensagem*⁶⁵, aborda bem a questão da memória saudosa de um país de conquistadores, com o intuito de motivar os portugueses, num momento de estagnação e decadência, a partir na nau dos sonhos. O escritor não nos deixa esquecer dos sacrifícios que este sonho implicou e, no poema “Mar Português” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 114), recorda os sacrifícios que envolve a edificação de um império. Começa por invocar o mar, personificando-o e responsabilizando-o, de forma metafórica, pelo sofrimento provocado, pelas lágrimas que fez derramar. Utiliza a primeira pessoa do plural (“cruzarmos” - v.3), revelando o patriotismo do sujeito poético que sente o empreendimento das descobertas como também sendo seu, por ser português. Segue-se uma enumeração de todos quantos sofreram com a partida dos seus familiares para um destino incerto, bem como das consequências dessa partida⁶⁶: as mães que choraram, os filhos que rezaram inutilmente, as noivas que não casaram, manifestando, através da utilização das frases exclamativas, a sua admiração e reconhecimento pela coragem, sacrifício e força demonstrados. Depois dessa manifestação de admiração, questiona-se se todo esse sacrifício não foi inglório, respondendo com uma expressão que, de tão reproduzida oralmente, se tornou numa máxima muito utilizada para se falar da necessidade de cultivar a esperança: “Tudo vale a pena/Se a alma não é pequena” (vv.7-8), metáfora da grandiosidade da alma lusitana. A título de conclusão, empreende, numa última estrofe, um balanço sobre a utilidade dos sacrifícios, referindo, também de forma metafórica, que, para se atingirem certos objetivos, é preciso ser superior às dificuldades, ultrapassando-as, porque, como tão bem exprime na antítese que se segue, apesar de o mar ser uma fonte de perigos, é também espelho do céu e da vontade de Deus⁶⁷, símbolo da necessidade de vencer os medos para seguir as aspirações infinitas de quem tem a alma plena de sonhos e que não desiste de alcançar a glória suprema e a imortalidade do céu. Sonhar é, então, não desistir, é

⁶⁵ Obra que faz parte do Programa de 12.º ano, integrando a meta Educação Literária, onde são estudados oito poemas que abordam as temáticas do sebastianismo, do imaginário épico: natureza épico-lírica da obra; estrutura da obra, dimensão simbólica do herói, exaltação patriótica; linguagem, estilo e estrutura: estrutura estrófica, métrica e rima e recursos expressivos (*Programa e Metas Curriculares de Português, Ensino Secundário, 2014: 26*).

⁶⁶ Esta partida tinha sido já contemplada nas “Despedidas em Belém” de *Os Lusíadas*, por Luís Vaz de Camões, em que nos é descrito o momento da embarcação dos marinheiros portugueses que, após uma cerimónia religiosa de preparação da mente para o sonho em que iam embarcar, seguem em procissão até às caravelas, sem as costumadas despedidas, para não voltarem atrás na decisão tomada nem sofrerem tanto. Mas as vozes das mães, das esposas e dos filhos fazem-se ouvir, para demoverem os familiares da partida, cujo fim seria a inevitável morte. Este discurso que pretende despertar a piedade tem como função principal realçar a coragem destes navegadores, que não hesitam (Camões, 1974: 168-171).

⁶⁷ No poema “O Infante” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 109), Fernando Pessoa recorda um tempo áureo em que o ser humano, representado pelo pioneiro Infante D. Henrique, por designio de Deus, ousou sonhar, aventurando-se pelo mar, que lhe permitiria desfazer o mistério, rumo à revelação, à luz, ao conhecimento. Fica o repto a Deus, agente da vontade, para que, volte a impulsionar o sonho no homem, e, desta forma, a obra nasça com a concretização dos sonhos.

ansiar a distância, o desconhecido, o longe, o mundo a descobrir, o horizonte⁶⁸, que permita atingir o império do saber⁶⁹.

Foi preciso, para empreender esse sonho, ultrapassar a dor dos que ficaram, como é possível observar no poema “A Largada” (Torga⁷⁰, 2001: 236). Neste poema de Miguel Torga, o sujeito poético diz-nos que foi o sonho humano, refletido em desejos que originou a transformação dos pinhais em caravelas. Caracteriza-as como frágeis, uma hipálage da própria fragilidade dos navegadores que seguiram viagem nessas caravelas.

Os navegadores portugueses, guiados pela ilusão, prosseguiram o grande sonho, que os obrigava a serem fortes, em que, ainda que a nau tremesse, teriam de se manter firmes nas suas convicções. Fala das despedidas de forma emotiva, enumerando, tal como Fernando Pessoa, a pátria, a mãe e a viúva que ficavam em sofrimento pela antevisão da morte inevitável para a qual os navegadores vogavam. Numa visão mais realista, Torga enfatiza a dor de quem fica, a tentativa falhada de os convencer a não partir, através da hipálage do cansaço dos familiares refletido nas palavras que utilizavam na sua argumentação. A realçar ainda este sofrimento, a aliteração em <g> (“gritos e aos gemidos” - v.7) e a assonância em [i]⁷¹ (“Na areia fria aos gritos e aos gemidos/pela morte dos filhos” - vv.7-8). Encara a coragem dos navegadores como uma forma de reação viril às palavras ouvidas aos familiares, em que a ilusão e o sonho falaram mais alto. E essa reação viril obrigava a que se mantivessem firmes nos seus propósitos, numa coragem em que o medo psicológico fosse superado, mesmo perante os perigos⁷².

Ficam, para sempre, na memória, estes momentos heroicos de um povo que não pode, contudo, ficar no passado e que necessita, inevitavelmente, de projetar no futuro os momentos gloriosos já vividos, não deixando morrer a esperança e empreendendo sonhos que permitam ao país sair da instável situação atual.

⁶⁸ No poema “Horizonte” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 109-110), fala-se das primeiras naus que, impulsionadas pelos ventos do sonho, despertaram o desejo de conhecer novos horizontes, conducentes ao prémio, que foi descoberta da própria Verdade. Só o conhecimento e o desvendar dos mistérios, nos leva a essa Verdade, que é o próprio conhecimento.

⁶⁹ No poema com este título (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 116-117), Pessoa critica as pessoas que se acomodam com a sua vida rotineira do dia-a-dia, uma vida fácil (“Sem que um sonho, no erguer de asa,/Faça até mais rubra a brasa/Da lareira a abandonar!” - vv.3-5). E esta falta de iniciativa, de capacidade de sonhar, faz com que esmoreça a chama da alma e o ser humano tenha uma vida sem objetivos. Mas o ser humano, descontente por natureza (“Ser descontente é ser homem” - v.13), deve canalizar essa insatisfação para despertar o desejo de ir mais além, sonhar e formar novos impérios. Apela à necessidade de sair do nevoeiro do esquecimento e seguir o exemplo do sonhador D. Sebastião, o salvador, que vem de um passado envolto em mistério, devolver ao sujeito poético a esperança no futuro, num momento em que este sofre a dor dos dias vácuos.

⁷⁰ Miguel Torga é igualmente contemplado no novo Programa de Português de 12.º ano, na meta Educação Literária, como um dos autores a escolher (quatro de entre doze apresentados) para o estudo dos poetas contemporâneos, para lecionar a tradição literária, as figurações do poeta e a arte poética (Programa e Metas Curriculares de Português, Ensino Secundário, 2014: 27).

⁷¹ Símbolos do AFI (Alfabeto Fonético Internacional). Pesquisado em: http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo2_1.html (04-03-2016).

⁷² Tal como Vasco da Gama, quando confrontado com o medo pelo *Mostrengo* (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 111) ou pelo Adamastor (Camões, 1974: Canto V, 184-185).

III. Um Pé no Presente - o Presente que (des)motiva o Sonho

*Eu sou. Mas o que sou tão pouco é:
Rã fugida do charco, que saltou,
E no salto que deu, quanto podia,
O ar dum outro mundo a rebentou.*

(Saramago, 1997: 41, vv.5-8)

Nestes versos, José Saramago dá voz a um eu poético que fala da sua existência no presente, que considera humildemente muito pouco, afirmando-se metaforicamente como uma rã que ousou saltar da estagnação, elevando demasiado o salto, as expectativas, provavelmente numa tentativa de renovação, mas que foi atingida pelo ar de um mundo que não esperava encontrar e que não correspondeu às suas ilusões. Estava tão repleta de sonhos, tão inchada de ilusões, que, ao ser confrontada com o ar do mundo real, acabou por rebentar.

3.1. O Poder do Sonho

Creio que não há sonho mais belo do que o de um mundo onde o pilar fundamental da existência seja a fraternidade, onde as relações humanas sejam sustentadas pela solidariedade, um mundo onde todos compartilhem da necessidade de justiça social e actuemos com coerência.

(Sepúlveda, 2006: 10-11)

Nesta afirmação, Sepúlveda diz que o sonho positivo é aquele que nos faculta um mundo onde imperam os valores da fraternidade, da justiça social e da coerência. Esse seria o sonho ideal num presente que desilude, faz fraquejar ante o insucesso e presenteia com obstáculos que nem sempre são fáceis de contornar. É necessário acreditar que esse sonho realmente é possível; que há sempre uma janela pela qual espreita a luz dos raios de sol, quando se fecham portas de esperança, para prosseguir esta viagem⁷³, nem sempre fácil, que é a vida.

Opto por, neste subtema, interpretar poemas de dois grandes cantores portugueses do sonho, nomeadamente António Gedeão - poema “Pedra Filosofal”⁷⁴ (Gedeão, 2001: 71) e Sebastião da Gama - poema “Pelo Sonho é que Vamos”⁷⁵ (Gama, 1999: 65).

A poesia de António Gedeão surge num momento em que urgia devolver alguma consciência à poesia, perdida nos exageros e desregramentos, ainda que ficcionais, dos

⁷³ No poema “A Bagagem do Peregrino” (Ribeiro, 2010: 2), o sujeito poético relembra que, ainda que na viagem aos nossos sonhos (“ [migrações ao coração dos sonhos] ”- v.2), o ser humano seja confrontado com a desilusão e a solidão, deve acreditar que valeu a pena, porque constituiu um percurso de aprendizagem, de enriquecimento pessoal, uma riqueza espiritual de fé, que será a sua única bagagem.

⁷⁴ Poema publicado pela primeira vez em 1956, no livro intitulado *Movimento Perpétuo*. “Inteligente escolha do título para o seu livro denuncia a qualidade científica do seu estro” (Simões, 1984: I, 400). Em anexo, Poema XIV: pp. 17-18 (pp. 117-118 da dissertação).

⁷⁵ Poema que integra a obra com o mesmo nome, publicada postumamente, pela primeira vez, em 1953. Em anexo, Poema XV: pp. 18-19 (pp. 118-119 da dissertação).

surrealistas. Na sua poesia são notórias influências modernistas, nomeadamente do paulismo, do presencismo, do surrealismo, do experimentalismo, entre outras. Porém, Gedeão, destaca-se através de uma poesia que vai do riso ao desdenho, do desencanto ao humor, revelando-se um poeta cujo conhecimento científico⁷⁶ tornou prudente, conhecedor e seguidor de regras que, ainda que de forma misteriosa, não lhe permitem entender a poesia como um mistério (Simões, 1984: II, 456-457). De reconhecida qualidade científica, Gedeão é um poeta que equilibra o pensamento e o sentimento, que se exprime com uma exímia perfeição formal, numa expressão viva e dinâmica, através de uma linguagem rica em vocabulário inusual na poesia, caracterizada pelo rigor, precisão e originalidade (Simões, 1984: I, 399-409).

Nas suas obras, Gedeão, revela uma sensibilidade original, abordando temáticas diversificadas. Revela influência do parnasianismo, através da redondilha menor, mas inova pela educação científica demonstrada; com laivos do neorrealismo no gosto pelo sofrimento e pelo trabalho popular. A par dessas influências, numa poesia muito sua, transparece a meditação e inquietação pela solidão do ser humano (Saraiva e Lopes, s/d: 1116).

A obra na qual se integra o poema de que farei uma breve interpretação intitula-se *Movimento Perpétuo* (1956), revelando o ser humano que acorda, ainda fechado em si mesmo, no seu casulo. Esse movimento, que é a vida, vai surgindo de forma crescente, por meio de segredos, emoções, sonhos e sofrimentos (Silva, 1981: 264).

Sebastião da Gama caracteriza-se por uma poesia terrena, humanista, colhendo inspiração na terra e nas dores do mundo. Em ritmos simples, metros livres, revela, essencialmente, sentimento e emoção (Simões, 1984: I, 362-366).

A sua obra *Pelo Sonho é que Vamos* foi escrita entre dezembro de 1950 e 1951, um ano antes da sua morte. Nela enaltece a natureza, nos seus mais ínfimos pormenores, canta a vida, os nobres sentimentos e tudo o que é belo e puro, sempre com uma fé inabalável. É na natureza que descobre o milagre da vida, um milagre de Deus. Confronta-se também com a fragilidade do ser humano, que, em vez de o desanimar, lhe dá força para continuar a procura da verdade. A alegria encontra-se no amor, na mulher sonhada tornada real, numa felicidade que leva a uma constante primavera da vida (Martins, 1996: 91-96). O sonho não surge nesta obra como um simples refúgio, mas como projeto de fé e de esperança, de partilha, de confiança, entrega e comunhão. Em *Pelo Sonho é que Vamos*, contrariamente a outros autores contemporâneos da mesma época, que retratavam essencialmente o pessimismo, a angústia, o desencanto, de

⁷⁶ Esta preocupação da poesia com a ciência não é nova em Gedeão, dado que, já na antiguidade, alguns escritores falavam da ciência em poesia. Por exemplo, Virgílio, na sua obra *Geórgicas*, explica a influência da astronomia nos métodos agrícolas (Virgílio, in Biblioteca Virtual Miguel Cervantes, 2012: 50). Segundo Forbes, a curiosidade sentida na infância por tudo o que rodeia a criança, leva-a a ser cientista, escritora ou pintora. Leonardo Da Vinci estudava os fenómenos químicos para os retratar nos seus trabalhos. Foi o que fez, por exemplo, para retratar a turbulência da água (Forbes, 2005: 320-420). Segundo Vogt, a conquista da ciência e da tecnologia é possível “ [...] pela participação ativa do cidadão nesse amplo e dinâmico processo cultural em que a ciência e a tecnologia entram cada vez mais em nosso cotidiano, da mesma forma que a ficção, a poesia e arte fazem parte do imaginário social e simbólico de nossa realidade e de nossos sonhos, multiplicando em nossa existência única, e provisória, a infinitude de vidas e vivências que vivemos sem jamais tê-las vivido.” (Vogt, in web, 2003). Muitos estudos, feitos ao longo dos tempos, aproximam a poesia da ciência, porque, de certa forma, ambas exploram o pensamento inconsciente para reproduzir beleza.

forma crítica e até de forma autodestrutiva, Gama contempla-nos com uma poesia cristã otimista, onde canta a fé, a amizade, o amor, a natureza, a vida, a beleza, numa comunhão com Deus, de forma sensível e singela, num tom coloquial, familiar, com uma aproximação à oralidade e com um otimismo contagiante (Santos, 2007: 122-136).

No poema “Pedra Filosofal”⁷⁷ (Gedeão, 2001: 71), o sujeito poético começa por referir-se ao ser humano, com algum sentido crítico (“Eles não sabem” - v.1), porque ignoram o poder do sonho. Ele, sujeito poético, tem consciência de que o sonho faz parte da vida e de que a aspiração do homem ao sonho é tão natural quanto os elementos naturais mais simples e que podem até passar despercebidos. A repetição de determinantes demonstrativos, utilizados a par da comparação, realça a própria comparação do sonho com algo que está ao alcance de todos. E o primeiro verso, repetido paralelamente no início de cada estrofe, reforça o desconhecimento por parte do ser humano de uma evidência que está ali ao alcance dos seus olhos. O sonho revela-se, então, qual pedra, estável, eterno; ribeiro, que corre como a própria vida, calmamente; pinheiros, que refletem a esperança, altos em direção à luz do sol; aves, cuja alegria manifestada em metáfora de bebedeira, se revela contagiante, inebriando o azul do céu. Como qualquer destes elementos, o sonho, faz parte da vida.

Seguidamente, associa metaforicamente o sonho ao vinho, pois cada sonho, à sua maneira, passa por um processo gradativo de execução (“é vinho, é espuma, é fermento” - v.14). É também metaforicamente associado a um bicho que fossa incansavelmente, manifestando essa necessidade de se ser persistente e incansável na procura.

A partir deste momento, tece uma longa enumeração de todos os elementos, tecnologias e acontecimentos alcançados graças ao sonho do ser humano, em vastos domínios, como a pintura, a arquitetura, a música, o teatro, a magia, a química, a história, as descobertas, a dança, o amor, a energia, a conquista do mar e do ar. Sonhos concretizados por etapas, que são transmitidos num crescente de intensidade poética condicente com a intensidade das experiências e conquistas, até ao desembarque na lua.

Termina, em forma de conclusão, com a ideia de que foi o sonho que fez progredir o mundo, utilizando um verso que, de tão utilizado, se popularizou numa máxima, que se utiliza, normalmente, para responder aos desconfortos existenciais de cada um: “o sonho comanda a vida” (v.44). E refere, metaforicamente, que o mundo progride graças ao sonho e de forma tão natural, inocente e inconsequente quanto uma bola, rebolando alto nas brincadeiras de uma criança, bola que simboliza a totalidade celeste e terrestre, a perfeição. É sonhando que se criam objetivos na vida e é através dos sonhos que se triunfa.

Este poema, pelo seu ritmo, pelos versos curtos, predominantemente heptassílabos, possui uma cadência que o levou a ser musicado por vários cantores, nomeadamente Carlos do

⁷⁷ Na iconografia alquímica, a pedra filosofal simbolizava o objetivo final de toda a aspiração, com cujo auxílio, poderiam transformar metais comuns em ouro (Biedermann, 1994: 291).

Carmo⁷⁸, Manuel Freire⁷⁹ e por Rocky Marsiano com Sofia Morais, integrado no CD *Composto de Mudança*⁸⁰.

No poema “Pelo Sonho é que Vamos” (Gama, 1999: 65), o sujeito poético refere, numa primeira estrofe, cujo primeiro verso abre e fecha a estrofe, de forma paralelística, que o ser humano é conduzido por sonhos⁸¹. A adjetivação que se segue é expressiva do poder do sonho no Homem, porque é vivido num silêncio embargado pela emoção. Ainda que não se tenha a certeza da sua realização ou não, o importante é sonhar, aventurar-se nessa busca do sonho, que é a própria vida, a fé, a esperança, a dádiva e a alegria. Quer se tire provento do sonho ou não, é preciso continuar a sonhar. Seguidamente e utilizando a anáfora do verbo *bastar*, realça o que é realmente importante, no presente, para se continuar a sonhar: a esperança e a fé no futuro, numa entrega total, cuja realização pessoal é determinada pela coragem, persistência e fé, que fazem com que partamos, vamos e sejamos. No fundo, importa mais o que fazemos pelo sonho, do que a concretização ou não do mesmo⁸².

Seja qual for o seu poder, o importante é que os sonhos continuem a impedir o Homem de desistir face a objetivos por atingir⁸³, porque, como diria Nietzsche, é com os erros que se aprende: “Da Escola de Guerra da Vida - o que não me mata torna-me mais forte” (Nietzsche, 1888: 3). É preciso encarar o presente com otimismo, aprender com os erros, reformulando objetivos, redimensionando expectativas e reinventando ilusões, que permitam continuar a sonhar⁸⁴. Não se pode ficar encarcerado num passado, em que a infância, o amor ou as glórias foram momentos áureos, muitos deles apenas idealizados na ficção poética.

⁷⁸ A versão de Carlos do Carmo em https://www.youtube.com/watch?v=e7aDSEw_GMo (18/12/2015).

⁷⁹ Versão musicada por Manuel Freire em <https://www.youtube.com/watch?v=kGvY4tqcqUQ> (18/12/2015).

⁸⁰ CD que constituiu uma iniciativa do grupo Portugal Telecom, com o apoio da SIC, cuja receita visou apoiar projetos específicos do Instituto Camões para a promoção e desenvolvimento da língua portuguesa no mundo. Pode ouvir-se em http://romulo.paginas.sapo.pt/pedra_filosofal.html (18/12/2015).

⁸¹ Em “Um Mundo” (Ramos-Rosa, 2014: 185), o eu poético refere que o mundo formado a partir do sonho é um mundo com luz, cor e perfumes, porque torna tudo possível e deslumbrante, atendendo a que, com o sonho, se alcança um mundo ideal.

⁸² E quem melhor que o poeta para fazer sonhar? Como nos é dito no poema “Canção do Dia de Sempre” (Quintana, *in Web - Canções*: 3) o poeta tem esse poder de ir presenteando o leitor com sonhos, para que este tenha esperança no recomeço.

O sujeito poético do poema “Biografia” (Torga, 2001: 579) sonha sem que ninguém se aperceba, porque é um sonho interior. É com os versos, lançados ao leitor com toda a sua força, que tenta despertar neste os sonhos adormecidos.

Ainda noutra poema, “Legado” (Torga, 2001: 123), o “eu” poético encarrega o leitor de receber o seu legado, que é o sonho. Ele sonha e o leitor colhe os seus sonhos.

Agostinho da Silva, no seu poema “Meu Amor que Te Foste sem Te Ver” (Silva, *in Web*, s/d) menciona, através de um “eu” poético, que o sonho do poeta tem a capacidade de fazer renascer o amor perdido pelo poder de imaginar. O sonho é encarado como cíclico, renascendo perante a desilusão e o sonho desfeito.

⁸³ É por esse motivo que, no poema “Sonhar” (Almeida, 2003: 84), o “eu” poético fala do poder de sonhar com as coisas boas da vida, como o amor, o calor, o desejo, o futuro, porque sonhar é positivo, é criar expectativas e empreender grandes voos.

No poema “Aspiração” (Neto, *in Ferreira*, s/d: 28-29), o sujeito poético fala de tudo o que ainda o faz sonhar - o seu ser físico, o coração, a alma, a fé, a vida, os ritmos, que sustentam o desejo, a vontade, a coragem e a inspiração.

⁸⁴ O sonho tem o poder de ir defendendo o sujeito poético da morte; a vida vai congratulando o ser humano sempre com novos sonhos, como nos é mencionado no poema “Mesa dos Sonhos” (O’Neill, 2000: 70).

A vida é incerta e dá muitas voltas, como refere o sujeito poético do poema “Escada sem Corrimão” (Mourão-Ferreira, 1988: 158). Nem sempre somos apoiados no nosso percurso de vida e seguimos os sonhos subindo bem alto na sua idealização, mesmo sem sairmos da realidade. Não se pode

3.2. Sentimentos que Justificam os Sonhos

O sentimento abre as portas da prisão em que o pensamento fecha a alma.

(Pessoa, 2015: 55)

Muitos são os sentimentos que os poetas, libertando da sua alma, cantam nos seus textos, particularmente a amizade, o amor, a solidão, o sofrimento, a desilusão, a saudade, o cansaço, entre muitos outros. Porém, poucos são aqueles que justificam o sonho no presente. De entre os sentimentos que justificam a presença do sonhador no presente, há a considerar o desejo de fuga à realidade, que surge como escape de defesa, mas que permite, ao ser humano, esquecer, por momentos, os problemas e angústias do dia-a-dia; a alegria, a felicidade, a vontade de viver, os afetos⁸⁵, a fé, a crença e os projetos de vida, são mote mais que suficiente para despertar o sonhador que existe em praticamente todo o ser humano; o amor é, sem dúvida, um tema dileto, porque, como sentimento sublime que é, apresenta um poder unificador e transformador e é importante amar e sonhar para além do tempo, independentemente da idade⁸⁶; os desejos, a fantasia, o devaneio e a liberdade são igualmente formas de sonhar. O sonho e a poesia funcionam como agentes da transfiguração da realidade, oferecendo inúmeras possibilidades. A linguagem literária, com as suas ambiguidades, permite a multiplicação dos sonhos. É o sonhador que lhes confere brilho, reciprocidade, possibilidade, porque vê com olhos sonhadores, tendo um mágico poder de iluminar o mundo (Resende, 1999: 104-124).

Para abordar esta temática, optei por escolher dois poetas que, apesar de fazerem parte de épocas literárias diferentes, revelam o amor como o sentimento que dá sentido à vida, justificando, assim, os sonhos no presente. São eles Manuel da Fonseca - “Noite de Sonhos Voada”⁸⁷ (Fonseca, 1984: 159) e Mário Cesariny de Vasconcelos - “Em todas as Ruas te Encontro”⁸⁸ (Vasconcelos, s/d: 160-161), pela forma peculiar como abordam a mesma temática, um sentimento que une os poetas na temática abordada, mas que, cada um canta, à sua maneira, de forma, quase diria, complementar.

Manuel da Fonseca, nos seus *Poemas Completos* (1.^a ed., 1958; 2.^a ed., aum., 1965), mostra um lirismo realista, fazendo uso de uma linguagem direta e objetiva, onde é perceptível a subjetividade da poesia mesclada com a objetividade da prosa. Neorrealista, em versos

temer sonhar, porque a vida é efémera. Para que se concretizem os sonhos, é necessário sonhar, seguindo o coração, mas de forma equilibrada, sensata. Se não seguirmos o sonho, sujeitamo-nos a permanecer na ignorância.

⁸⁵ Por exemplo, o amor paterno, que é realçado no poema “À minha filha” (Oliveira, in *Web*, s/d), num manifesto de orgulho ao constatar que a filha é um reflexo de si mesmo, num prolongamento do exterior, nas feições e interior, na maneira de ser. Foi na filha que semeou os seus preciosos sonhos e agradece por isso, no fim: “Deus bendito e louvado, / Ó filha estremeçada, / Por te cá ter mandado / A reviver-me a vida” (vv.45-48).

⁸⁶ É importante amar e sonhar para além do tempo, independentemente da idade. É o que canta o sujeito poético do poema “Somos assim aos dezassete” (Gama, 1999: 45), quando, ante o ensinamento dos mais sábios, porque mais velhos e dos livros, fonte de saber, ergue um hino à vida, à juventude de espírito e à capacidade de sonhar: “Deixá-los lá falar os velhos / Deixá-los lá... A Vida é ruim? / Aos vinte e seis eu amo, eu creio. / Aos vinte e seis eu sou assim” (vv.9-12).

⁸⁷ Em anexo, Poema XVI: pág.19 (pág.119 da dissertação).

⁸⁸ Em anexo, Poema XVII: pág.20 (pág. 120 da dissertação).

prosísticos surge a revolta através da palavra, nos quais se atravessa um erotismo quase juvenil (Moisés, 1960: 278). Foi um dos pioneiros da poesia neorrealista, tendo abordado o desencanto provinciano e burocrático (Saraiva e Lopes, s/d: 1087).

Manuel da Fonseca adota a redondilha assonante, com influência do romance mourisco de origem castelhana, utiliza o verso livre para interpretar emoções e angústias populares, de forma simples, com o intuito de conseguir fazer-se compreender pelo povo (Simões, 1984: I, 232- 235).

Mário Cesariny de Vasconcelos escreveu a sua *Pena Capital*, obra onde se integra o poema “Em todas as Ruas te Encontro”, em 1957, tendo integrado o grupo surrealista de Lisboa em 1947. Mesmo após a dissidência do surrealismo, manteve-se fiel às suas convicções. Apesar de revelar ainda traços do neorrealismo, a sua poesia é surrealista. Marcada pela dialética entre o real e o imaginário, o concreto e o mágico, Cesariny transfigura o real através da fantasia, muito característica da sua maneira de escrever, desmembrando-o e reinventando-o, com o recurso a uma linguagem renovadamente lúdica (Moisés, 1960: 286). Além de poeta, pintor, foi o elemento mais representativo do surrealismo lisboeta⁸⁹. Nos seus poemas sucedem-se anáforas, paralelismos, jogos verbais e diálogos sem nexos (Saraiva e Lopes, s/d: 1102).

A ironia de Cesariny revela uma inovação em relação ao neorrealismo, fazendo uso dela para expor as pretensões e certezas de muitos neorrealistas. A ironia mordaz e o humor sarcástico são usados com o intuito de escarnecer da burguesia e constituir uma crítica à estética poética do neorrealismo. O riso injurioso era uma arma destrutiva que usava com função crítica. A sua visão das ruas da cidade confronta-nos com as figuras do pedinte, do polícia, do operário, do capitalista e do suicida (Marinho, 1986: 311-323).

Contrariamente a outros poemas de Manuel da Fonseca, onde a noite assume uma conotação negativa ligada à dor, à morte e à solidão, neste poema “Noite de sonhos voada” (Fonseca, 1984: 159), a noite simboliza o amor⁹⁰, o sonho, os desejos e volúpias, testemunha de um intenso amor. A noite passa, demasiado rápida, qual noite alada que leva os sonhos ao

⁸⁹ “O Surrealismo assenta na crença na realidade superior de certas formas de associações até aqui desprezadas, na onipotência do sonho, no jogo desinteressado do pensamento. Tende a arruinar definitivamente todos os outros mecanismos psíquicos e a substituir-se a eles na resolução dos principais problemas da vida” (Breton, 1924: 12).

⁹⁰ Também Sebastião da Gama, no seu poema “Imagem” (Gama, 1999: 45) dá voz a um “eu” lírico que exalta o amor por uma mulher sonhada, a sua outra metade, que sacia o seu desejo. Um amor-perfeito, sem perturbações, feito de cumplicidade, em que as palavras se tornam desnecessárias.

Ainda noutro poema, o sujeito poético, ergue um hino a este amor cúmplice - “Largo do Espírito Santo, 2, 2.º” (Gama, 1999: 59-60). Um amor em que se exalta o valor da união matrimonial, numa comunhão de vida e de sonho, até porque era mútuo. Um amor vivido na sua plenitude, numa casa idealizada e por eles concebida no sonho e realizada no ninho de amor, onde até os mais ínfimos pormenores tinham um sentido profundo.

No poema “Linha quatro” (Oliveira, in Ferreira, s/d: 69-70), o “eu” poético fala de um amor desejo, paciente, mesmo que não concretizado. Um amor propiciado pelo local em que observa a mulher amada (“No Largo da Mutamba”, no “machimbombo da linha quatro” - vv.1,19), um local onde o sonho acontece, onde o amor acontece.

O amor é mesmo percecionado como a razão de viver, num mundo onde impera a solidão, a insegurança e o sofrimento. É esta a perspetiva que nos é dada no poema “Amor” (Azevedo, in *Web*, 1996: 102). É um amor idealizado, feito de desejo por uma mulher bela, mas inatingível, virginal, divina (como o sujeito poético exprime ao referir, de forma anafórica, ao longo do poema, “Quero”). O sonho é o grande responsável por este querer, um desejo romântico de fuga à realidade e de idealização de desejos e emoções.

romper do dia. O sujeito poético fala do amor que concilia o desejo físico, concretizado em beijos intensos, com a ternura de quem ama. É um amor físico consumado, numa noite passada entre abraços, beijos e ondulação física de corpos em desejo. Concretização física que dispensa palavras, metaforicamente amordaçadas em beijos, em antíteses de um domínio que liberta, de um vencedor que se deixa vencer, numa intensidade realçada pela repetição anafórica do advérbio de quantidade “tão”, a salientar o valor expressivo dos adjetivos antitéticos que quantifica (“dominado”/”solto”, “vencedor”/”vencido”, “rebelde”/”consentido”). A par, uma enumeração de verbos realça a entrega amorosa, numa gradação crescente que leva a transcender o próprio espaço e a ver, metaforicamente, no abraço, a luz de uma estrela. Noite personificada que se reflete no sorriso dos olhos da mulher amada. Uma noite que passou demasiado depressa, tão depressa quão intensa de amor foi, que nem se aperceberam de que já tinha dado lugar ao dia. Este poema é um exemplo das características linguísticas e formais de Manuel da Fonseca - ondula em redondilhas de versos livres, como livre foi a noite de amor, num realismo lírico e numa linguagem direta e incisiva.

O amor é a descoberta do outro, a liberdade, a libertação, a euforia, o percurso pela cidade, em silêncio⁹¹, em busca do ser amado. No poema “Em todas as ruas te encontro” (Vasconcelos, s/d: 160-161), é cantado um amor angustiado, de perdido (“em todas as ruas te perco” - v.2) e achado (“em todas as ruas te encontro” - v.1), em que a concretização amorosa por uma figura sonhada nunca é plena e em que a procura desse amor se torna eterna. A descoberta da figura amada é uma experiência com algum erotismo, dado que permite, metaforicamente, a fusão de dois seres num só. Uma fusão que possibilita ao eu poético, como é perceptível através das antíteses, vê-la de olhos fechados, beber a água ou sorver o ar que, de alguma forma, já foram dela. A água é fonte de vida, meio de purificação, de transformação da substância que ela implica. O corpo e a água são duas forças dominadoras e libertadoras. Como o sujeito poético não encontra, nas ruas da cidade, a figura que ama e deseja, sente que é uma espera vã, mas, a partir da própria ausência, surge o desejo de a tornar numa presença constante e plena. Consegue essa presença apenas através da transfiguração dela em si próprio (“o meu corpo se transfigura/ e toca o seu próprio elemento” - vv.10-11). O rio surge como uma metáfora de perda, onde o objeto do seu desejo desaparece, numa transitoriedade da vida humana, que procura o amor e se procura em vão nesse amor. As ruas são labirintos metafóricos, onde se torna impossível um encontro físico definitivo, fazendo com que o amor nunca seja concretizado, o desejo nunca seja saciado, porque a procura acaba sempre por se transformar em desencontro⁹². Este poema de Cesariny tem também sido contemplado com

⁹¹ Este silêncio de que o sujeito poético fala é, por vezes, proveniente da própria necessidade de continuar a sonhar, como se o ato ilocutório quebrasse a magia de um amor que existe apenas em sonho. Um exemplo deste silêncio que o sujeito poético solicita à mulher amada, é o poema “[Queres dizer-me adeus, minha esperança]” (Saraiva, in Sousa, 2005: 57). Perante a possibilidade de um adeus da mulher amada, o sujeito poético pede-lhe que escute o amor com o silêncio necessário à compreensão da sua dimensão. Um silêncio que impede a separação amorosa e que se impõe como condição necessária para continuar a viver o seu sonho de amor.

⁹² Este desejo de encontrar a mulher amada, é também retratado no poema “visita-me enquanto não envelheço” (Al Berto, in *Web - Portal da Literatura*, s/d), em que o sujeito poético se refere à ausência que o massacra, uma ausência da mulher amada, por quem gostaria de ser surpreendido numa

várias declamações e cantado, de que destaco uma declamação efetuada por Rogério Samora⁹³ e uma versão musicada por Filipa Pais⁹⁴.

Em suma, independentemente do tipo de amor e da sua concretização ou não, como diria António Gedeão, no seu poema “Amor sem Tréguas” (Gedeão, 2001: 196),

*É necessário amar,
qualquer coisa, ou alguém;
o que interessa é gostar
não importa de quem.*

*Não importa de quem,
nem importa de quê;
o que interessa é amar
mesmo o que não se vê.*

*Pode ser uma mulher,
uma pedra, uma flor,
uma coisa qualquer,
seja lá o que for.*

*Pode até nem ser nada
que em ser se concretize,
coisa apenas pensada,
que a sonhar se precise.*

[...]

*Amar como o homem forte
só ele sabe e pode-o;
amar até à morte,
amar até ao ódio.*

*Que o ódio, infelizmente,
quando o clima é de horror,
é forma inteligente
de se morrer de amor.*

É esse amor, bem como outros sentimentos positivos, que continuam a dar sentido à nossa vida e ao sonho no presente.

concretização física e plena do amor. Também ele a sonha e não a alcança e receia envelhecer sem consumir este amor.

⁹³ Faixa nº 7 do disco *Lisboa* (Rogério Samora, Gabriel Gomes, Rodrigo Leão). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1GE1ucR7mGA> (18/12/2015).

⁹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nPaZ0IAS55Q> (18/12/2015).

3.3. Cinzas do passado - o presente desmoronar dos sonhos

A grande aventura acabou, o sonho dissipou-se como gotas em terra árida.

(Cury, 2007: 23)

Alguns poetas confrontam-se com uma realidade muito diferente do ideal sonhado. E, ainda que o sonho sirva de impulso à própria vida, na maior parte das vezes, não chega a ser verdadeiramente atingido⁹⁵. O esplendor da fase áurea em que tudo parece possível e atingível, em que os sonhos conduzem o ser humano, nas asas da imaginação mais pura, da emoção mais genuína, da capacidade de acreditar mais ingénua, acaba por cair por terra, reduzido às cinzas de uma realidade tão díspar da que sonharam⁹⁶. Uma realidade comezinha, deprimente, exigente, desoladora, analítica, calculista, onde não há tempo nem lugar para os sonhos e onde a luz vai esmorecendo até se sentir a escuridão profunda do fracasso; onde o confronto com o ideal inatingível e com a imperfeição do mundo conduz à desilusão e à solidão⁹⁷ e onde a capacidade de acreditar se vai distanciando cada vez mais, deixando no seu lugar a decepção, o pessimismo, o desencanto e a amargura⁹⁸ (Guerreiro, 2008: 81).

E é perante deste desmoronar dos sonhos, áureos no passado, cinza desse passado no presente, que alguns poetas erguem o seu canto de dor, de sofrimento, de desencanto, e, às vezes, mesmo de morte, uma morte interior.

Para expressar esta desilusão presente provocada pelo desmoronar dos sonhos, ninguém melhor que os nossos poetas Antero de Quental e António Nobre. Do primeiro, selecionei, para empreender uma breve interpretação, o poema “O Palácio da Ventura”⁹⁹ (Quental, 1996: 96). Do segundo, “E a vida foi, e é assim, e não melhora”¹⁰⁰ (Nobre, s/d: 142).

Antero de Quental (1842-1891) caracteriza-se por uma poesia metafísica e transcendental, uma poesia que tencionava dar resposta a questões formuladas pela

⁹⁵ No poema “Quase” (Sá-Carneiro, 1990: 122), o sujeito poético lamenta que os seus sonhos tenham sido sempre um “Quase” que, efetivamente, nunca se consumou e que o fizeram perder inutilmente o seu tempo, afirmando: “De tudo houve um começo... e tudo errou... / - Ai a dor de ser-quase, dor sem fim... / Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim, / Asa que se elançou mas não voou...” (vv.13-16).

⁹⁶ Por vezes, o sonho existe apenas enquanto sonhado, pois nunca foi real. É o que o sujeito poético do poema “Tema e variações” (Bandeira, in *Web*) menciona: “Um sonho presente/ Um dia sonhei./ Chorei de repente/ Pois, vi, despertado,/ Que tinha sonhado” (vv.13-17).

É, muitas vezes, o próprio destino, que impede que os sonhos se concretizem. É o que nos diz o sujeito poético do poema “Tudo quanto sonhei se foi perdido” (Bugalho, in *Web*, s/d). O sonho idealizado era perfeito enquanto apenas idealizado: “O que sonhei e antes de vivido/Era perfeito e lúcido e divino,/Tudo quanto sonhei se foi perdido/ Nas ondas caprichosas do destino” (vv.1-4).

⁹⁷ No poema “Sonho” (Bilac, in *Web*, s/d: 4), é evidente a desilusão manifestada pelo “eu” poético, que, na impossibilidade de concretizar o sonho de ter a mulher amada junto de si, este cai por terra, levando-o a afirmar que a realidade não corresponde ao sonho e é triste e solitária.

⁹⁸ O sujeito poético do poema “Serradura” (Sá-Carneiro, 1990: 184-185) menciona que era um sonhador, no passado, no “Oiro antigo” (v.16), a quem o cansaço e a rotina do presente esmoreceram os sonhos, deixando-o com a sua vida tristonha e maçadora.

A opressão diária pode mesmo fazer ruir todos os sonhos. No poema “O funcionário cansado” (Rosa, 2014: 29-21), é notório o cansaço do sujeito poético em virtude da desumanização de que são alvo os trabalhadores do Estado. Sente-se um funcionário triste, que perdeu os objetivos que o moviam, porque lhe foi negado pensar, sentir e sonhar. Um sonho remetido à solidão das quatro paredes que constituem a sua casa, ao qual não pode dar voz, pois as palavras que surgem tornaram-se prisioneiras da sua própria vida.

⁹⁹ Em anexo, Poema XVIII: pp.20-21 (pp. 120-121 da dissertação).

¹⁰⁰ Em anexo, Poema XIX: pág.21 (pág. 121 da dissertação).

consciência humana e, assim, escapar à angústia geográfica, cultural e histórica em que vivia o homem português. É uma poesia filosófica questionadora, na qual brilha o drama de Antero: entre contradições, dúvidas face à verdade, hesitações da vontade e da possibilidade e as eternas questões do realizável. Um drama onde está patente uma difícil busca espiritual, que o vai encaminhar para um exame interior, uma desagregação e destruição final.

Esta tentativa infrutífera de conciliar os opostos da sua alma, leva-o a um sentimento de frustração, a uma introversão, que o isola no seu espírito, na procura de um equilíbrio interior, de uma felicidade que nunca encontrou. Debate-se frequentemente entre a descrença cética amargurada e uma leve esperança nos mitos religiosos da infância. Revolta-se contra as injustiças sociais, mas sente-se impotente para lhes fazer face. Não o conseguindo e não lhe dando Deus a resposta aos seus conflitos, fecha-se no seu próprio pessimismo, num desespero que o levaria à única saída que lhe restava - a morte (Moisés, 1960: 179-186).

Os sonetos do autor vêm atestar a fase mais amadurecida da sua poesia. Começa por exprimir o seu rompimento com a sua fé infantil, passa de uma insatisfação a uma imensa frustração. Revela um empenhamento combativo, apelando à razão, mas logo cai num grande pessimismo até uma forte necessidade de reconciliação mística. Apesar de não manifestar uma grande originalidade em termos de vocabulário e estilo e apresentar uma rima pobre, evidencia-se pelos ritmos frásicos, pela fluidez com que comunicam estados de alma (Saraiva e Lopes, s/d: 869-871).

António Nobre (1867 - 1900) foi um poeta emocional, obcecado pela infância perdida e de uma grande sensibilidade. Apesar de ter recebido algumas influências literárias, particularmente do romantismo de Garrett e do simbolismo francês de Verlaine, não se identificou ou integrou propriamente na vida literária da sua época. Não aceitando normas, tornou-se num dos pioneiros da poesia moderna. Caracteriza-o o estilo coloquial, o tom narrativo inspirado, espontâneo e emotivo, em que expressava a saudade e a passagem do tempo (Moisés, 1960: 218-221).

Contrastando com os ornatos da poesia anterior, Nobre vem renovar a poesia do século XIX, com um tom vivamente coloquial, de conversa com um diário íntimo, uma linguagem simples, em alusões de lenda e romanceiro e com algumas liberdades de versificação (Saraiva e Lopes, s/d: 1008-1009).

Caracterizado por uma poesia que revela alguma falta de amadurecimento, em permanente monólogo narcísico, escreveu a saudade, o prosaico em tom de lenda, numa linguagem simples mas de grande imaginação, avessa à oratória e processos formais rigorosos. As suas liberdades rítmicas, os paralelismos, as repetições anafóricas e as onomatopeias conferem à sua poesia uma musicalidade que se oferece à audição (Coelho, 1989: 731- 733).

No poema “O Palácio da Ventura” (Quental, 1996: 96), o “eu” lírico remete-nos, logo no primeiro verso, para o sonho como uma realidade idealizada ou até onírica. Imagina-se um cavaleiro, que empreende uma viagem espiritual em busca da perfeição, como os heróis da

Idade Média¹⁰¹. Situa a sua missão no espaço e no tempo. Procura o palácio ideal, quimérico, alegoria onírica da grandeza da fortuna, da felicidade (“O palácio encantado da ventura” - v.4). De realçar a utilização do adjetivo “encantado”, que enfatiza essa dimensão imaginária e idealizada do palácio. Para tentar atingir o seu objetivo, passa por dificuldades que constituem provas a superar, como os “desertos” (v.2), que conferem à missão um caráter solitário. A sublinhar as dificuldades, temos o paralelismo anafórico, de que resulta uma aliteração em <p>, que remete sonoramente para o tropel do cavalo nesta missão (“Por desertos, por sóis, por noite escura” - v.2). Em termos temporais, há a ideia de um longo período de tempo (“por sóis, por noite escura”), em que se depara com condições adversas - o calor do sol e a escuridão da noite - neste último caso, é utilizado o pleonasma (“noite escura”), que realça a dificuldade perante a falta de luz ou de uma luz que o oriente e não o deixe desistir. É a sua ansiedade em atingir os seus objetivos e o amor que coloca neste sonho que o leva a empreender esta procura sem dela abdicar. No entanto, os sacrifícios foram tão grandes que sente esvaír-se a coragem¹⁰², como o demonstra a própria utilização da conjunção adversativa “Mas” (v.5). Quanto maior a adversidade, maior o empreendimento. E esta é uma missão tão grandiosa quanto as dificuldades que se lhe deparam. É quando estão a fugir-lhe as forças, quando se sente fraquejar, que tem dele uma onírica visão, que lhe vem restituir a resistência e redobrar a coragem. E este palácio surge-lhe em toda a sua resplandecência, magnificência e beleza. Esta visão devolve-lhe a audácia para bater à porta com todas as forças que lhe restam e se revigoraram ante a visão (“Com grandes golpes” - v.9) e gritar, numa invocação às grandiosas e preciosas portas que vêm dar brilho e imponência à noite escura. No entanto, nova adversativa (“Mas” - v.13) vem pôr cobro à dimensão irreal deste sonho. Uma missão que acaba em decepção, ao contrário dos heróis das lendas para quem as portas abertas significavam o atingir da plenitude interior. Resta o desmoronar do sonho, porque o que encontra neste palácio, que simboliza o seu próprio mundo interior até ao qual cavalgou numa viagem espiritual, é apenas a solidão, o sofrimento e a desilusão, numa tomada de consciência de que os sonhos são inatingíveis e irrealizáveis.

Esta viagem espiritual é a viagem do próprio autor, o que é retratado no telefilme intitulado “Anthero - O Palácio da Ventura”, realizado por José Medeiros, cujo intuito era

¹⁰¹ Lembrando o símbolo do cavaleiro, cujo combate é espiritualizado. O sonho do cavaleiro revelava o desejo de participar num grande projeto, de caráter moralmente sublime. O cavaleiro sacrifica-se por esse projeto até à morte. O ideal cavaleiresco surge ligado a uma missão religiosa, assumindo-se como patrono dos cavaleiros o arcanjo São Miguel, que ficou célebre graças ao seu combate com o demónio, símbolo do mal, que ele destruiu. O verdadeiro cavaleiro é aquele que integra a *demand do Santo Graal*, que, como Parsifal, se direciona ao palácio espiritual que, ao alimentar-se da hóstia, encarna para os outros a própria hóstia (Chevalier e Gheerbrant, 1997: 170-171).

¹⁰² O cansaço pode mesmo levar o sujeito poético a desistir dos seus sonhos, como se pode observar no poema “Canção” (Meyreles, in *Web - EbookLibros*, s/d: 27). Sonhar exige uma predisposição, um esforço e uma dedicação que nem sempre se conseguem manter até ao fim. O sujeito poético deste poema desistiu de sonhar, ao ponto de destruir os seus próprios sonhos, quando, metaforicamente, fez naufragar o seu sonho.

desvendar os mistérios e grandeza de Quental¹⁰³. O poema foi também musicado por Filipa Pais¹⁰⁴.

No poema “E a Vida foi, e é assim, e não melhora” (Nobre, s/d: 142), o eu lírico manifesta uma visão pessimista da existência, sentindo dolorosamente a sua efemeridade. Tem consciência de que é inútil o esforço, que não passa de uma ilusão. Através de uma antítese, refere as distintas formas de encarar esta realidade - comemorando ou revoltando-se. Em seguida, enumera tudo o que a vida lhe poderia ter oferecido de positivo (“a Arte, o Lar, um filho” - v.5), mas, num monólogo consigo próprio, conclui que nada do que idealizou lhe foi dado a viver. Nada passou de ilusão, o que é realçado pela enumeração pleonástica “Quimeras, sonhos, bolas de sabão” (v.6). Sente o chamamento da morte e sofre ante a constatação da efemeridade da vida, que não lhe permite atingir os seus ideais. Compara a sua dor à de uma noiva que morre na boda e cujo vestido de noiva lhe serve de mortalha, para realçar a dimensão da sua dor, superior a essa. É uma dor interior, que advém da consciência que tem da própria dor e da desilusão. Termina, metaforicamente, desejando o recolhimento na Paz que só a morte lhe pode conferir.

Desmoronam-se os sonhos bons do passado, que davam sentido à vida¹⁰⁵; os sonhos que se idealizaram sem se terem concretizado; as recordações dos sonhos bons que se tiveram ou recriaram através da poesia; o sonho de se encontrar a si mesmo e de se sentir pleno e realizado; a procura incessante do sonho áureo, de ilusões, que tornam a desilusão mais acentuada¹⁰⁶ e os sonhos em que a realidade se sobrepôs, deitando-os por terra.

¹⁰³ Apresentação do filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oso0rHw0CkE> (20/12/2015).

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PoFfz0L8MxE> (20/12/2015).

¹⁰⁵ No poema “História” (Cardoso, *in* Ferreira, s/d: 58), é evidente o contraste entre o sonho, que é o que deseja e aquilo que tem e que realmente é, acabando por disso resultar a decepção. Acaba por constatar que o sonho não se concretizou.

Também no “Poema de longe” (Nunes, *in* Ferreira, s/d: 196), o “eu” poético revela-se triste, quando constata que não concretizou o que sonhou para si: “Meus sonhos tornaram-se em nada,/ minhas ambições nunca passaram de planos,/ meus enlevos de amor nunca passaram de ânsias” (vv.7-9).

¹⁰⁶ No poema “Passeio Nocturno” (Namora, 1997: 66-67), o sujeito poético, numa noite de chuva, vai repleto de sonhos e de crenças (“Eu ia bêbedo de sonhos/e apertava uma estrela em cada mão” - vv.20-21), mas ao chegar a casa, depara-se com uma realidade que não corresponde às ilusões criadas (“tudo fechado” - v.23).

3.4. Do sonho à desilusão do eu poético

*Sonhei que a vida era um sonho
e sonhando despertei
para entrar num outro sonho
de que jamais acordei*

(Agostinho da Silva, 2006: 23)

O sonho é a capacidade de o ser humano acreditar nas ilusões da vida, no fulgor de uma existência cheia de luz, de crença, de esperança, de expectativa e de objetivos, para além da realidade. Não tem de, necessariamente, corresponder a uma fase de adormecimento, tantas vezes referido por alguns poetas, este sonho (“de que jamais acordei”) de que nos fala Agostinho da Silva.

O sonho enriquece a poesia, servindo de mote a muitos poetas para as suas evasões, intuições e recordações. Porém, no presente, o sonho constitui uma espécie de refúgio¹⁰⁷, onde se tenta preservar as expectativas¹⁰⁸, tudo o que de bom a vida pode oferecer; onde se idealizam sonhos que não se chegaram a sonhar¹⁰⁹. Sonhos fugazes, muitas vezes irreais, demasiado elevados e ansiados¹¹⁰. Podem constituir ainda estados de alheamento, num entorpecimento que atenua a dor do pensamento¹¹¹, numa refinação de emoções e no ímpeto da imaginação.

Para analisar este tema, escolhi poemas de dois autores contemporâneos, que, pela maestria das palavras, abordam-no de uma forma singular - “Estrada”¹¹² (Knopfli, 2003: 31) e “Talvez Deus se tenha enganado”¹¹³ (Higino, 2004: 27).

¹⁰⁷ No poema “Em torno a mim, em maré cheia” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 187), o sujeito poético chega mesmo a afirmar: “Mas eu, fechado no meu sonho,/ Parado enigma, e, sem querer,/ Inutilmente recomponho/Visões do que não pude ser” (vv.5-8). Perante a desilusão resultante do malogro da realidade, da falta de força e coragem para sair da estagnação, a incerteza do caminho a seguir, o “eu” poético refugia-se no sonho não se deixando invadir pelo mundo que o cerca.

¹⁰⁸ Sonhar permite ao ser humano sentir-se vivo, como menciona o sujeito poético do poema “Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança” (Pessoa, 1942: 101). Ainda que o sonho seja inútil, quem sonha sente-se vivo.

¹⁰⁹ No poema “Contemplo o lago mudo” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 17), o “eu” poético refere que não sabe se pensa ou olvida, se é feliz ou se até o deseja ser. Sabe apenas que é um sonhador e questiona-se porque não viveu uma vida de sonhos.

¹¹⁰ No poema “Eu quis um violino no telhado” (Faria, 2013: 156), o sujeito poético revela sonhos desmedidos (“violino no telhado” - v.1, “arara exótica no banho” - v.2, “toalha de brocado” - v.3, “pavão real” do seu tamanho - v.4, “todos os cheiros do pecado” - v.5, entre muitos outros sonhos), que se manifestam impossíveis, se atendermos ao próprio verbo querer no pretérito perfeito (“quis”), nunca foram concretizados, porque, como menciona: “tudo o que é excessivo é muito pouco” (v.19). Acaba por se render à sua fisicidade solitária, aquilo que lhe resta.

¹¹¹ No poema “Às vezes, em sonho triste” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 109-110) estar vivo (ou na “ilusão de viver” - v.8) é uma espécie de adormecimento, em que o “eu” poético vive, um mundo de sonho que lhe permite dar existência a um país imaginado, que se situa na longínqua infância, onde o sonho lhe dá a inconsciência necessária para uma vida serena: “Onde ser feliz consiste/ Apenas em ser feliz./ Vive-se como se nasce/ Sem o querer nem saber” (vv.4-7).

No poema “Dorme sobre o meu seio” (Pessoa, *in* Quadros, s/d: 182-183), Pessoa dá voz a um “eu” poético que se dirige à mulher amada, aconselhando-a a viver num mundo de sonhos (“na ilusão de amar” - v.6 e “no sonho de existir” - v.5), um sonho fingido, ficcionado, um sonho sonhado, mas um sonho sem entrega, sem dissabores, sem amor, sem gozo mas também sem sofrer por esse gozo. O sujeito poético compraz-se na inação, na imobilidade e, neste adormecimento, atenua-se toda a lucidez do pensamento, que o deixa entregar-se a um amor que não o faz sofrer, um alheamento no sonho que é a própria vida.

¹¹² Em anexo, Poema XX: pp. 21-22 (pp. 121-122 da dissertação).

¹¹³ Em anexo, Poema XXI: pág. 22 (pág. 122 da dissertação).

Rui Knopfli (1932 - 1997) é um poeta de nacionalidade portuguesa, nascido em Moçambique. A sua obra caracteriza-se por algum rigor, desencanto e sobriedade, tendo-se inspirado em vastas raízes ocidentais antigas e modernas (Saraiva e Lopes, s/d: 1112).

Knopfli é um autor que se afasta do versilibrismo vulgar. De talento possante, criativo, rigoroso, com manifesto sentido de humor refinado, talentoso e do mais moderno lirismo da sua época, veio a tornar-se num autor revelação na década de sessenta (Simões, 1983: III, 246-251).

A característica que se salienta mais nos versos de Knopfli é a honestidade, abordando temas que surgem a partir das suas vivências e da sua experiência de vida. O seu intuito não é o de agradar a ninguém, por isso tem a noção de que será esquecido quando partir. A sua sinceridade leva-o a empreender uma procura intimista de si mesmo, que o dota de uma grande subjetividade. Apresenta ainda um tom revolucionário, com alguma ironia, onde a vida se mescla com a obra numa simbiose perfeita (Fernandes, 2012: 9-28).

Nuno Higinio (1960) é, essencialmente, um cantor da infância. Caracteriza-se por uma propensão para o intimismo, a introspeção e para falar de sentimentos, da infância (com a melancolia do “paraíso perdido”), da liberdade, do contraste entre a inocência das crianças e o pragmatismo dos adultos, dos elementos naturais, do sonho. Recorre ao jogo linguístico, combina a semântica com a melodia dos sons e ritmos das palavras, revela um sentido de humor que transparece nas palavras e na combinação que faz delas, utiliza o diálogo, as repetições e os paralelismos que lhe conferem uma certa oralidade (Ramos, 2012: 9-12). O seu cuidado na escolha das palavras é notório e é feito, normalmente, de forma lúdica e humorística, numa linguagem coloquial, em tom de conversa com o leitor. Retrata a infância, os sonhos¹¹⁴, o amor, elementos do dia-a-dia e da natureza (Silva, 2012: 19-20).

A temática do Sagrado é também uma constante nos poemas de Higinio e surge como imprescindível à formação da identidade do ser humano, que se reencontra no Sagrado. A natureza, os animais ou a essência das coisas são um presente de Deus. A sua escrita caracteriza-se pela riqueza da linguagem, por uma grande vivacidade, que advém dos próprios diálogos, pelas sugestões sensoriais, pelas personificações, pelos paralelismos anafóricos, pela referência a expressões bíblicas, conciliando o discurso poético com o familiar e a simplicidade com a riqueza expressiva (Costa, 2013: 43-64).

Na obra *Talvez Deus se Tenha Enganado* (2004), Higinio confronta-se com as desilusões que foi colhendo ao longo da vida¹¹⁵. No presente sente a desencenação no mundo, a ponto de desejar adormecer até ao momento final de ser levado pela morte¹¹⁶.

¹¹⁴ Por exemplo, em “Aquela Criança em Timor”, refere-se à inocência da criança que não queria ter tantos sonhos, que não se coadunavam com a realidade: “Eu nunca tinha visto uma criança/ pedir o que pediu ao médico/ aquela criança de Timor:/ - Tire-me os sonhos, senhor doutor!” (Higinio, *in* Silva, 2012).

¹¹⁵ No poema “O mundo não é compassivo” (Higinio, 2004: 13-14), o “eu” poético refere que a vida nem sempre facilita e afirma ainda que cresceu com as tempestades da vida. Fala do ser humano através da metáfora da natureza, esta que acaba por sofrer, derramando sangue (porque “o mundo não é compassivo e crava-se/nos olhos para ferir e permanecer na ferida”).

¹¹⁶ No poema “Adormeço porque dormir é um começo” (Higinio, 2004: 23), ao constatar da destruição do mundo, deseja dormir e ser acordado apenas pela morte.

Entre vários eventos literários, Nuno Higino foi contemplado numa Tertúlia com o tema “A Poética de Deus na Obra de Nuno Higino: *Talvez Deus se Tenha Enganado e O Animal Eólico do Corpo*”, por Jorge Castro Guedes, no *Primeiro Feirão Luso-Galaico, Livros de Teatro e Poesia*, 2011, realizado em Viana do Castelo, no Centro Cultural do Alto Minho¹¹⁷.

No poema “Estrada” (Knopfli, 2003: 31), o sujeito poético começa por constatar, através da metáfora da viagem, que a vida é efémera, os anos passam inevitavelmente. Relembra o passado que lhe traz boas recordações. Recorda a infância, nas pequenas coisas do dia-a-dia que ficaram guardadas na sua mente, pelos aromas e paladares que não se esquecem (as “amoras” - v.3, as “laranjas furtadas” - v.4, “a flor da chuva de ouro” - v.5¹¹⁸), recordações ternas e doces, realçadas pelo verbo sugar e pela utilização do diminutivo “gostinho” (v.6). No presente, restam-lhe os sonhos, que lhe permitem deixar, metaforicamente, o corpo (“adormecido” - v.9) e evadir-se da realidade através de uma alma livre. Um sonho onírico, irreal, através do qual atinge uma enleação, uma espiritualidade só possível num lugar criado pela sua imaginação a partir da própria realidade (“cedros” - v.7, “galhos das árvores” - v.11, “fios telefónicos” - v.12). Este espaço é um lugar só seu, que só existe nos seus sonhos e onde poderia evadir-se da realidade ou a partir da própria realidade. Acaba por constatar, com desilusão, que não é possível, que não existe um lugar assim, porque a vida segue a sua viagem, sem parar. Repete no último verso “a viagem dos anos”, com que abre o segundo verso do poema, conferindo a ideia de que é uma viagem à qual o ser humano não consegue realmente fugir. Essa viagem é difícil, não é doce como a flor que sugava na infância e é repleta de inóspitos vazios (“agruras e desertos” - v.14)¹¹⁹.

No poema “Talvez Deus se tenha enganado” (Higino, 2003: 27), o sujeito poético também fala da efemeridade do sonho. Sonhou para ele um espaço e um tempo que se verificaram irreais (“que nunca existiram” - v.3), coisas simples como a morte num naufrágio, ser feliz; mas foi traído pelos próprios sonhos, que moram nas palavras dos seus poemas, cuja efemeridade o condenou à sua própria existência enquanto ser humano, com as suas limitações, as limitações próprias da existência, da vida. Acaba por fazer uma alusão bíblica metafórica a Deus, ponderando se Ele acaso não se terá enganado, quando, ao criar o homem, o condenou a ser vivente em vez de ser sonhador¹²⁰. Um poema em versos soltos, sem preocupação métrica, numa prosa poética, sem rima, onde se destaca a semântica das palavras a transmitir e não a

¹¹⁷ Cartaz disponível em: http://www.centroculturaldoaltominho.org/actividades-realizadas/2011/feirao-luso-galaico/programa_luso_galaico.pdf?attredirects=0&d=1 (23/12/2014).

¹¹⁸ A chuva de ouro, de nome científico *cássia fistula* é uma árvore ornamental, originária da Ásia, que se dá em climas tropicais, cujas flores adocicadas são amarelas e muito vistosas (disponível em: <http://www.jardineiro.net/plantas/chuva-de-ouro-cassia-fistula.html> - 23/12/2015).

¹¹⁹ Muitas vezes, o sonho onde o poeta se refugiou, uma doce ilusão, onde a sua alma se enleva e canta as coisas positivas como a alegria e o amor, acaba por esmorecer quando é acordado do seu sonho por um vento que sopra sobre o seu sonho. É deste contraste que nos fala o sujeito poético do poema “Acordando” (Quental, 1996: 91), de Antero de Quental: “Me acorda - A noite é negra e muda: a dor/ Cá vela, como dantes, a meu lado.../ Os meus cantos de luz, anjo adorado,/ São sonho só, e sonho o meu amor!” (vv.11-14).

¹²⁰ Alusão Bíblica (Gênesis 2), ao momento em que Deus formou o homem do pó da terra e lhe soprou a vida. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2> (23/12/2015).

forma como são transmitidas. A linguagem é direta, coloquial e simples, uma espécie de conversa com o leitor.

E são estas dicotomias entre a realidade e o sonho, o sonho dos outros e o sonho do “eu” poético¹²¹, que nos permitem constatar que muitas vezes o sonho afasta o sujeito do mundo exterior, mantendo-o sozinho depois desse afastamento¹²². Sente-se deslocado da realidade que vislumbra. Torna-se, então, o sonho, a única forma que o “eu” lírico tem de compreender a realidade a que diz já não pertencer, isolando-se em si próprio, num mundo sonhado.

¹²¹ A desilusão do “eu” poético resulta, muitas vezes, do facto de se sentir diferente dos outros, sentir que todos sonham ou concretizam os sonhos, menos ele. É o “eu” poético do poema “O que há em mim é sobretudo cansaço” (Campos, s/d: 118-119), que sente um grande cansaço, porque, contrariamente aos idealistas que amam, desejam, estão satisfeitos com a vida que vivem ou que sonharam para si, ou com o sonho concretizado ou apenas sonhado, ele sente-se insatisfeito, porque exige demasiado e nada alcança, o que o desgasta, deixando-o cansado: “Há sem dúvida quem ame o infinito,/ Há sem dúvida quem deseje o impossível,/ Há sem dúvida quem não queira nada - / Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:/ Porque eu amo infinitamente o finito,/ Porque eu desejo impossivelmente o possível,/ Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,/Ou até se não puder ser...” (vv.14-21).

¹²² No poema “Os Degraus” (Quintana, 2006: 64), o eu poético dirige-se a alguém, aconselhando-o a viver o sonho presente, a sua vida, onde reside o enigma, porque o mundo presente real já é, ele próprio, um sonho (“louco” - v.8). Não se deve sair desse limiar do sonho, sob pena de se magoar e de despertar “os monstros” (v.2) e os “deuses, por trás das suas máscaras” (v.4).

IV. Uma Asa no Futuro - das Expetativas Futuras às Desilusões Anunciadas

*Falta ver, se é que falta, o que serei:
Um rosto recomposto antes do fim,
Um canto de batráquio, mesmo rouco,
Uma vida que corra assim-assim.*

(Saramago, 1997: 41, vv.9-12)

Nestes versos, Saramago reporta-se ao futuro, ao que lhe resta, uma velhice, onde tenciona continuar a erguer o seu canto, mesmo que rouco, uma vida sem sobressaltos, nem boa nem má, sem grandes expetativas.

4.1. Acreditar nos Sonhos Futuros

Não há nada como o dogma para criar sonhos e nada como o sonho para gerar o futuro.

(Hugo, 1862 in Web - LeLivros, s/d: 486)

Se considerarmos que o ser humano foi sempre guiado por sonhos, do passado ao presente, percebemos que estes são geradores de futuro. Se se passa grande parte da vida a edificar o futuro, lutando pelos projetos de vida, quer em termos emocionais, quer sociais, profissionais e pessoais, de certa forma, pode concluir-se que os sonhos transformaram o mundo. E sempre que se atinge um sonho, surgem novos sonhos para dar, ao ser humano, motivos para continuar a viver¹²³.

Malgrado as desilusões, os sonhos caídos por terra, entende-se que estes, de alguma forma, ajudaram o ser humano a crescer, mas não se pode desistir face a essas dificuldades, não se pode deixar de sonhar, pois são os sonhos que instigam a prosseguir, a conquistar e a ultrapassar obstáculos para atingir metas que o ser humano vai propondo e construindo¹²⁴.

Falar do futuro dos sonhos não é, de todo, uma tarefa fácil. Se prestarmos atenção à sociedade, verificamos que há uma perda constante da capacidade de sonhar. Vários são os fatores que estão na sua origem. Desde causa políticas, face a uma crescente desacreditação; causas profissionais, pela elevada taxa de desemprego; causas familiares e educacionais, com

¹²³ No poema “Confiança” (Torga, 2001: 128), utiliza metaforicamente as cepas das videiras para referir que de cada sonho, vão surgindo novos sonhos: “É ver que na vindima/ De cada sonho/ Fica a cepa a sonhar outra aventura.../ E que a doçura/ Que se não prova/ Se transfigura/ Numa doçura/ Muito mais pura/E muito mais nova...” (vv.2-9).

Em “Sísifo” (Torga, 2001: 440), Torga dá voz a um “eu” lírico que aconselha o ser humano a não desistir nunca, a caminhar para o futuro de forma livre, com persistência (“Enquanto não alcances/Não descanses” - vv.8-9) e que lute por todos os seus sonhos, ainda que toda a aventura possa não passar de um engano: “E, nunca saciado,/ Vai colhendo/ Ilusões sucessivas no pomar” (vv.11-13).

¹²⁴ No poema “Caminho III” (Pessanha, 1988: 108), o “eu” poético diz querer, no futuro, atingir os seus ideais (“E ter fé e sonhar - encher a alma” - v.14). Não esquece os obstáculos que teve de enfrentar até agora como caminhos de aprendizagem: “Fez-nos bem, muito bem, esta demora:/ Enrijou a coragem fatigada.../ Eis os nossos bordões da caminhada,/ Vai já rompendo o sol: vamos embora” (vv.1-4).

desavenças cada vez mais constantes e precoces, pela falta de empenho na consolidação dos laços familiares, em que os jovens não recebem como herança a capacidade de sonhar, perdida pelos pais, levando-os à descrença, à falta de autoestima, à introversão, à procura de soluções em dependências, à violência gratuita¹²⁵; causas sociais, numa altura em que a sociedade reage aos sonhos de cada um como uma dose de loucura que deve ser controlada e a causas pessoais, em que a desmotivação parte, muitas vezes, do facto de se criarem expectativas demasiado elevadas e que não se conseguem alcançar (Cury, 2004: 13-41).

É preciso inverter situações como esta, e é porque o sonho gera o futuro, que o ser humano deve continuar a acreditar e a sonhar¹²⁶. E o poeta é um semeador de sonhos, a poesia pode ser um veículo para empreender viagens ao mundo dos sonhos¹²⁷.

Para abordar este tema, optei por dois poemas de dois poetas contemporâneos portugueses, Jorge de Sena e Ruy Belo - “Ode para o Futuro”¹²⁸ (Sena, 2001: 56) e “O Portugal futuro”¹²⁹ (Belo, 1999: 69), pelo facto de apresentarem duas perspetivas diferentes sobre o que está reservado para o futuro do nosso país.

O poema que selecionei, de Jorge de Sena (1919-1978), foi publicado, pela primeira vez, na obra *Pedra Filosofal*, em 1950, integrando a primeira parte do livro - “Circunstância”, tendo sido escrito em 1949. Jorge de Sena concilia, nesta obra, o realismo satírico, um surrealismo na estrutura dos versos extensos, com cortes e até o tradicional nas construções quinhentistas e no petrarquismo. Concilia a experiência histórica e individual, o virtuosismo formal com alguma aspereza (Saraiva e Lopes, s/d: 1096). Coaduna também a história e o mito, a fantasia com a erudição. Austero, racionalista, observador, culto, e crítico, tende para posições controversas ou apaixonadas (Moisés, 1960: 291).

O conteúdo da sua poesia é intelectual, exprime vastas emoções com intencionalidades diversificadas. É uma poesia que manifesta estados de espírito do poeta em relação à sua posição no mundo, bem como no que concerne à descoberta da humanidade que o circunda. Na conceção dos seus poemas, Sena torna-os em metamorfoses simbólicas, sendo, muitos deles, difíceis de compreender. Nos seus poemas menos extensos torna-se mais inteligível, sem deixarem de ser essas composições metafóricas, rítmicas, formais e poéticas. Sena é um poeta

¹²⁵ No poema “A cidade do sonho” (Feijó, s/d: 60), o sujeito poético dirige-se a todos os que sofrem e choram, convidando-os a sonharem, porque sonhar é acreditar (“O sonho é para nós a Terra Prometida” - v.11). É no sonho que a dor é tranquilizada (“a própria Dor começa a cantar e a sorrir” - v.21).

¹²⁶ No “Soneto do Gelo” (Pessanha, 1988: 151), o sujeito poético dirige-se ao “ingénuo sonhador” (v.1), aconselhando-o a, no futuro, não deixar cair por terra as ilusões (“as crenças d’ouro” - v.1), a deixar-se levar pelos sonhos de criança, que lhe permitirão atingir a luz do infinito. E este conselho ao sonhador é no sentido de ele não ser como o sujeito poético, que perdeu a fé e a quem resta unicamente a escuridão.

No poema “Cântico Fraternal” (Torga, 2001: 100), o “eu” poético dirige-se ao irmão, aconselhando-o a deixar os fantasmas, esquecer o passado (que “é o passado- já morreu” - v.13), que não adianta recordar. Para que ele se liberte do passado e acredite no futuro, lança-lhe “uma ponte de sonho” (v.23). Só o sonho poderá fazer renascer a esperança no futuro.

¹²⁷No poema “Santo e Senha” (Torga, 2001: 128), o sujeito poético apela às pessoas que deixem passar o sonhador (“que vai apenas /Beber água de sonho a qualquer fonte” ou “colher açucenas /A um jardim que ele lá sabe” - vv.6-8), porque a fonte é inspiração, é fertilizante e a flor é símbolo de vida e luz. O sonhador é o próprio poeta, é ele que procura inspiração nos sonhos e que consegue ver a magia que envolve as coisas mais naturais.

¹²⁸ Em anexo, Poema XXII: pp. 22-23 (pp. 122-123 da dissertação).

¹²⁹ Em anexo, Poema XXIII: pág. 23 (pág. 123 da dissertação).

que se caracteriza pela riqueza de sentidos da sua poesia, pela lógica e conceitos latos e por pensar em verso (Simões, 1983: I, 309-315).

A *Pedra Filosofal* divide-se em “Circunstância”, “Poética” e “Amor”, podendo essas partes constituir etapas. Na primeira parte, depara-se com um mundo desconcertado, que dá lugar, na segunda parte, a um projeto de criação, constituindo o amor - terceira parte - uma forma de resistência à circunstância, de salvação e impulsionador da criação poética e do conhecimento de si mesmo e do mundo (Salles, 2009: 15-20).

O poema “O português futuro”, de Ruy Belo (1933), foi publicado, pela primeira vez no livro *Homem de Palavra(s)*, em 1969.

De raízes românticas, evidentes no seu envolvimento emocional (atendendo a que a emoção sobre que escreve não é a que sente - influência do fingimento poético de Fernando Pessoa), a poesia de Ruy Belo evidencia a valorização simbólica da linguagem poética, para que contribuam a metáfora, as imagens e o valor dos grupos semânticos. Manifesta ainda uma tendência para a reflexão filosófica, para o sentido que se pode retirar da relação entre a subjetividade e o mundo. Revela preocupações humanas e existenciais sobre a realidade que o rodeia, considerando que os seus poemas têm um caráter interventivo de luta por um mundo melhor, a par das reminiscências e divagações, sempre com algum humor e uma certa ironia (Guimarães, 2002: 77-83). Segundo Ruy Belo, a palavra poética pode ter uma função de intervenção, um sentido de justiça ou de rebelião, de forma discreta e simbólica, com o intuito de colmatar as fraquezas do presente (Morais, 2005: 83-85).

De linguagem autêntica e polissémica, é através desta que intervém na realidade. Não se sujeita, no entanto, a princípios doutrinários impostos. Uma ideia ou conceito têm de se sujeitar ao valor da palavra e à capacidade da metáfora (Belo, 1969: 21-22).

No poema “Ode para o futuro” (Sena, 2001: 56), o “eu” poético refere que a geração atual relembrará o presente no futuro como um sonho, o que é salientado pela utilização do tempo verbal com que inicia o poema (“Falareis”). É empregada adjetivação sinonímica para transmitir a ideia de tranquilidade (“calmas”, “vagarosos”, “suave”, “subtis”) de todo o ambiente envolvente, para realçar o facto de, no futuro, considerarem que a geração atual foi uma idade do ouro, uma fase áurea, em que se recordam apenas coisas boas, através de uma memória seletiva de lembranças positivas. São momentos memorados com angústia, porque há a consciência de que se estarão longe do presente que se tornará passado. Acredita que, no futuro, tudo o que é negativo não passará de uma leve angústia, porque a idade do ouro sonhada não contemplará todos os aspetos negativos que enumera (por exemplo, “tempestades”, “desordens”, “gritos”, “violência”, “escárnio”, “confusão”, “prisões”, “mortes”, “lágrimas”) e que constitui tudo o que o sujeito poético condena e critica no presente.

Seguidamente, aborda ainda a forma como a geração futura relembrará a presente, com saudade e com orgulho (“saudosos, enlevados” - v.19), o que é realçado pela repetição da expressão “de nós” (v.20), isolada entre travessões, o que aumenta a ênfase da mensagem transmitida. Também a repetição anafórica do primeiro verso dá a ideia de que o sonho é cíclico, porque se tende a falar do passado como um momento em que tudo era bom e positivo.

Este poema consta de um álbum de poemas, sendo a terceira faixa: *Jorge de Sena - Poemas Seleccionados e Ditos pelo Autor*¹³⁰.

Também Ruy Belo, no seu poema “O Portugal futuro” (Belo, 1999: 69), dá voz a um sujeito poético que sonha um país diferente do presente e do passado. Constrói este “portugal futuro” a partir de memórias do passado pessoal e coletivo. “O Portugal futuro”, que constitui o título do poema e, ao mesmo tempo, inicia o primeiro verso, é um lugar livre, como se vê na metáfora de liberdade, cuja mensagem de que Portugal ainda tem um futuro é enfatizada pela sonoridade conseguida pela aliteração em <p> (“o puro pássaro é possível” - v.2), caracterizado pela diversidade, a experiência, o exequível, o voo, um ambiente repleto de elementos concretos, como o pássaro, o peixe, o asfalto, o giz e a enxurrada. E este país futuro só depende das crianças (“profundas crianças” - v.4). São elas, com a sua ausência de limites, falta de resignação, rebeldia e poder imaginativo que reúnem todo o potencial para a mudança. É um país criado geograficamente à semelhança deste (“pequeno como este/ter a oeste o mar e a Espanha a leste” - vv.11-12), mas renovado, com uma liberdade que o tornará num novo país¹³¹. Onde se poderá dançar sob os plátanos¹³², manifestação de felicidade. Um futuro com promessas de esperança, onde o sonho é possível, caracterizado pelo verão¹³³ à beira-mar¹³⁴. É difícil construir um futuro se as imagens da felicidade continuam presas ao passado. Recorda o relógio da matriz¹³⁵ que terá marcado a sua infância, e remete essas memórias para o passado. Projeta no futuro uma nova infância, que não pode ser edificada na infância recordada do passado, numa mensagem de esperança no futuro, um futuro onde se poderá sonhar.

Este poema surge igualmente declamado, neste caso por Mário Viegas¹³⁶.

Em suma, é preciso criar os estímulos necessários para devolver o sonho ao ser humano. É necessário recuperar a confiança, a vontade de viver e a crença na humanidade. É preciso aprender a superar as derrotas e adversidades e aprender a não desistir, antes pelo contrário, a ganhar mais força para continuar.

¹³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BIbolnwyTTg> (03/01/2016).

¹³¹ Um país que faz lembrar a Pasárgada de Manuel Bandeira, poeta admirado por Ruy Belo, onde o “eu” poético é livre e feliz, uma outra civilização, onde encontra tudo o que deseja. Disponível em: http://www.releituras.com/mbandeira_pasargada.asp (03/01/2016).

¹³² Como dançavam as donzelas das cantigas medievais, “sô aquestas avelaneiras frolidas” - de Airas Nunes. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=883&pv=sim> (03/01/2016).

¹³³ Estação do ano considerada como o momento áureo, de frutificação, alegria, descanso e tranquilidade. Disponível em: <https://cristianismototal.wordpress.com/2010/09/06/as-estacoes-do-ano-e-as-estacoes-da-vida/> (03/01/2016).

¹³⁴ Pode simbolizar, para além de outros sentidos, a própria vida, a fecundidade, a criação, o mundo e o coração humano (Chevalier e Gheerbrant, 1997: 439-440).

¹³⁵ Esta recordação do relógio do passado traz também a ideia de um passado difícil, em que o relógio era utilizado para controlar as pessoas. O futuro a edificar não pode ficar preso nessas malhas do passado, porque não são apenas memórias positivas e o que relembra de negativo tornaria o futuro muito doloroso. No poema “Portugal Sacro-Profano” (Belo, 2004: 196-197), o “eu” poético fala também do relógio da infância, mas como “objeto inútil”, associado à divulgação da morte e à imposição de regras.

¹³⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VIRg2nG-MbE> (03/01/2016).

4.2. Fuga à Realidade e Projeção Irreal dos Sonhos

L'avenir désire se substituer au présent: c'est l'alteration du présent"

(Grimaldi, 1992:143)¹³⁷

O ser humano, face a um presente de insatisfação, adversidade, desilusão, opressão, decepção e violência, sente a necessidade de projetar os seus sonhos no futuro, para preencher um vazio deixado pelo desmoronar dos sonhos.

É aqui que se começa a perspetivar o futuro. É uma característica do ser humano. Face a uma derrocada, há que se erguer, levantar a cabeça e começar do zero. Perante sonhos que caíram por terra, há que virar-lhes costas e substituí-los por outros. Só rejeitando a derrota presente, se aprende com ela, se acredita e edifica o futuro¹³⁸.

Sonhador incontrollável, o ser humano opta, normalmente, por recomeçar com obstinação¹³⁹. Cria, no entanto, muitas vezes, novos sonhos demasiado ambiciosos e tende a projetar os seus sonhos de forma irreal. Nem a perda do passado e as derrotas do presente fazem amadurecer o sonho, que se pode, de certa forma, comparar a um adolescente desenfreado, a quem ninguém consegue chamar à razão.

O poeta, como qualquer ser humano, sente-se oprimido por um presente, uma realidade contrária ao que sonhou, optando, muitas vezes por uma fuga num universo que existe apenas em sonho, um sonho idealizado, mas irreal. Cria um mundo inexistente, um paraíso imaginário, perfeito mas impossível, onde poderá esquecer os problemas e inquietações presentes e que permite ao sujeito poético sentir-se um "rei" poderoso, recuperar o amor e a infância perdida, alterar tudo o que o dececiona no mundo, criar um novo mundo perfeito, mas que não passa de um sonho sonhado, que não existe na realidade¹⁴⁰.

Para abordar esta temática, parto de poemas de dois autores portugueses - Fernando Namora (1919-1989), com o poema "Pilotagem"¹⁴¹ (Namora, 1981: 88-89) e Luísa Dacosta (1927-2015), com o seu poema "Chamamento"¹⁴² (Dacosta, 2010: 21).

¹³⁷ Tradução: o futuro deseja substituir o presente: é a alteração do presente (tradução pessoal).

¹³⁸ Sophia de Mello Breyner Andresen fala-nos desta possibilidade, indicando-nos dois caminhos possíveis, no seu poema "Os Erros" (Andresen, 2010: 635): transformar os erros, as desilusões em passado ("como projecto falhado e abandonado" - v.6) ou recomeçar do início ("Recomeçar a partir da página em branco" - v.10), com persistência.

¹³⁹ Num outro poema da mesma poetisa, "A forma justa" (Andresen, 2010: 660), o "eu" poético reforça a crença num futuro realizável: "Sei que seria possível construir o mundo justo/ As cidades poderiam ser claras e lavadas/ Pelo canto dos espaços e das fontes/ O céu o mar e a terra estão prontos/ [...] / Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco/ E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo" (vv.1-4,14-15). É esta capacidade de acreditar num futuro melhor que dá ao poeta a determinação necessária para um recomeço constante de novos sonhos.

¹⁴⁰ Em "Sonho Oriental" (Quental, 1996: 83), o sujeito poético fala da distância em que projeta os seus sonhos, já que se transporta para um mundo oriental, ao fugir à realidade hostil e adversa, onde se sonha um rei, num local distante e isolado, alguém poderoso (que tem a seus "pés um leão familiar" - v.14), num ambiente paradisíaco, com elementos exóticos (como a "noite balsâmica e fulgente", repleta de uma luminosidade de "lua cheia sobre as águas", de perfumes "da magnólia e da baunilha" que tornam o "ar diáfano e dormente" - vv.3-6). Também neste sonho há a evocação romântica de alguém ("Tu, meu amor, divagas ao luar" - v.11), que lhe faz companhia enquanto está "absorto n'um cismar sem fim" (v.10). Um sonho distante da realidade, onde procura aquilo que não é, aquilo que, na realidade, não alcança.

¹⁴¹ Em anexo, Poema XXIV: pp. 24-25 (pp. 124-125 da dissertação).

¹⁴² Em anexo, Poema XXV: pág. 25 (pp. 125 da dissertação).

Fernando Namora integra o *Novo Cancioneiro* com a poesia em verso, na primeira fase do Neorrealismo (Simões, 1960: II, 214). Foi um dos primeiros cultores da tendência descritiva e nota poética no género lírico. Manifesta, na sua poesia, um pendor oratório e exortativo (Simões, 1960: I, 253-256).

Na obra *Mar de Sargaços*, apesar de Namora manifestar ainda a procura de si, as intrínsecas inquietações, a posição do “eu” no mundo e o confessionalismo, revela já um olhar diferente, uma preocupação social com os outros e com o futuro do ser humano. Os seus desejos e esperanças surgem num mundo que considera ter perdido valores, com um sistema decadente e ineficaz. Nesta obra já não se verifica o tema de atormentado intimismo, notando-se também uma maior liberdade no que concerne a regras que pudessem limitar o processo criativo (Henriques, 2010: 77-80, 92-98, 178-179).

Nesta obra surgem poemas marcadamente mais objetivos, denotando-se já uma preocupação em interpretar o mundo com o intuito de transformar a realidade total e a consciência do ser humano (Soares, 1971: 33-36). Está aqui presente uma conceção diferente de poeta, como mais racional, positivo e criador, contrastando com o presencista instintivo, profeta dionisíaco (Torres, 1989: 17).

Luísa Dacosta, autora que se destacou na literatura infantil, revelou sempre uma grande qualidade visual e cuidado gráfico. Manifestou, desde cedo, um grande interesse pela crítica universitária. Cultivou muitos géneros literários, entre os quais a crónica, o diário, a poesia, o conto, o conto infantil, revelando uma grande qualidade de escrita. A sua obra caracteriza-se por uma visão autobiográfica que permite ao leitor captar o sofrimento contido nas suas palavras, que não são apenas suas, antes refletem o sentimento de outras vozes femininas, cuja individualidade surge sufocada pelo predomínio masculino. Na sua obra, são visíveis temas influenciados pelas memórias, pela vivência do tempo, pelo mito e pelo simbólico. Há também uma construção da imagem do “eu”, sempre aberto e incompleto. São constantes a infância, o mito, o desencontro amoroso e a busca de imagens identificadoras. De realçar um grande amor à palavra que constrói mundos, a atração pelo belo, a tendência para o sonho e para os afetos, para a fuga ao real, a utopia em relação ao amor e a relação conflituosa ou harmoniosa mundo-eu (Gomes, 2004: 17-24).

Luísa Dacosta valoriza na sua obra as “gentes” da praia, pessoas práticas e sonhadoras. Manifesta uma ingénua mas incisiva sagacidade, como diz António José Saraiva, “própria de quem conhece as próprias coisas e não apenas os seus símbolos abstratos, de quem sabe os segredos das sementes, os esconderijos dos peixes ou o caminho do mar para o Brasil” (Saraiva, 1980 - texto de badana).

Assumiu-se como colecionadora de palavras, gostando particularmente de palavras pouco vulgares, sobretudo transmontanas, que ia ouvindo em ocasiões diversas. Considerava-se uma pessimista e ter-se-á tornado assim em virtude dos problemas que observou. Foi sempre uma excelente observadora e cedo se apercebeu da discriminação feminina (a fome que as mulheres passavam). Por isso, os seus escritos têm algo de dolorosamente real. Considerou que o sonho era o único que permitia fugir às regras e conferir alguma liberdade de pensamento (“a

única liberdade que há nesta vida é no sonho”). Gostava de escrever sobre a natureza e de utilizar a descrição, que, quanto a Luísa Dacosta, criava encantamentos que se queriam expandir (Catalivros, 2010: 1-4).

Na sua obra estão patentes os mitos, o tempo alongado, a memória, o dolorismo, a ausência, a procura do que se perdeu e dos objetos que permaneceram, a infância perdida, o cenário idílico por oposição a uma paisagem devastada, o abandono, a traição, a solidão, o sentimento de injustiça, o contraste entre o mundo social e o pessoal, o questionar de uma mente ansiosa, os mitos, o imaginário e o mundo feminino (Morão, 2008: 215-226).

Luísa Dacosta considerava que só a linguagem literária permitia escrever sobre a ansiedade, as emoções, o sofrimento, o desgosto, a raiva, entre outros sentimentos. A literatura teria a função de humanização e vínculo entre as pessoas e os povos. Admitiu que a sua escrita terá tido influências de Cecília Meireles e de Camilo Pessanha. Valorizava a descrição, que permitia uma paragem no tempo. A poesia e a prosa poética possibilitavam, quanto a si, uma maior intimidade¹⁴³.

Fernando Namora, no seu poema “Pilotagem” (Namora, 1981: 88-89), publicado pela primeira vez em *Mar de Sargaços*, em 1940, dá voz a um “eu” poético que, através de metáforas, deseja, no futuro (como se pode ver através dos tempos verbais em “rasgarão”, “compreenderá”, “hão-de”, entre outros), o início dos seus dias sonhados. Neste começo, os seus olhos terão a luz suficiente para penetrar na escuridão e ver mais além (“E os meus olhos rasgarão a noite” - v.1); a chuva deixará de cair e de desassossegar o “eu poético”, como se percebe através da personificação metafórica “E a chuva que vier ferir-me nas vidraças/Compreenderá, então, a sua inutilidade” (vv.2-3); acabar-se-ão as noites de insónias, o que lhe permitirá deixar de ouvir as horas dos sinos da torre; fará reviver quem foi importante para ele e lhe terá mostrado os caminhos a seguir, apontando-lhe a direção certa; reencontrará o ser amado nos seus braços; apagará as luzes que privaram do sono os homens que tiveram de trabalhar até de madrugada; haverá um silêncio promissor (“cheio de promessas/que não se cansaram na viagem” - vv.17-18); os “povos de Babel”¹⁴⁴ juntar-se-ão novamente, recuperando a paz, em honra do sujeito poético; haverá um futuro para os homens unidos; fará, finalmente, sentido a morte de Cristo (“o sangue derramado de Cristo” - v.24), que não terá sido sacrificado em vão (“da inútil cruz do martírio/se erguerá o pendão da vitória” - vv.26-27) e será o pilar central que sustenta o universo. Sonhos irreais, projetados num futuro idealizado pelo poeta.

No poema “Chamamento” (Dacosta, 2010: 21), publicado pela primeira vez em *A Maresia e o Sargaço dos Dias*, em 2007, o sujeito poético fala-nos de um sonho, que se quer prolongar, com alguém que não conhece, que o abala, mas que está distante (“do outro lado do mar” - v.2). Sente-se desejado por esse ser, mas num desejo que lhe chega já de forma

¹⁴³ Entrevista a Luísa Dacosta - filmagem de Artur Caiano (*Página Literária do Porto* 2011). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gbOROHmYBg> (05/01/2016).

¹⁴⁴ A Bíblia refere que, em Babel, os povos falavam inicialmente a mesma língua; mas, quando decidiram edificar uma torre que chegasse à porta dos Céus, Deus terá considerado esse projeto um ato de rebeldia, de pretensão e confundiu a língua dos trabalhadores, para que não se entendessem (Gênesis 11:7). Em resultado, estes deixaram de edificar a cidade de Babel e foram espalhados por toda a terra (Gênesis 11:8, 9). Disponível em <http://historiadomundo.uol.com.br/babilonia/torre-babel.htm> (06/01/16).

muito vaga. Questiona-se, através de interrogações retóricas, se será ele que o sonha ou o ser que o sonha a ele. A ilusão está em não saber a resposta a estas perguntas. Se o soubesse, perder-se-ia a ilusão que se projeta no tempo, desfazer-se-ia a magia, a luz que ainda o guia (como tão bem a poetisa transmite através da metáfora “desfazer, no vento,/tranças de luar” - vv.12-13), desfazer-se-iam na noite as quimeras do devir, da travessia, a segurança, as ilusões (como tão bem o comprova a enumeração “Nuvens,/barcos, espumas” - vv.14-15). São elementos efémeros, passageiros, mas que dão sentido à vida, permitindo-lhe continuar a desejar, a sentir-se vivo, ainda que tenha a consciência de que essa mesma vida e desejo são distantes e irreais.

É essa ilusão, a irrealidade do sonho, que lhe confere interesse e desejo. Desfazer essa ilusão, confrontar o sonho com a realidade, seria desfazer a magia que existe em não se saber tudo, em não se conhecer tudo, em permanecer na ilusão do sonho. Em vez disso, alimentar esta ilusão permite continuar a acreditar que “a vida lateja, longe,/num outro lugar” (vv.17-18).

Concluindo, irreais ou não, é importante continuar a conceber sonhos, continuar a encontrar razão de ser para a existência, encarar o futuro com esperança e confiança, viver o dia-a-dia como um novo amanhecer, com os seus novos desafios, como um recomeço¹⁴⁵.

¹⁴⁵ Este é o ensinamento que transmite Mário Quintana no seu poema “Canção do Dia de Sempre”: “Tão bom viver dia a dia.../A vida assim, jamais cansa.../Viver tão só de momentos/ Como estas nuvens no céu.../E só ganhar, toda a vida,/ Inexperiência... esperança.../ E a rosa louca dos ventos/ Presa à copa do chapéu./ Nunca dê um nome a um rio: /Sempre é outro rio a passar./ Nada jamais continua, /Tudo vai recomeçar!” (Quintana, *in* Web - Poética & Filosofia Cultural - Mário Quintana, s/d: vv.1-12).

4.3. Da Expetativa ao Ludíbrico dos Sonhos

Quantos monstros imaginários foram arquivados nos subsolos da sua mente furtando seu prazer de viver e dilacerando seus sonhos? Todos temos monstros escondidos por detrás da nossa gentileza e serenidade.

A maneira como enfrentamos as rejeições, decepções, erros, perdas, sentimentos de culpa, conflitos nos relacionamentos, críticas e crises profissionais, pode gerar maturidade ou angústia, segurança ou traumas, líderes ou vítimas.

(Cury, 2004:14-15)

Como já mencionei anteriormente, o ser humano é um sonhador. Na minha ótica, são as suas expetativas ao longo da vida que fazem progredir o mundo. É porque se sonha encontrar a cura para o cancro, que alguém continua a investir na ciência; é porque se sonha com um país melhor, que alguém continua a lutar em termos políticos; é porque se sonha com uma sociedade de valores e mais humana, que alguém continua a lutar pela igualdade de direitos e a investir em ações de sensibilização; é porque ainda se acredita no futuro do amor, que alguém continua a investir nas emoções; é porque se acredita no futuro espiritual, que alguém continua a ter fé; é porque se acredita que há alguma forma de vida noutros planetas, que alguém continua a investigar e a dedicar-se à tecnologia que permita comprová-lo. Estes são apenas alguns escassos exemplos de sonhadores. Se o ser humano deixa de acreditar no futuro, se deixa de ter expetativas ou sonhos, perde a capacidade de sonhar, a inspiração para imaginar, a coragem para superar as dificuldades que se interpuserem no caminho, a competência para continuar a conquistar os seus objetivos, comprometendo o progresso da humanidade.

Porém, quando as expetativas são demasiado elevadas e impossíveis de realizar, estamos sujeitos a um sentimento de ludíbrico face à não concretização dos sonhos. Quando somos confrontados com uma realidade caracterizada por perdas, decepções, críticas e derrotas, como refere Augusto Cury na citação acima, sentimos, muitas vezes, que os nossos sonhos desmoronaram, que a esperança ficou fragilizada e que o futuro está comprometido. É preciso acreditar que, depois de uma derrocada, um novo sonho poderá erguer-se, porque é um processo cíclico. E, ainda que se questione o futuro, que se sinta que está reservado ao ser humano um futuro já comprometido e vazio de sonhos e que estes não passam de enganos e passagens efémeras, há que continuar a acreditar e a sonhar.

Para comprovar esta questão do ludíbrico dos sonhos, selecionei dois poemas de dois poetas portugueses, do século XIX e contemporâneo - de Antero de Quental, o poema "A J. Félix dos Santos"¹⁴⁶ (Quental, 1996: 70) e de Fernando Pinto do Amaral, o poema "Século XXI"¹⁴⁷ (Amaral, 2009: 79-80).

¹⁴⁶ Em anexo, Poema XXVI: pp. 25-26 (pp. 125-126 da dissertação).

¹⁴⁷ Em anexo, Poema XXVII: pp. 26-27 (pp. 126-127 da dissertação).

Antero de Quental (1842-1891), poeta já contemplado nesta dissertação é, por esse motivo, abordado aqui de forma mais sumária e de acordo com a temática visada. Nos sonetos de Quental está patente um antagonismo que resulta da sua própria personalidade introspectiva e questionadora, que confronta sempre todas as questões sob vastas perspectivas. Cisma e divide-se entre a fé e a dúvida, a súplica de uma resposta a Deus e o silêncio que recebe em troca, o sentido da vida e a certeza da morte, a realidade e o idealismo, o sonho com um futuro feliz e a noção de que o futuro é um sonho enganador, a dúvida da existência e da não existência, a vida e o sofrimento, a predileção pelo pensar e a dor que provoca. Estas dúvidas constantes levam o poeta a uma meditação e são realçadas por antíteses, por interrogações sem resposta, afirmações doutrinárias e exclamações convictas, conciliadas em termos estéticos e filosóficos (Beau, 1964: 278-288). A noção da verdade surge intimamente correlacionada com a expressão de sentimentos. A verdade é pessoal, sem deixar de ser espontânea. O sentimento é o elemento que existe na alma e que revela o seu caráter divino. O processo artístico surge da revelação de sentimentos formados pela inteligência, permitindo a passagem dos sentimentos às ideias (Martins, 1989: 130-134).

Fernando Pinto do Amaral (1960) sente-se deslumbrado pelo poder que as palavras exercem sobre si, convidando-o a expor sentimentos, porque, para ele as palavras têm um poder próprio e há ocasiões em que se bastam a si próprias, não precisam ser explicadas (Amaral, 2000: 39). Enquanto crítico literário, sente que a obra o interroga e é esse diálogo que procura empreender com o escritor e com a obra, fazendo uso de um discurso que tem igualmente por função prender o leitor da crítica, como a obra o prendeu a ele (Amaral: 2008: 12). Na sua poesia, Amaral manifesta uma necessidade de questionamento da produção poética, da sua ontologia, da sua utilidade e da sua conexão com a realidade. Uma poesia feita a partir do real, com palavras que convidam o leitor a desvelar a sua essência. Sem leitor não há poesia. Revela a sua capacidade em transformar o mais óbvio em algo totalmente imprevisto, de forma criativa, ao transfigurar, através da poesia, a própria realidade. A singularidade artística está na produção poética e no questionamento metapoético da mesma. Há uma interdependência entre as palavras e o poeta (Fernandes, in *Web*¹⁴⁸, 2014).

Na poesia de Pinto do Amaral está presente uma preocupação com o quotidiano, os acontecimentos do dia-a-dia, o real, revelando uma coloquialidade nas vozes reproduzidas. Sem uma preocupação metafórica, simbólica ou ambígua reconhecidas à primeira vista, não deixa de revelar uma certa subjetividade e emoção (Guimarães, 2002: 174-175).

Amaral faz parte, com efeito, de uma poesia atual, onde se valoriza uma correspondência mais imediata com a prática, criando uma maior cumplicidade com o leitor (Martelo, 2004: 243).

No poema “A J. Félix dos Santos” (Quental, 1996: 70), publicado, pela primeira vez, na obra *Sonetos Completos*, em 1886, o sujeito poético começa por afirmar o futuro como algo

¹⁴⁸ Entrevista de Leonor Fernandes a Fernando Pinto do Amaral. Disponível em: <http://escsmagazine.escs.ipl.pt/fernando-pinto-do-amaral-sem-as-palavras-nao-sou-nada-mas-as-palavras-tambem-dependem-de-mim/> (08/01/2015).

que o ser humano tem sempre em mente. A repetição anafórica do advérbio “sempre” reforça a persistência do futuro, que surge por antítese do presente, este classificado com o advérbio antitético “Nunca”.

O presente é classificado negativamente como incerto, doloroso e triste. Malgrado todo o sofrimento, no presente, há ainda um lastro de esperança, que se configura numa ilusão do que ainda não chegou (“um bem ausente” - v.4). Uma esperança efémera, pois, logo a seguir, o sujeito poético inicia um verso com a interjeição exclamativa de dor “Ai!” (v.5), quando constata que não consegue concretizar essa esperança através do futuro, pois não lhe é dada a viver a ilusão sonhada.

Lamenta o futuro, pois a esperança é vã. Sonhar o futuro pode até conferir essa ideia de uma satisfação a alcançar, mas, quando o futuro se torna presente, volta a sentir a mesma dor, o que é realçado, no poema, pela utilização das reticências (“Chega...é presente...e só à dor assiste?... - v.7). Sente-se reticente quanto ao futuro, pois, quando se torna presente, leva-o a constatar que não há esperança totalmente verdadeira (“Assim, qual é a esperança que não mente?” - v.8). Esta personificação da esperança realça o facto de o “eu” poético a responsabilizar pela desilusão que se segue à constatação da sua falácia.

O futuro não passa da repetição do que já viveu no presente. É sempre uma ilusão amarga que engana. Constata que o que procura não passa de uma ilusão, que dura apenas o momento da espera. Uma espera que já se antevê traiçoeira (“Se me foge, é miragem enganosa” - v.10) e que, quando concretizada, é a visão do mal, a decepção total (“Se me espera, pior, espectro impuro” - v.11). A salientar esta atitude dramática e de dúvida ante o mistério do devir e da existência, está a utilização da repetição anafórica (“Se me”), a antítese (“foge”, “espera”) e a adjetivação expressiva de conotação negativa (“enganosa”, “impuro”). Termina com um terceto onde conclui, utilizando a antítese (“presente”, “futuro”), que o ser humano vive sempre o presente na esperança do futuro, que surge personificado, não se apercebendo que este será precisamente a reprodução do presente (“uma sombra mentirosa” - v.14).

O poema “Século XXI” (Amaral¹⁴⁹, 2009: 79-80), publicado pela primeira vez em *A Luz da Madrugada*, em 2007, revela características da poesia de Fernando Pinto do Amaral, uma vez que manifesta uma visão realista e crítica de alguns comportamentos da sua geração. Critica a ambição, o valor excessivo atribuído ao dinheiro e à fama (Júdice,2009: 2).

O sujeito poético fala de um futuro inventado pelo “comércio /dos sonhos” (vv.26-27) para enganar as pessoas. Critica os seus contemporâneos responsáveis pela comunicação social, que nascem com o dom de mentir, de enganar os outros, com uma preocupação exclusivamente

¹⁴⁹ O mesmo autor, no poema “Blogue” (Amaral, 2009: 36-37), estabelece uma comparação entre o blogue e o diário de outros tempos: “Mantivera no fim da adolescência/aquilo a que chamava simplesmente/o seu diário íntimo:/páginas manuscritas onde ardiam/ rastilhos de mil sonhos que rasgavam/as mordças da angústia social,/ a timidez tão própria da idade./ [...] /Hoje quase não volta a essas páginas:/ estamos no século XXI/ e em vez do diário de outros tempos/ mantém agora um blogue/onde todos os dias/ extravasa/recados, atitudes, confissões,/ coisas no fundo tão inofensivas/ como o fogo que outrora lhe acendia/ as frases lancinantes” (vv.1-7, 17-25). Este blogue é uma forma de manter a ilusão de continuar a interessar o leitor, uma ilusão que não passa de um sonho enganador e não é muito diferente da época em que os textos ficavam esquecidos na gaveta.

materialista. O futuro é por eles apresentado às pessoas como perfeito, através de palavras falaciosas mas que encham de esperança quem as ouve, num ritmo lancinante, que não permite nem dá tempo para pôr em causa ou questionar. Este “comércio /dos sonhos” vende tudo, fazendo o povo acreditar que tudo é possível e acessível. Vende emoções e promessas que não passam de ilusão, irreais e efémeras (“emoções/ & sexo & fama & outros prometidos/paraísos terrestres” - vv.17-19). Mas estas promessas constituem um isco para o espectador se esqueça de si e dos seus limites. Tudo é efémero (“matéria reciclável” - v.20), vazio (“sonhos sempre iguais”, “metástases do nada” - vv.27-28), vendido a um povo que vive no engano a vida de outros (porque “já pouco espera dos seus genes” - v.30).

Estes sonhos que os *media* vendem afeta sobretudo os jovens que, sentindo-se perdidos, vazios dos seus próprios sonhos, tornam-se presas fáceis de atores, desportistas, cantores, entre outros modelos de sucesso rápido, não criando os alicerces necessários para suportar os obstáculos da vida e o vazio perante a constatação da inalcançabilidade dos sonhos (Cury, 2004: 33-34). Naturalmente, os jovens não têm a maturidade necessária para perceber que a realidade é muito distinta desses sonhos e acabam por sofrer deceções irreversíveis, que os marcam para sempre. Pois, como dizia Cury, “A derrota não superada esmaga os sonhos e dilacera a coragem” (Cury, 2004: 48).

Concluindo, quanto maior a expectativa, maior a desilusão provocada pela não concretização dos projetos iniciais. Porém, o ser humano não deve desistir, pois, como também nos dizia Cury: “Sem sonhos, a vida é como uma manhã sem orvalho, seca e árida” (Cury, 2004: 32).

4.4. A Morte dos Sonhos

*O amor é uma roseira à sua porta,
o sonho é um barco no mar
a vida é uma brasa na lareira
um pano que nasce, fio a fio.*

A morte é um dia santo para sempre no céu.

(Maireles, 1961: 65-66)

Como nos diz Cecília Meireles nestes versos, o amor é vida, com o que esta tem de bom ou de mau, podendo magoar com os seus espinhos. O sonho é aventura e ousadia (“O sonho é um barco no mar”). Quem ousa sonhar, sai da sua zona de conforto, tira os pés da terra para embarcar no desconhecido. A vida tem chama, paixão e determinação (“A vida é uma brasa na lareira”). Pode, enquanto brasa, iludir e magoar. Mas é também tecida ao longo dos tempos, sendo todos os acontecimentos, os mais ínfimos pormenores muito importantes na sua edificação (“um pano que nasce, fio a fio”). A morte é o reencontro da paz que a vida tira, elevação e espiritualidade (“A morte é um dia santo para sempre no céu”).

A vida é uma eterna despedida. Com a morte do ser humano, morrem todos os sonhos que projetou¹⁵⁰. A morte pode ainda ser a solução para acabar com o sofrimento ou provocada pelo amor não correspondido¹⁵¹. A própria vida pode constituir um sonho que, inevitavelmente, morre, com a morte do próprio ser humano¹⁵².

¹⁵⁰ No poema “Horizonte” (Amaral, 2009: 108), o sujeito poético eleva o seu canto para falar do ser humano em geral, que vai envelhecendo. No horizonte vão-se projetando cores que simbolizam a passagem da vida. Azul, o encontro com a espiritualidade, a ilusão e o celestial; vermelho, paixão e vida; roxo, introspeção e desilusão e negro, morte. Este é o horizonte de todo o ser humano, que, inevitavelmente, morre, morrendo com ele todos os sonhos pessoais, que o acompanharam ao longo da vida, até ao dia derradeiro da despedida.

¹⁵¹ É esta ideia que Florbela Espanca transmite em alguns dos seus poemas, a título de exemplo, no poema “Balada” (Espanca, in *Web - Trocando Olhares*, s/d), o sujeito poético fala da morte do seu sonho de amor. E o seu sonho grandioso e intenso não passou de uma quimera, mas que morreu. Perante esta morte, do sonho de amor, a desilusão leva-o a sentir-se infeliz. Também no poema “Nosso sonho morreu” (Espanca, in *Web - O Livro d’Ele*: 8), o “eu” lírico constata a morte do sonho de amor e pede que se reze por ele (“uma prece doce e triste” - v.2). Solicita, ainda, que se faça todo um ritual fúnebre a esse sonho, com as suas flores preferidas, as violetas roxas. Depois, culpabiliza a pessoa que amou e que o matou sem qualquer sentimento de culpa, mas com um canto de alegria. Tem a vaga esperança de conseguir ainda despertar o seu sonho.

O poeta Álvares de Azevedo, no seu poema “Adeus, meus sonhos!” (Azevedo, in *Web*, 1996: 143-144), menciona que, ainda na sua juventude, sonhou com um amor impossível. Despede-se dos sonhos, desejando a própria morte, porque a vida deixou de ter sentido, não restando mais nada que o prenda a ela.

¹⁵² No poema “Basta ser breve e transitória a vida” (Pessoa, 1988: 18), o “eu” poético fala da vida como um sonho, dada a sua efemeridade. A morte é a responsável pelo fim do sonho e refere que desejaria viver para prolongar este sonho. Sabe, porém, que a morte é inevitável e que virá roubar-lhe todos os seus sonhos e a vida que sonhou para si.

Com o intuito de observar a abordagem desta temática na poesia, escolhi dois poemas de dois poetas, um português e um brasileiro - “Poema Final”¹⁵³ (Pessanha, 1988: 101), de Camilo Pessanha e “A Morte Absoluta”¹⁵⁴ (Bandeira, 2009: 152), de Manuel Bandeira.

Camilo Pessanha (1867-1926) integra-se na estética simbolista da literatura portuguesa. Pessanha manifesta na sua poesia a inadaptação à existência que lhe causa dor e o conduz a um sentimento de desengano. Porém, a dor é tudo o que tem, sem ela não faz sentido o coração, revelando-se, assim, ambivalente. Encara o presente e o futuro com um pessimismo de tal maneira acentuado, que o leva a um certo delírio, em que se fecha em si mesmo, na sua dor, com prazer masoquista (Moisés, 1960: 221-224).

Clepsidra simboliza a inutilidade da luta dos humanos perante qualquer adversidade, os vícios, a fragilidade e inaptidão humanas. O tempo e a existência humana não passam de ilusão. A escrita surge como meio de reter a imagem de forma permanente. A linguagem de Pessanha é ambígua, quer sintática quer semanticamente, caracteriza-se pela sugestão, contribuindo para isso a utilização de reticências, interrogações e exclamações (Lopes, 1983: 19-52).

Pessanha aborda a vida como uma viagem, na qual sente que não há solução e que tudo termina num naufrágio. O desejo da morte é o desejo de se anular, de fugir à dor e à existência e de se aniquilar. É o que lhe reserva o futuro. O desespero do poeta resulta do facto de saber finita a vida humana e, neste contexto, a morte surge como forma de evasão (Carvalho, 2006: 221-232). O mundo de que Pessanha fala nos seus poemas é um mundo destruído, em que tudo se dissolve e decompõe. Por isso, deseja a morte, porque só esta lhe poderia dar descanso, só esta lhe possibilitaria um afastamento do mundo exterior e uma forma de atingir a felicidade, que não atingiu em vida. Mas a morte surge enquanto ideia de morte, não se concretiza, é o sonho da morte, que não chega a ser realizado, mas que existe enquanto promessa, o que leva o sujeito poético a refletir eternamente sobre o momento e o lugar em que esta possa ocorrer (Leal, 2011: 46-48). A morte acaba por se revelar como uma reflexão da ausência de vida, com uma função redentora. Vai surgindo lentamente, até o sujeito poético desistir de si e parar no tempo. É esta ambiguidade que está por trás do processo criativo de *Clepsidra* (Seixo, 1989: 107-116).

Manuel Bandeira (1886-1968) é um poeta que se caracterizava por uma poesia confidencial, autoirónica, de fundo melancólico. Começa por utilizar ritmos livres, passando, depois ao metro clássico e popular (Bosi, s/d: 408-413). Começou por revelar influências do parnasianismo e do simbolismo, um espírito romântico, integrando-se, a partir da sua obra *Libertinagem* (1930), definitivamente no modernismo. Conciliou o modernismo com o tradicional. Nas linhas temáticas da sua obra, salientam-se o cansaço, o tédio, a amargura e a tristeza. Marcadamente individualista, a sua poesia é bastante comunicativa (Coelho, 1989: 85-86). Nos seus primeiros livros, a morte era vista como acolhedora e tranquila, calmamente aguardada, aceite como o fim da existência humana. O quarto, onde a morte é aguardada, é

¹⁵³ Em anexo, Poema XXVIII: pág. 27 (pág. 127 da dissertação).

¹⁵⁴ Em anexo, Poema XXIX: pp. 27-28 (pp. 127-128 da dissertação).

mencionado como um local onde se acentua a solidão, e onde se destaca a apatia e o vazio (Foresti, 2001: 29-32).

No “Poema Final” (Pessanha, 1988: 101), publicado na obra *Clepsidra*, pela primeira vez em 1920, o negativismo está patente logo nas duas primeiras quadras do poema. Invoca as cores que nunca existiram nos corpos mortos e as crianças a quem foi tirada a vida antes de nascerem. Há alguma morbidez nesta contemplação metafórica da morte, chegando, no quinto verso, a aconselhar a que os olhos se fechem para sempre, na esperança de não sofrer mais por uma promessa sem concretização (“As pálpebras cerrai, ansiosas não veais” - v.5), que se situa num espaço exterior (“limbo” - v.4). Em seguida, dirige uma invocação às crianças que não nasceram, que continuam intactas, observando-se a morte apenas na cor das suas faces (“cor de cidra” - v.6). O líquido em que se guardam estes fetos mortos, que surgem personificados, está estagnado na ausência de vida, que contrasta com a água da clepsidra (“o correr da água na clepsidra” - v.8), uma metáfora da água que flui e escoia como a própria vida. Aconselha, através de uma invocação realçada pelos verbos no imperativo, estes “abortos” a adormecerem sem nada questionar (“Cessai de cogitar, o abismo não sondeis” - v.10).

Na terceira quadra do poema, indaga os sonhos que não se sonharam. Metaforicamente, identifica os sonhos, as almas penadas dos que viviam no seu lar, às aves noturnas que habitavam os beirais (de “Gemebundo arrulhar” - v.11), que acabam por morrer quando se ferem nos telhados das casas, queixando-se da sua errância e da dor provocada pelos seus sonhos que não foram sonhados. A acentuar esta ideia de morte lenta e dolorosa, estão a gradação dos acontecimentos e as aliterações nas nasais e em <s> e <c> sibilantes e assonância nas vogais fechadas [u], [i], [e], [o]¹⁵⁵ (“Gemebundo...sonhos não sonhados...almas penando...asas lacerais na aresta...vento expirais em um queixume brando”).

Termina com um monóstico, onde prossegue a invocação, numa construção anafórica paralelística, em que se destaca a gradação da negação (“Não”): aconselha a adormecer, a não reagir à dor e à morte com o cessar da respiração, numa entrega à inanição, ao abandono da fé e à constatação da inutilidade da vida.

No poema “A Morte Absoluta” (Bandeira, 2009: 152), publicado pela primeira vez no livro *Lira dos Cinquent’anos*, em 1940, o sujeito poético começa por falar da morte, na primeira estrofe, como algo absoluto, utilizando, para realçar essa ideia, a anáfora (“Morrer./Morrer...”), que volta a ser utilizada no início das estrofes seguintes. Sugere um total extermínio do ser, sem deixar vestígios de existência, para que ninguém se recorde, posteriormente, da sua presença. Uma morte não física (“sem deixar o triste despojo da carne” - v.4); que não quer ser chorada, porque esse choro não seria de saudade mas sim do terror perante a morte; que não marcaria presença no céu, porque apenas idealizado; em que não ficasse uma alma penada; que não fosse lembrada ou sentida por ninguém e em que nem sequer ficasse a memória da sua identidade. Uma morte total, de corpo, alma, memória. A repetição

¹⁵⁵ Símbolos do AFI (Alfabeto Fonético Internacional). Pesquisado em: http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo2_1.html (04-03-2016).

do advérbio “completamente”, bem como a anáfora do verbo “morrer”, realçam a ideia de fatalidade a que não se pode fugir, um desejo de desaparecimento total, absoluto e completo.

Quando os sonhos morrem, não tem de ser essa morte encarada como algo negativo, porque, ao morrerem os sonhos, recupera-se a tranquilidade para fazer nascer novos sonhos, numa reinvenção constante, um ciclo vital onde nada acaba e constitui um permanente recomeço.

O Sonho do Ponto de Vista de Quem Escreve

Não me considerando escritora, assumo, no entanto a minha predileção pela escrita. Não tenho textos publicados, à exceção de crónicas no *Jornal do Fundão*. Posso, porém, alguns escrevinhados guardados na gaveta, uns contos de influência tradicional, inspirados em vivências e histórias de avós; um caderno de contos (*A Chave da Memória*), em que parto de memórias de infância, desde África a Portugal, para ficcionar situações com personagens que viveram o retorno à terra dos pais ou que ficaram perdidas nos lugares que foram deixados para trás. Falo precisamente de sonhos que não se concretizaram e de novos sonhos que surgiram para preencher o vazio deixado pelos primeiros; um pequeno romance (*O Enigma Mora Cá Dentro*), que também fala de sonhos, sonhos demasiado ambiciosos de um pai em relação a uma filha, numa terra algures no interior do país. Sonhos que caíram por terra e cuja perda causou danos irreversíveis. O regresso da filha-narradora à terra natal para tentar resolver o enigma interior, reencontrar-se e recuperar o sentido da existência; e muitos, muitos poemas, cerca de quinhentos poemas, alguns reunidos num caderno que intitulei *Lastro de Poesia*. Sem pretensões de publicação, escrevo porque a escrita me dá a lufada de ar fresco que preciso, fazendo-me recuperar a força de vontade que, às vezes, a vida teima em tirar, porque me permite partilhar sentimentos e vivências, me faz viver e sonhar.

Remexendo nestes meus poemas, encontrei alguns em que o sonho constituiu o mote para a escrita. O sonho do poeta, que guia os seus passos e a sua poesia, num poema intitulado *Poeta mensageiro de sonhos* (“Caminheiro errante segue caminho/Pela Via Láctea, ele vem descendo.../ Vagueia assim só, sem ter um destino/ E pelo caminho vai aprendendo./Segue pelo mundo, mas não vai sozinho./ Há em si a fé que o vai movendo./ Traz o coração pleno de carinho, /Na alma o sonho e o amor que vão crescendo./ Quem será este errante, quem ele é?/ Todos questionam este ser sombrio/ Quando escreve é um deus que se agiganta/ A poesia uma voz que ele levanta,/ Deus errante no combate ao vazio).

O sonho surge também através de histórias contadas pelo vento, no poema *Histórias do vento* (Conta-me histórias, meu vento do Norte,/Histórias de amor que me façam sonhar,/Histórias de amor sem guerras e sem morte/Daquelas que permitem divagar [...] /Serei no meu sonho princesa amada/ Em histórias que tão bem sei que tu calas,/ Serei até capitã afamada).

Há ainda o sonho que transmite confiança, que leva a acreditar na vida e que é a própria poesia, no poema *Sol da Poesia* ([...] Mas a poesia é paciente./ Sentou-se ao meu lado,/ na relva do jardim,/ embalou-me até adormecer./ Invadiu o meu sono,/ Remexeu no meu sonho,/ até a sentir em mim./ A minha lágrima secou,/ o sorriso abriu-se/ e a mão procurou a caneta/ para fazer a folha de papel/ dançar ao som da poesia [...]).

O sonho germina tal como as sementes, no poema *O meu sonho, planta que germina* (O meu sonho está povoado/de sementes de esperança./ Pequenas sementes que germinam/ainda antes de serem plantadas [...]).

Por vezes, o sonho esmorece, como o do poema *Sonhos verde-cinza* ([...]/Sinto o sonho/ escorrer-me por entre os dedos/ e os olhos fecham-se em nevoeiro).

Alguns sonhos são recuperados pelas histórias das avós, por exemplo no poema *Conta-me histórias, avó!* (Quantas histórias na mente guardamos,/ contadas, adormecidas, imaginadas,/ reveladas, escondidas, sonhadas,/ histórias que esquecemos, lembramos [...]).

A infância é o momento dos sonhos, em que tudo é possível e o futuro uma ilusão que aconchega, por exemplo no poema *A minha casinha de lajes cinzentas* (Quando eu era muito pequenina/ pegava em pequenas lajes cinzentas/ e construía uma casa de sonho/ onde moravam as minhas emoções [...]), no poema *Onde está a minha infância?* ([...]/ Levava o coração cheio,/ de grandes sonhos e ilusões,/ o meu triciclo era o meio/de seguir as emoções [...]/Porque cresci, meu Deus?! Já não caibo na infância./ O triciclo onde está?/ A enferrujar na distância [...]) e no poema *Quando a saudade aperta* ([...]/ Água de nascentes, que me refrescavam/ corpo e alma. E eu lia, lia e pensava,/ meditava acontecimentos do dia,/ recordava momentos passados/ e sonhava, sonhava com o futuro./Era tudo ainda tão simples,/ Era tudo ainda tão puro!).

O sonho surge também enquanto desejo de renovação da crença e da esperança no poema *Escadaria dos Sonhos* (Hoje quero subir os degraus/ azuis até ao último andar.../E, no terraço, tocar as nuvens,/ confessar-me ao sol,/ beber um refrescante sumo de sonhos,/ aspirar as ilusões que pairam no ar/ e trazer nos meus olhos o infinito [...]).

A morte é a que chega para nos levar em sonhos que se perpetuam, como se pode ver no poema *Quando a morte vier* ([...]/Quando a morte vier/ que seja como a noite,/ que me acolha lentamente nos braços,/ me envolva com suavidade/ e me leve a alma/ em doces sonhos eternos).

O sonho é uma réstia de esperança que devemos resgatar para não sermos derrotados pelos nossos fracassos, como sugere o poema *Poder dos sonhos* ([...]/Mas, escondidos.../ Resguardados dos vendavais da vida,/continuam persistentes sonhos/ à espreita. À espera de uma aberta,/ de uma ténue luz solar/ que os acalente e os faça/ novamente acreditar./ Maior é a força dos sonhos/ que a rajada da desilusão,/porque, por maiores que sejam/as pancadas do vento da vida,/ os sonhos, qual Sísifo,/ acreditam na superação,/ têm o poder/ da renovação/ e da reinvenção do meu mundo.../Um mundo interior/feito de rosas em botão).

Estes são apenas pequenos excertos de poemas que escrevi, de imensos poemas onde o sonho é o protagonista dos sentimentos. Porque sonhar vale a pena!

Conclusão

Optei por desenvolver o tema escolhido no texto poético de expressão portuguesa, concentrando-me num *corpus textual* dos séculos XIX ao XXI. Porém, para abordar um tema destes, que foi mote de vários textos ao longo de vastos períodos literários, não pude deixar de fazer uma pequena contextualização da temática, que permite, ainda que de uma forma sucinta, ver a real dimensão que este tema sempre teve na literatura.

Comecei, num primeiro capítulo, por abordar a temática do “sonho ao leme da leitura”, dada a intrínseca ligação entre o sonho e a leitura. O sonho que move à leitura, a leitura que abre caminhos ao sonho, o sonho do conhecimento que nos é ampliado pela própria leitura, a leitura como caminho intrínseco de autoconhecimento e de conhecimento do mundo, o sonho da leitura e o sonho da escrita. Não fossem os escritores, artífices da palavra, o sonho não se configurava em livros que permitem ao ser humano empreender viagens ao mundo dos sonhos.

Foi, então, pela mão dos escritores, que se percorreu o vasto caminho a que esta temática me conduziu.

Optei por dividir a temática em três temas mais vastos, em termos temporais: o passado (que intitulei “um olho no passado”), o presente (que designei como “um pé no presente”) e o futuro (que concebi como “uma asa no futuro”). Esta tripartição temática permitiu-me estudar a abordagem do sonho nestas três fases temporais. Olhando para o passado, selecionei textos que me permitiram falar do sonho da infância como um paraíso perdido, do amor sonhado no passado, da desilusão que esse sonho passado trouxe ao se constatar da sua inutilidade e o sonho glorioso de um passado de navegadores em que o sonho superou todos os obstáculos que se pudessem interpor. No presente, não quis deixar de contemplar o poder dos sonhos, que tudo move e promove, dos sentimentos que continuam a justificar a vontade e a necessidade de sonhar. Mas, o presente confronta, também, de alguma forma, o ser humano com o desmoronar dos sonhos, num contraste com o passado em que tudo parecia possível e plausível. E esta desilusão é cantada pelos poemas de forma exímia. O futuro afigura-se possível, se se continuar a acreditar na poderosa capacidade de sonhar. Quando os sonhos se ausentam, há uma natural tendência para se fugir à realidade que dói e de projetar sonhos irreais. Mas nem sempre o sonho subsiste, nem sempre corresponde às expectativas. Resta o ludíbrio e a morte dos sonhos.

Não quis deixar de partilhar a minha paixão pela leitura e pela escrita, quer enquanto mãe, quer enquanto amante das palavras, de que humildemente ousou fazer uma breve referência de cariz mais pessoal.

Posfácio

Comecei a minha dissertação movida pelo sonho. O primeiro momento, a fase das ideias que fervilham na mente, impulsionou a escolha do tema. Escolhido o tema e antes de passar para a fase do projeto, li. Li todos os poemas que consegui encontrar em livros, em casa e em bibliotecas e na Internet. Seguiu-se a fase da proposta escrita do projeto. Ainda movida pelo deslumbramento que tantos poetas e poemas me tinham provocado, considerei a possibilidade de abordá-los todos.

Quando o sonho em estado puro começou a ser laminado pela razão, com um auxílio precioso da minha orientadora científica de mestrado, consciencializei-me da dificuldade e mesmo impossibilidade de dissertar sobre um espólio tão abrangente. Comecei por delimitar as épocas a trabalhar e optei por versar sobre autores séculos XIX ao XXI. No momento subsequente, integrei os poetas lidos na tabela de capítulos e subcapítulos que tinha delineado no projeto. Mais uma vez me deparei com um espólio de textos e de poetas demasiado extenso. Não foi fácil selecionar e as opções que fiz prenderam-se com a temática abordada em cada subcapítulo, de entre um conjunto de poemas e autores não menos dignos de mérito e de estudo.

Estabelecido o plano, feita a seleção de textos e autores, parti para uma leitura de toda a literatura que encontrei e que me pareceu pertinente sobre os autores escolhidos. Em casa, na grande janela para o mundo, que é a Internet, e, em especial, em bibliotecas (universitária, públicas, escolares e pessoal), consultei livros, capítulos, passagens de livros, outras dissertações e teses, artigos de publicações académicas, revistas, jornais, entre outros documentos, o que foi feito à dimensão da Bibliografia e Webgrafia que apresento.

Apesar de muito trabalhosa, a realização desta dissertação tem sido muito enriquecedora. Permitiu-me o reencontro com poemas e poetas que já tinha lido há muito tempo, a descoberta de novos escritores de que me fiz leitora, contribuindo, assim, para ampliar os horizontes dos meus conhecimentos, despertar o estímulo e curiosidade em conhecer sempre mais e ler sempre mais.

A contribuir para a execução do meu trabalho, estive o gosto que sempre tive pelo estudo. Nunca deixei de estudar e comecei a estudar ainda mais desde que comecei a dar aulas. Outro contributo que não podia esquecer de mencionar, é o prazer que sempre me deu escrever, como o referi no último capítulo.

Considero, portanto, que atingi os objetivos a que me propus, concretizando um de muitos dos meus sonhos. Sonhar torna a realidade mais suportável, amplia e reforça os objetivos, move a vontade, semeia o estímulo e dá sentido à existência. Como tive oportunidade de constatar ao longo da dissertação, o sonho é extremamente abrangente, o que torna difícil defini-lo com exatidão, até porque o sonho é subjetivo e cada ser humano tem os (s) seus (s) sonhos (s). Espero ter contribuído para a compreensão da dimensão deste tema, tão rico e sobre o qual ficará sempre muito por dizer e que, ao mesmo tempo, tenha despertado o interesse no aprofundamento do mesmo por alguém que o leia com interesse.

Bibliografia Primária

- ALEGRE, Manuel (2009). Livro do Português Errante. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ALMEIDA, João Carlos Correia de (2003). *Caminho do Sonho*. Tavira: Tipografia Tavirense, Lda.
- AMARAL, Fernando Pinto do (2009). *Poemas Escolhidos (1990-2007)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ANDRADE, Carlos Drummond de (2001). *Antologia Poética*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ANDRADE, Carlos Drummond de (2006). *Boitempo - Menino Antigo*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- ANDRADE, Eugénio de (1994). *Antologia Breve*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.
- ANDRADE, Eugénio (2007). *Os Sulcos da Sede*. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi.
- ANDRADE, Eugénio de (1980). *Poesia e Prosa [1940-1979]*. Biblioteca de Autores Portugueses. Maia: Gráfica Maiadouro.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner Andresen (1975). *Antologia Poética*. Lisboa: Moraes Editores.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2010). *O Nome das Coisas*, in *Obra Poética*. Lisboa: Editorial Caminho.
- ASSIS, Machado de (1994). *Obra Completa, vol. II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- BANDEIRA, Manuel (2009). *Manuel Bandeira: poesia completa e prosa* (Prefácio, organização e estabelecimento do texto André Seffrin). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- BARROS, Edir Pina de (2013). *Sonetos Diversos*. São Paulo: Clube de Autores.
- BELO, Ruy (1999). *Antologia Poética, Ruy Belo, Cidadão de Longe e de Ninguém* (Prefácio e seleção de poemas de Maria Jorge Vilar de Figueiredo). Mem Martins: Círculo de Leitores.
- BELO, Ruy (2004). *Todos os Poemas, Vol. I*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- BRAGA, Chico (2001). *Rosa, Rosae*. Seixal: Antares Editores.
- BROCHADO, Alfredo (1949). *Bosque Sagrado*. Lisboa: Portugália Editora.
- BUGALHO, Francisco (1960). *Poesia* (organização de José Régio, Alberto de Serpa e Luís Moita - prefácio de José Régio). Lisboa: Portugália Editora.
- CAMÕES, Luís Vaz de (1974). *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora.
- CASTRO, Eugénio (1987). *Antologia* (Introdução, seleção e bibliografia de Albano Martins). Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CASTRO, Fernanda de (1989). *70 Anos de Poesia [1919-1989]*. Maia: Gráfica Maiadouro.
- DACOSTA, Luísa (2010). *A Maresia e o Sargaço dos Dias*. Lisboa: Edições ASA.
- ESPANCA, Florbela (2003). *Poesias Completas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ESPANCA, Florbela (1988). *Sonetos*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- FARIA, Rosa Lobato (2013). *A Noite Inteira Já Não Chega*. Lisboa: Guimarães Editores.
- FEIJÓ, António (s/d). *Sol de Inverno seguido de Vinte Poesias Inéditas*. Biblioteca de Autores Portugueses. Maia: Gráfica Maiadouro, IN-CM.
- FERREIRA, António Almeida (s/d). *A Castro*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- FERREIRA, Manuel (s/d). *50 Poetas Africanos*. Lisboa: Plátano Editora, S.A.

- FONSECA, Manuel da (1984). *Obra Poética*. Lisboa: Editorial Caminho.
- GAMA, Sebastião (1999). *Pelo Sonho é que Vamos* (Prefácio de Ruy Belo). Lisboa: Edições Ática.
- GARRETT, Almeida (s/d). *Folhas Caídas*. Lisboa: Biblioteca Ulisseia.
- GEDEÃO, António (2001). *Obra Poética*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- HIGINO, Nuno (2003). *Maybe Deus se Tenha Enganado*. Leça da Palmeira: Letras & Coisas.
- HÉLDER, Herberto (2014). *Poemas Completos*. Porto: Porto Editora.
- HOMERO (s/d). *Odisseia*. Mem Martins: Edições Europa-América Lda.
- JÚDICE, Nuno (2014). *O Fruto da Gramática*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- JÚDICE, Nuno (2009). *Pedro, Lembrando Inês*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- KNOPFLI, Rui (2003). *Obra Poética*. Coleção Escritores dos Países de Língua Portuguesa, 31. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- LOPES, Tereza Coelho (1983). “Apresentação crítica, seleção, notas e sugestões para análise literária”, in Pessanha, Camilo. *Clepsidra*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- MARTINS, Miguel et alii (2013). *A Poesia em 2013*. Portugal: Fnac, Edições Documenta, Lda.
- MASI, Domenico de (2000). *O Ócio Criativo, Entrevista a Maria Serena Palieri*. Rio de Janeiro: Sextante (GMT Editores Lda.).
- MEIRELES, Cecília (1972). *Flor de Poemas*. Rio de Janeiro: José Aguilar.
- MÉSEDER, João Pedro (2009). *O G é um Gato Enroscado* (Ilustrações de Gémeo Luís). Lisboa: Caminho.
- MEXIA, Pedro (2011). *Menos por Menos, poemas escolhidos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- MARTINS, Ana Maria Almeida (1989). *Obras Completas de Antero de Quental. Cartas II (1881-1891)*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- MOURA, Vasco Graça (2002). *Poesia 1997-2000*. Camarate: Círculo de Leitores.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1988). *Obra Poética [1948-1983]*. Lisboa: Editorial Presença.
- NAMORA, Fernando (1997). *As Frias Madrugadas*. Mem Martins: Círculo de Leitores.
- NOBRE, António, s/d. *Só, «...O livro mais triste que há em Portugal!»*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- OLIVEIRA, José Alberto et alii (2013). *A Poesia em 2013*. Portugal: Fnac, Edições Documenta, Lda.
- O’NEILL, Alexandre (1958). *No Reino da Dinamarca*. Lisboa: Guimarães Editores.
- O’NEILL, Alexandre (2000). *Obra Poética [1948-1983]*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PAIXÃO, Fernando (1995). *Mário de Sá- Carneiro, Poesia*. São Paulo: Editora Iluminuras Lda.
- PESSANHA, Camilo (1988). *Clepsidra e Poemas Dispersos* (Introdução biográfica e crítica, organização e notas de António Quadros). Mem Martins: Publicações Europa-América.
- PESSOA, Fernando (2013). *Cancioneiro: uma Antologia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando (1988). *Fausto - Tragédia Subjetiva*. Lisboa: Editorial Presença.
- PESSOA, Fernando (1996). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Lisboa: Ática.
- PESSOA, Fernando (1942). *Poesias*. Lisboa: Ática.
- PESSOA, Fernando (2015). *Sobre o Orpheu e o Sensacionismo*. Porto: Assírio & Alvim.

- PINA, Manuel António (2011). *Como se Desenha uma Casa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PINA, Manuel António (2003). *Os Livros*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PINA, Manuel António (2001). *Poesia Reunida*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- QUADROS, António (s/d). *Poesias de Álvaro de Campos*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- QUADROS, António (s/d). *Poemas de Alberto Caetano*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- QUADROS, António (s/d). *Odes de Ricardo Reis*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- QUADROS, António (s/d). *Obra Poética de Fernando Pessoa, A Mensagem*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- QUADROS, António (s/d). *Obra Poética de Fernando Pessoa, Poesia I, 1902-1929*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- QUADROS, António (s/d). *Obra Poética de Fernando Pessoa, Poesia II, 1930-1933*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- QUADROS, António (s/d). *Obra Poética de Fernando Pessoa, Poesia III, 1934-1935*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- QUENTAL, Antero de (1996). *Sonetos Completos*. História da Literatura. Lisboa: Editores Reunidos LDA.
- QUINTANA, Mário (2006). *Baú de Espantos*. São Paulo: Editora Globo.
- RIBEIRO, João Manuel (2010). *Amo-te, Poemas para Gritar ao Coração*. Porto: Edição Trinta por uma Linha.
- ROSA, António Ramos (2004). *O Poeta na Rua*. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi.
- ROSA, António Ramos (2014). *Poesia Presente - Antologia António Ramos Rosa (Seleção Maria Filipe Ramos Rosa. Prefácio José Tolentino Mendonça)*. Maia: Assírio & Alvim, Porto Editora.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (1985). *Mário de Sá Carneiro, Poesias Completas*. Porto: Editora Orfeu.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (1990). *Poesia, Mário de Sá-Carneiro (Prefácio de Nuno Júdice)*. Mem Martins: Círculo de Leitores.
- SANTOS, Carlos Melo (2012). *Partes de Mim*. Lisboa: Chiado Editora.
- SARAGAMO, José (1997). *Os Poemas Possíveis*. Alfragide: Editorial Caminho.
- SENA, Jorge de (2001). *Antologia Poética*. Lisboa: Edições ASA.
- SILVA, Agostinho da (2006). *Uma Antologia (organização e apresentação Paulo Borges)*. Lisboa: Âncora Editores.
- SOARES, Luísa Ducla (2007). *Poemas da Mentira e da Verdade*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SOUSA, Marcelo Rebelo de (2005). *Os Poemas da Minha Vida*. Porto: Público.
- TORGA, Miguel (2001). *Antologia Completa I*. Mem Martins: Círculo de Leitores.
- TORGA, Miguel (2001). *Antologia Completa II*. Mem Martins: Círculo de Leitores.
- VASCONCELOS, Mário Cesariny (s/d). *Poesia [1944-1955]*. São Paulo: Editora Delfos.
- VERDE, Cesário (1985). *O Livro de Cesário Verde (Prefácio de Silva Pinto)*. Porto: Editora Orfeu.

- VIRGÍLIO (s/d). *A Eneida* (Tradução da versão francesa e nota introdutória de Cascais Franco). Mem Martins: Publicações Europa-América.

Bibliografia Secundária

- AMARAL, Fernando Pinto do (2000). “Amor e Paciência”, in revista *Relâmpago - Como Falar de Poesia?* (N.º6). Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava.
- AMARAL, Fernando Pinto do (2008). “Eduardo Lourenço Revisitado”, in revista *Relâmpago - Eduardo Lourenço Leitor de Poesia* (N.º 22). Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava.
- ANTÃO, Jorge Augusto Silva (1997). *Elogio da Leitura*. Porto: Edições ASA.
- ANTUNES, Irlandé (2003). *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BACHELARD, Gaston (1989). *A Água e os Sonhos, Ensaio sobre a imaginação da Matéria* (Tradução António de Pádua Danesi). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Lda.
- BACHELARD, Gaston (1988). *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAKHTIN, Mikhail (1997). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. (Tradução Michel Lahud; Yara Vieira). São Paulo: Hucitec.
- BARTHES, Roland (2002). *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva.
- BEAU, Albin Eduard (1964). “Os Sonetos de Antero de Quental”, in *Estudos Vol. II. Acta Universitatis Conimbrigensis*. Coimbra: Coimbra Editora.
- BIEDERMANN, Hans (1994). *Dicionário Ilustrado de Símbolos*. São Paulo: Melhoramentos.
- BOSI, Alfredo (1988). *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix.
- CALVINO, Ítalo (2002). *Por que Ler os Clássicos*. (Tradução Nilson Moulin). São Paulo: Editora Schwarcz Lda.
- CARVALHO, Mário de (2014). *Quem Disser o Contrário É Porque Tem Razão*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, Amorim (1991). *Tratado de Versificação Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1997). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- COELHO, Jacinto do Prado (1989). *Dicionário da Literatura*. Porto: Editora Figueirinhas.
- CORSINO, Patrícia; PIMENTEL, Cláudia (2014). “Reflexões sobre leitura literária na escola”, in *Travessias da literatura na escola*. Rio de Janeiro: Editora 7 letras.
- COSTA, Fávio Moreira da (1983). “Carta de Kafka a Oskar Pollak de 1904”, in *Franz Kafka (o profeta do espanto)*. São Paulo: Brasiliense.
- CURY, Augusto (2004). *Nunca Desista de Seus Sonhos*. Rio de Janeiro: Sextante.
- CURY, Augusto (2007). *O Semeador de Ideias* (Adaptação Cristina Paixão). Lisboa: Editorial Planeta.
- DELGADO, Márcia Cristina (1999). *Cartografia sentimental de sebos e livros*. Belo Horizonte: Autêntica.
- ECO, Umberto (1981). *A Definição da Arte*. Lisboa: Martins Fontes.

- ECO, Umberto (2015). *Como se Faz uma Tese*. Lisboa: Editorial Presença.
- ECO, Umberto (1994). *Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ELIAS, José (2007). *Literatura Infantil: ler, contar e encantar criança*. Porto Alegre: Mediação.
- FESTAS, Maria Isabel Ferraz (2002). “Principais Tendências no Ensino da Escrita de Textos”, in *Psycologica* (30). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- FREIRE, Paulo (1989). *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez.
- FREIRE, Paulo (1997). *Pedagogia da Autonomia; Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- FREUD (1907). *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensenn, Obras Completas - vol.IX*. Rio de Janeiro: Imago.
- GÓMEZ DEL MANZANO, Mercedes (1988). *A Criança e a Leitura*. Porto: Porto Editora.
- GOUVEIA, Maria Margarida Maia (1986). *Vitorino Nemésio: Estudo e Antologia*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- GRIMALDI, Nicolas (1992). *Le Desir et le Temps*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- GUIMARÃES, Fernando (2002). *A Poesia Contemporânea Portuguesa*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições.
- LIEURY, A. & Fenouillet, F, (1997). *Motivação e Sucesso Escolar*. Lisboa: Editorial Presença.
- MANGUEL, Alberto (1997). *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MARTELO, Rosa Maria (2004). “Reencontrar o leitor: alguns lugares da poesia contemporânea”, in *Em Parte Incerta. Estudos de Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea*. Porto: Campo das Letras.
- MARTINS, Maria Helena (1991). *O que é Leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- MARCUSCHI, Luiz António (1985). “Leitura como Processo Inferencial num Universo Cultural Cognitivo” in *Leitura, Teoria e Prática* (Vol 4.). Campinas: Associação de Leitura do Brasil.
- MARINHO, Maria de Fátima (1986). *O Surrealismo em Portugal e a Obra de Mário Cesariny de Vasconcelos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MEIRELES, Cecília (1979). *Problemas de Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Summus.
- MOISÉS, Massaud (1960). *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Editora Cultrix.
- MORAIS, José (1996). *A Arte de Ler*. São Paulo: UNESP.
- MOREIRO, José Maria (2001). *Eu, Miguel Torga*. Algés: Difel.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1983). *Ícaro e Dédalo: Mário de Sá- Carneiro e Fernando Pessoa*. In: *Hospital das Letras*. Lisboa: INCM.
- NOVAES, Aduato (1998). *Experiência e Destino. (org.). A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda de (2010). “O professor como mediador das leituras literárias”, in: Paiva, Aparecida (org.). *Coleção explorando o ensino. Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.
- OLSON, David R. (1997). *O Mundo no Papel: as Implicações Conceituais e Cognitivas da Leitura e da Escrita*. São Paulo: Ática.

- PENNAC, Daniel (2002). *Como um Romance*. Porto: ASA Editores, 2002.
- PERNES, Fernando (1991). *Fernando Pessoa e a Europa do Século XX*. Porto: Fundação Serralves e Laboratórios Bial.
- PERROTTI, Edmir (2004). *Lugares da Leitura: a Escola como Espaço de Leitura*, in *Boletim Salto para o Futuro - Espaços de leitura*. Rio de Janeiro: TVE- Brasil.
- PRATES, Elder (2015). *O Sonho de Ser Escritor*. São Paulo: AgeBook.
- QUADROS, António (1988). *Vida e Obra Fernando Pessoa*. Vol. I, II e III. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil (2003). *Por uma Linguística Crítica: Linguagem, Identidade e a Questão Ética*. São Paulo: Parábola Editorial.
- RICOEUR, Paul (1977). *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- SANTOS, E. M. (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coimbra: Quarteto Editora.
- SARAIVA, António José (1980). “Com Luísa Dacosta vivemos o universo da praia...”, in DACOSTA, Luísa. *A-Ver-O-Mar: Crónicas*. Porto: Figueirinhas.
- SARAIVA, António José e Lopes, Óscar (s/d). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- SEPÚLVEDA, Luís (2006). *O Poder dos Sonhos*. Lisboa: Edições ASA.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (1988). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina.
- SIMÕES, João Gaspar (1984). *Crítica, II - Poetas Contemporâneos*. Tomos I, II e III. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda.
- SOARES, Fernando Luso (1971). “Algumas Coordenadas da Poesia de Fernando Namora”, in *Literatura, Dialética, Estrutura: Ensaios*. Lisboa: Cronos.
- TARALLI, Cibelle Haddad (2004). *Espaços De Leitura Na Escola: Salas De Leitura / Bibliotecas Escolares*. Rio de Janeiro: MEC/SEED/Salto para o futuro.
- TEIXEIRA, Fernando (2012). *Aqui entre Nós...* Coimbra: Temas Originais, Lda.
- TEIXEIRA, Fernando (2013). *Entre o Sono e o Sonho - Antologia de Poesia Contemporânea Vol. IV*, Tomo I. Lisboa: Chiado Editora.
- TEIXEIRA, Fernando (2012). *Nas Teias do Poder*. Lisboa: Chiado Editora.
- TEIXEIRA, Fernando (2013). *Poética II - 75 Autores*. Lisboa: Editorial Minerva.
- TORRES, Alexandre Pinheiro (1989). “Prefácio” in *Novo Cancioneiro*. Lisboa: Caminho.
- VERNANT, Jean-Pierre (1990). *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- WELLECK, René e Warren, Austin (1942). *Teoria da Literatura*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América.

Webgrafia

- AFOLABI, Niyi (2000). *Machado de Assis: uma Teorização da Ambiguidade*. Revista Iberoamericana, vol. LXVI. Estados Unidos: Tulane University. Disponível em: <http://revista->

iberamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/3596/3769

(consulta efetuada no dia 05/12/2015).

- ALIGHIERI, Dante (2003). *A Divina Comédia*. [Tradução José Pedro Xavier Pinheiro]. São Paulo:

Fonte Digital. Ebook disponível em:

http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/A_divina_comedia_de_dante_alighieri.pdf

f (consulta efetuada no dia 22/11/2015).

- ALVES, Castro (1921). *O Livro e a América*. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=

[86850](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=86850) (consulta efetuada no dia 11/10/2015).

- ALVES, Sílvia Maria Alvadia (2011). *Da arte de ler ao ler com arte - A leitura em diferentes formas de expressão*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto.

Disponível em:

http://sigarra.up.pt/fpceup/en/publs_pesquisa.show_publ_file?pct_gdoc_id=21115 (consulta

efetuada no dia 25/09/2015).

- AMORIM, Bernardo Nascimento de (2010). *A minguá e o excesso: Mário de Sá-Carneiro, Arthur Rimbaud e o complexo de Ícaro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP->

[849JUH/a_m_ngua_e_o_excesso.pdf;jsessionid=8BEBD88DFF82B04F45D7A1A624CD023D?seque](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-849JUH/a_m_ngua_e_o_excesso.pdf;jsessionid=8BEBD88DFF82B04F45D7A1A624CD023D?sequence=1)

[nce=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-849JUH/a_m_ngua_e_o_excesso.pdf;jsessionid=8BEBD88DFF82B04F45D7A1A624CD023D?sequence=1) (consulta efetuada no dia 04/12/2015).

- AMPARO, Flávia Vieira da Silva do (2008). *Sob o Véu dos Versos: o Lugar da Poesia na Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/AmparoFVS.pdf> (consulta efetuada no dia

06/12/2015).

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. “Apesar das Ruínas”, in *Poesia*. Disponível em:

<http://portodeabrigo.do.sapo.pt/sophia32.html> (consulta efetuada no dia 02/10/2015).

- ARISTÓTELES (2010). *Sobre a Alma*. [Coordenação António Pedro Mesquita. Tradução Ana Maria Lóio]. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Disponível em

<http://www.obrasdearistoteles.net/files/volumes/000000031.pdf> (consulta efetuada no dia

27/11/2015).

- AZEVEDO, Álvares de (1996). *Lira dos Vinte Anos*. São Paulo: Martins Fontes (Coleção Poetas do Brasil). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00025a.pdf>

(consulta efetuada no dia 28/09/2015).

- AZEVEDO, Fernando, SARDINHA, Maria da Graça (2009). *Modelos e Práticas em Literacia*.

Lisboa: Lidel. Disponível em:

http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10111/1/Literacias_FA.pdf consulta

efetuada no dia 24/03/2015).

- BACHELARD, Gaston (s/d). *A Poética do Espaço*. Disponível em:

<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>

(pesquisa efetuada no dia 05/12/2015).

- BACHMAN, Lyle F. (2003). *A Habilidade Comunicativa de Linguagem*. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/231> (consulta efetuada no dia 30/11/2015).
- BANDEIRA, Manuel. “Tema e Variações”, in *Antologia Poética*. Disponível em: http://www.sitedoescriptor.com.br/sitedoescriptor_escritores_mbandeira_texto005.html (consulta efetuada no dia 02/10/2015).
- BERTO, Al. “Visita-me enquanto não envelheço”, in *Salsugem*. <http://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=372> (consulta efetuada no dia 02/10/2015).
- BILAC, Olavo (2002). *Antologia: Poesias*. São Paulo: Martim Claret. Disponível em: http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Alma_inquieta_de_olavo_bilac.pdf (consulta efetuada no dia 30/09/2015).
- BORGES, Jorge Luís. “Poema de los dones”, vv. 23-24. Disponível em: <http://www.poesi.as/jlb0402.htm> (consulta efetuada no dia 14/10/2015).
- BORTOLINI, Angélica et alii (2011). *Qualificando o ato de ler pela exploração de diferentes géneros textuais*. Brasil: Editora Univates. Signos, ano 32, nº2. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/download/268/218> (consulta efetuada no dia 25/09/2015).
- BRETON, André (1924). *Manifesto do Surrealismo*. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/breton.pdf> (consulta efetuada no dia 19/12/2015).
- BUGALHO, Francisco. “Tudo quanto sonhei se foi perdido”, in *Dispersos e Inéditos*. Disponível em: <http://www.nicoladavid.com/literatura/francisco-bugalho/tudo-quanto-sonhei-se-foi-perdido> (consulta efetuada no dia 02/10/2015).
- CAGLIARI, Luís Carlos. *Algumas Questões de Linguística na Alfabetização*. Campinas: Departamento de Linguística, s/d. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40140/1/01d16t05.pdf> (consulta efetuada no dia 19/10/2015).
- CARUSO, Francisco e Freitas, Maria Cristina S. de (2006). *Educar é fazer sonhar*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois. Coleção Princípios, edição nº83. Disponível em: http://grabois.org.br/portal/cdm/revista.int.php?id_sessao=50&id_publicacao=192&id_indice=1579 (consulta efetuada no dia 25/09/2015).
- CARVALHO, Ângela (2006). “O naufrágio em Camilo Pessanha”. In *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas*, II série, vol. XXIII. Porto. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5644.pdf> (consulta efetuada no dia 09/01/2016).
- CARVALHO, Carolina e SOUSA, Otilia Costa e (2011). “Literacia e Ensino da compreensão na Leitura”, in *Revista - Journal Interações*, nº19. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/473/427> (consulta efetuada no dia 25/03/2015).
- CASSIANO, Adriana Aparecida (2009). *O Prazer de Ler: o Incentivo da Leitura na Educação Infantil*. Londres: Universidade Estadual de Londrina. Disponível em:

<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ADRIANA%20APARECIDA%20CASSIANO.pdf>

(consulta efetuada no dia 29/11/2015).

- CATALIVROS (2010). *Luísa Dacosta diz que a única liberdade total está no sonho*. Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em: http://catatu.catalivros.org/fala_estar_le-nos/le_LM05_entr_l_dacosta_2_c.pdf (consulta efetuada no dia 05/01/2015).

- CEIA, Carlos (2004). *Da importância de ler e escrever*. Disponível em: <http://prof2000.pt/users/avcultur/TCastro/DaImportanciaLerEscrever.htm> (consulta efetuada no dia 19/10/2015).

- COLERIDGE, Samuel (1798). “Kubla Kan”. Disponível em: <http://transinformacao.blogspot.pt/2015/02/sonho-com-kubla-khan-do-qual-coleridge.html> (consulta efetuada no dia 23/11/2015).

- COSTA, Jurandir Freire (1999). *As práticas amorosas na contemporaneidade*. Psyche. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/MarcosSilvabh/as-praticas-amorosas-na-contemporaneidade-jurandir-freire> (consulta efetuada no dia 06/11/2015).

- COSTA, Maria Elisabete Lourenço Gomes (2013). *Natureza e Sagrado na obra de Nuno Higinio*. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Disponível em: <http://biblioteca.versila.com/2768429/natureza-e-sagrado-na-obra-de-nuno-higinio> (consulta efetuada no dia 22/12/2015).

- DALMUTT, Aline Carla e Maria Natália Ferreira Gomes Thimóteo (2012). *Fernando Pessoa e a Infância que dói. Brasil*. Disponível em: http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigosic/artigo_ic_001.pdf (consulta efetuada no dia 25/09/2015).

- ESPANCA, Florbela (s/d). *O Livro d’Ele*. Disponível em: <http://livros.universia.com.br/download/o-livro-d-ele.pdf> (consulta efetuada no dia 07/10/2015).

- ESPANCA, Florbela (s/d). *Trocando Olhares*. Brasil: Martin Claret. Disponível em: <http://poemas-rh.blogspot.pt/2013/09/poemas-do-livro-trocando-olhares.html> (consulta efetuada no dia 01/10/2015).

- ÉSQUILO (2005). *Prometeu Acorrentado*. [trad.J.B. de Mello e Souza]. Brasil: Fonte Digital. Ebook disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/prometeu.pdf> (consulta efetuada no dia 23/11/2015).

- FERNANDES, Gabriel Madeira (2012). *A Poética da Sinceridade de Rui Knopfli*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-14032013-102456/publico/2012_GabrielMadeiraFernandes.pdf (consulta efetuada no dia 22/12/2015).

- FERREIRA, Vergílio (s/d.). “Que Há para Lá do Sonhar?”, in *Conta Corrente I*. Disponível em: <http://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=742> (consulta efetuada no dia 02/10/2015).

- FORBES, Peter (2005). "Poetry and Science: greatness in little", in *Nature*, Vol. 434. Disponível em: <http://www.nature.com/nature/journal/v434/n7031/full/434320a.html> (consulta efetuada no dia 18/12/2015).
- FORESTI, Nara Boneti (2001). *Entre Espaços, Tempos e Gêneros: o Texto de Manuel Bandeira*. Brasil: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/79871/180545.pdf?sequence=1> (consulta efetuada no dia 09/01/2016).
- FREUD, Sigmund (1956). *Obras Completas*. LeLivros. Disponível em: [http://baixar-download.jegueajato.com/Dr.%20Sigmund%20Freud/Obras%20Completas%20\(527\)/Obras%20Completas%20-%20Dr.%20Sigmund%20Freud.pdf](http://baixar-download.jegueajato.com/Dr.%20Sigmund%20Freud/Obras%20Completas%20(527)/Obras%20Completas%20-%20Dr.%20Sigmund%20Freud.pdf) (consulta efetuada no dia 30/10/2015).
- FURTADO, Cassia Cordeiro (2009). "Estratégias de Incentivo à Leitura: Relatório da Experiência nas Bibliotecas Farol da Educação - Maranhão - Brasil". In *Bibliotecas para a Vida II - Bibliotecas e Leitura*. Disponível em: http://eprints.rclis.org/14563/1/ESTRATEGIAS_DE_INCENTIVO_A_LEITURA_Furtado.pdf (consulta efetuada no dia 29/11/2015).
- GOMES, José António (2004). O "Espaço de representação de si" na escrita de Luísa Dacosta, uma introdução". In *Boletim Galego da Literatura*, nº 31. Disponível em: https://dspace.usc.es/bitstream/10347/2039/1/pg_021-032_bgl31.pdf (consulta efetuada no dia 05/01/2015).
- GUERREIRO, José Emanuel Pereira (2008). *A Ideia da Morte nos Sonetos de Antero de Quental*. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/280/1/TESE.pdf> (consulta efetuada no dia 21/12/2015).
- GUISADO, Alfredo (s/d). *Antologia Poética*. Disponível em: <http://quadrogiz.blogspot.pt/2014/09/ela-em-meu-sonho-poema-de-alfredo.html> (consulta efetuada no dia 28/09/2015).
- HENRIQUES, João Laranjeira (2010). *A Poesia no Neo-realismo Português. Primeiras Manifestações e "Novo Cancioneiro"*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3789/1/ulsd060903_td_Joao_Henriques.pdf (05/01/2015).
- HUGO, Vítor (s/d). *Os Miseráveis*. LeLivros. 2013. Disponível em: [http://baixar-download.jegueajato.com/Victor%20Hugo/Os%20Miseraveis%20\(655\)/Os%20Miseraveis%20-%20Victor%20Hugo.pdf](http://baixar-download.jegueajato.com/Victor%20Hugo/Os%20Miseraveis%20(655)/Os%20Miseraveis%20-%20Victor%20Hugo.pdf) (consulta efetuada no dia 31/10/2015).
- JÚDICE, Nuno (2009). *Caminhos da Poesia Portuguesa Recente*. Via Atlântica (Nº 15). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/viewFile/50439/54553> (consulta efetuada no dia 08/01/2015).

- JÚNIOR, Eugénio Benito (2013). *A angústia e a Tecnologia*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicanálise. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v35n55/v35n55a11.pdf> (consulta efetuada no dia 22/11/2015).
- JÚNIOR, Gilmar Luís Silva (2014). *Crisálidas, de Machado de Assis, e a Face de Janus: aproximações necessárias*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/105269/000941312.pdf?sequence=1> (consulta efetuada no dia 05/12/2015).
- KIEFER, Charles (2010). *Para ser escritor*. São Paulo: Leya. Disponível em: <http://lelivros.blue/book/download-livro-para-ser-escritor-charles-kiefer-em-epub-mobi-e-pdf/> (consulta efetuada no dia 02/12/2015).
- LEAL, Izabela (2011). “Camilo Pessanha: o morto alegre e a poesia moderna”. In *Convergência Lusíada*, n.º 26. Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/pdf/640.pdf> (consulta efetuada no dia 09/01/2016).
- LEITE, Silas Corrêa (s/d). *Poema da Biblioteca*. Disponível em: <http://rbe.min-educ.pt/si/pubjson/downAct.jsp?i=3494> (consulta efetuada no dia 14/10/2015).
- LORRIS, Guilherme (1225). *O Romance da Rosa*. [Tradução Sónia Regina Peixoto et alii]. Brasil: Nonada. Disponível em http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/nonada_n_25.pdf (consulta efetuada no dia 22/11/2015).
- LISBOA, Eugénio (1986). *Poesia Portuguesa: do «Orpheu» ao Neo-Realismo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/estudos-literarios-critica-literaria/105-105/file.html> (consulta efetuada no dia 04/12/2015).
- LOURENÇO, Eduardo (s/d). *Sonho de Império e império de sonho*. Liminar. Disponível em: http://www2.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/Archivos/liminar/liminar_28.pdf (consulta efetuada no dia 28/07/2015).
- MARTINS, Engrácia da Glória Quintela Alves Sousa Varajão (1996). *Educação e Doutrinação: o pensamento educacional de Sebastião da Gama*. Braga: Universidade do Minho. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6496/1/Martins%20E%20\(1996\)%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Doutrina%C3%A7%C3%A3o%20Sebastiao%20Gama.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6496/1/Martins%20E%20(1996)%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Doutrina%C3%A7%C3%A3o%20Sebastiao%20Gama.pdf) (consulta efetuada no dia 18/12/2015).
- MASCARENHAS, Isabel Branco de (s/d). *A problemática do sonho na literatura*. Disponível em: <http://ceclu.tripod.com/m.htm> (consulta efetuada no dia 27/07/2015).
- MEIRELES, Cecília (s/d). *Viagem*. EbookLibris. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/edgararruda/viagem-cecilia-meireles> (consulta efetuada no dia 28/09/2015).
- MENDES, Luís Filipe Castro (2014/15). “Como um Adeus Português”. Disponível em: http://issuu.com/n11eli/docs/poesia_j_11 (consulta efetuada no dia 28/10/2015).

- MENESES, Adélia Toledo Bezerra de (1994). *As Portas do Sonho*. S. Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- USP. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/download/34490/37228> (consulta efetuada no dia 22/11/2015).
- MENESES, Adélia Toledo Bezerra de (1993). *Literatura e Psicanálise: Aproximações*. Campinas: Unicamp. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636202/3911> (consulta efetuada no dia 26/11/2015).
- MENESES, Adélia Toledo Bezerra de (2000). *O sonho e a literatura: mundo grego*. S. Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- US, vol.11, n.2. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000000200012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt (consulta efetuada no dia 22/11/2015).
- MENEZES, Isilda Maria Santos Leitão (2010). *Hábitos de Leitura dos Alunos do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Impacto na Aprendizagem: concepções de alunos, professores e professores bibliotecários*. Lisboa: Universidade Aberta. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1678> (consulta efetuada no dia 28/11/2015).
- MORAIS, Paula Fernanda da Silva (2005). *Portugal sob a Égide da Ditadura: o Rosto Metamorfoseado das Palavras*. Universidade do Minho. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7862/1/Tese%20Paula%20Morais.pdf> (consulta efetuada no dia 30 de dezembro de 2015).
- MORÃO, Paula (2008). *Luísa Dacosta: na penumbra do espelho, a face*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Disponível em: http://0-literature.proquest.com.fama.us.es/searchFulltext.do?id=R04261674&divLevel=0&area=abell&forward=critref_ft (consulta efetuada no dia 05/01/2015).
- NIETZSCHE, Friedrich (1888). *Crepúsculo dos Ídolos*. Disponível em: <http://www.afoiceomartelo.com.br/posfsa/Autores/Nietzsche,%20Friedrich/Friedrich%20Nietzsche%20-%20Crep%C3%BAsculo%20dos%20C3%8Ddolos.pdf> (consulta efetuada no dia 01/11/2015).
- OLIVEIRA, Alberto de. “À minha filha”, in *Lar*. Disponível em: <http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=1605> (consulta efetuada no dia 02/10/2015).
- OLIVEIRA, Simone Feitosa de (2013). *A traição da palavra: a melancolia em Mário de Sá-Carneiro*. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba. Disponível em: http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/disserta%C3%A7%C3%B5es_2013/Simone%20Feitosa.pdf (consulta efetuada no dia 04/12/2015).
- PAIXÃO, Fernando Augusto Magalhães (1990). *Narciso em Sacrifício: Um Olhar sobre a Poética de Mário de Sá-Carneiro*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=vtls000085212> (consulta efetuada no dia 10/12/2015).

- PAUL, Richard e ELDER, Linda (2003): “Como leer un párrafo y más allá de éste. Fundación para el Pensamiento Crítico. Disponível em: https://www.criticalthinking.org/resources/PDF/SP-Como_Leer_un_Parrafo.pdf (consulta efetuada no dia 28/11/2015).
- PEREIRA, Elana de Jesus et alii (2012). “Leitura Infantil: O valor da leitura para a formação de futuros leitores” in *Informação e Sociedade: a Importância da Biblioteconomia no Processo de Preservação da Memória Documental*. Universidade Federal do Maranhão. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2162/1359> (consulta efetuada no dia 29/11/2015).
- PESSOA, Fernando (2002). *Cancioneiro*. Ciberfil Literatura Digital. Disponível em: http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Cancioneiro_de_fernando_pessoa.pdf (consulta efetuada no dia 28/09/2015).
- PESSOA, Fernando (1997). *Livro do Desassossego* (Composto por Bernardo Soares, ajudante de Guarda-livros na cidade de Lisboa). Lisboa: Assírio & Alvim. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000022.pdf (consulta efetuada no dia 26/10/2015).
- POÇAS, Maria Glória (s/d). *Análise do Poema Dispersão*. Gondomar: Ação de Formação Literatura e Artes Plásticas. Disponível em: <http://www.prof2000.pt/users/mgloria/mgtrab03.htm> (consulta efetuada no dia 10/12/2015).
- PROLE, António (2005). “O Papel das Bibliotecas Públicas Face ao Conceito de Literacia”. in *Educação e Leitura*. Esposende: Actas do Seminário. Disponível em: http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_bibliotecas_literacia_a.pdf (consulta efetuada no dia 29/11/2015).
- QUINTANA, Mário (s/d). “Canção do dia de sempre”, in *Canções*. Disponível em: <http://www2.unifap.br/borges/files/2011/03/Po%C3%A9tica-Filosofia-Cultural-M%C3%A1rio-Quintana.pdf> (consulta efetuada no dia 02/10/2015).
- QUINTANA, Mário (s/d). *Do Caderno H*. Disponível em: http://www.releituras.com/mquintana_cadernoh.asp (consulta efetuada no dia 16/10/2015).
- RAMOS, Ana Margarida (2012). “Nuno Higinio: o poeta que namorava palavras”, *Solta Palavra* 18. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262008011_RAMOS_Ana_Margarida_2012_Nuno_Higinio_o_poeta_que_namorava_palavras_Solta_Palavra_18_9-12_ISSN_1647-6786 (consulta efetuada no dia 22/12/2015).
- RESENDE, Vânia Maria (1985). “Leitura: Mediação entre a Vida e a Arte”. Florianópolis: Perspectiva. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/8829/8173> (consulta efetuada no dia 20/10/2015).
- RESENDE, Vânia Maria (1999). “Literatura e sonho - subversão do olhar”. Florianópolis: Perspetiva, v.17, nº 31. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10710/10215> (consulta efetuada no dia 27/07/2015).

- SALLES, Luciana dos Santos (2009). *Poesia e o Diabo a quatro: Jorge de Sena e a escrita do diálogo*. Rio de Janeiro: UFRJ/ F. Disponível em: <http://pct.capes.gov.br/teses/2009/31001017070P6/TES.PDF> (29/12/2015).

- SANTOS, Alexandre Francisco Ferreira dos (2007). *Sebastião da Gama: Milagre de Vida em Busca do Eterno - uma leitura da sua obra*. Lisboa Universidade Aberta. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/610/2/2Dissertacao_SGama_texto.pdf (consulta efetuada no dia 15/12/2015).

- SANTOS, Ernesto Serrano Miranda (2008). Ruy Belo e o triângulo ontológico em O problema da habitação. Porto: Universidade Fernando Pessoa. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1072/1/ernestosantos1.pdf> (consulta efetuada no dia 30 de dezembro de 2015).

- SARDINHA, Maria da Graça. (2010) “Escola e Leitura: transversalidade e interação. In *Revista de letras II*, nº9. Disponível em http://www.utad.pt/vPT/Area2/investigar/CEL/RevistadeLetras/Documents/revista_letras09_capa_FINAL.pdf (consulta efetuada no dia 27/02/2015).

- SEIXO, Maria Alzira (1989). “ O pensamento da morte na poesia de Camilo Pessanha”. In *Análise*, n.º 13. Disponível em: <http://comunidade.sol.pt/blogs/josecarreiro/attachment/2680125.ashx> (09/01/2015).

- SENA, Santa Catarina de (1370). *Revelações de Deus a Santa Catarina de Sena*. Disponível em: <http://alexandriacatolica.blogspot.com.br/2011/01/revelacoes-de-deus-santa-catarina-de.html> (consulta efetuada no dia 23/11/2015).

- SERRA, Ordep José Trindade (1985). *A Mais Antiga Epopeia do Mundo: A Gesta de Gilgamesh*. Salvador: Fundação Cultural. Disponível em pdf: <https://ordepserra.files.wordpress.com/2008/07/gilgamesh1.pdf> (consulta efetuada no dia 22/11/2015).

- SILVA, Agostinho da. “Sonho”. In *Poemas*. Disponível em: http://www.poesias.omelhordaweb.com.br/pagina_textos_autor.php?cdPoesia=92883&cdEscritor=6281&rdBusca=&tbTxBusca.

- SILVA, Agostinho da (s/d). “Meu amor que te foste sem te ver”, in *Poemas*. Disponível em: <http://www.nicoladavid.com/literatura/agostinho-da-silva-1906-1994> (consulta efetuada no dia 02/10/2015).

- SILVA, Ezequiel Theodoro da (1999). “Concepções de Leitura e suas Consequências no Ensino”. Florianópolis: Perspetiva. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213> (consulta efetuada no dia 29/11/2015).

- SILVA, Jacicarla Souza da (2009). *Parte II - Cecília e o feminino Representações do feminino na poesia ceciliana*. São Paulo: Cultura Académica. Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/3vj9m/pdf/silva-9788579830327-06.pdf> (consulta efetuada no dia 19/11/2015).

- SILVA, Luciane Teixeira da (2010). “Ler no papel, ler na tela, ler o mundo”. Rio de Janeiro: Artefactum - Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia. Disponível em <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/99> (consulta efetuada no dia 25/09/2015).

- SILVA, Maria Adelaide Coelho (1981). *Leitura Social de três Poemas de António Gedeão*. Açores: Universidade dos Açores. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/584/1/MariaAdelaideCoelhoSilva_p261-290.pdf (consulta efetuada no dia 15/12/2015).

- SILVA, Sara Reis da (2012). «De Nuno Higinio ou sobre um Poeta que “inventava versos ao jeito da manhã florescer”». *Solta Palavra*, 18. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/22084> (consulta efetuada no dia 22/12/2015).

- SCHOPENHAUER, Arthur (2001). *O Mundo como Vontade e Representação, Livro IV*. Brasil: Edição Acrópolis. Versão para eBooksBrasil.org. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/representacao4.html> (consulta efetuada no dia 11/12/2015).

- SOARES, Júlia (2000). “Aprender a ler”, in *Escola Moderna*, nº8, 5ª série. Disponível em: http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1_2_4_trab_curric_compart_turma/1_24_c_03_aprender_ler_jusoares.pdf (Consulta efetuada no dia 25/09/2015).

- SOIFER, Miguelina (1968). *Sonho e Criação na Poesia de Fernando Pessoa (II)*. Brasil: Revista Letras, vol. 16. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v16i0.19811> (consulta efetuada no dia 10/10/2015).

- SOUSA, Keila Vieira de (2012). «“Sonhar, mas um sonho possível”: a realidade em torno da leitura». Coimbra: Exedra, Revista Científica, Escola Superior de Educação de Coimbra. Disponível em: <http://www.exedrajournal.com/exedrajournal/wp-content/uploads/2013/01/33-numero-tematico-2012.pdf> (consulta efetuada no dia 25/09/2015).

- SOUZA, Karlla Christine Araújo. “A Poesia de repente improvisa o passado: narrativa, memória e identidade”, in ZUBEN, Marcos de Camargo Von et alii (2012). *Sujeito, Saberes e Práticas Sociais*. Rio Grande do Norte: Comissão Editorial da Programa Edições UERN. Disponível em: http://www.sru.uea.ac.uk/documents/Ebook-UERNsujeitos_saberes_e_praticas_sociais.pdf (consulta efetuada no dia 25/09/2015).

- TÔRRES, Moisés Romanazzi (2011). *O Sentido e a Razão de Ser do Paraíso de Dante Alighieri*. Brasil: Universidade Federal de São João del-Rei. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3713998.pdf> (consulta efetuada no dia 25/11/2015).

- TALEFE, Rute Saraiva Ferreira (2014). *A arte de ler. Ler para quê*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Instituto de Educação. Disponível em:

- <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5485/Rute%20Talefe%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1> (consulta efetuada no dia 25/09/2015).
- UNAMUNO Y JUGO, Miguel de (s/d). *Del Sentimiento Tragico de La Vida*. Disponível em: <http://www.itvalledelguadiana.edu.mx/librosdigitales/Miguel%20de%20Unamuno%20-%20Del%20sentimiento%20tr%C3%A1gico%20de%20la%20vida.pdf> (consulta efetuada no dia 30/10/2015).
- UNAMUNO Y JUGO, Miguel de (1912). *Seleção de Poemas*. Librodot. Disponível em: http://ww2.educarchile.cl/UserFiles/P0001%5CFile%5Carticles-101743_Archivo.pdf (consulta efetuada no dia 25/10/2015).
- VIEIRA, Sue Helen da Sila (2009). *Álvares de Azevedo: a Ironia no Amor ou o Amor na Ironia*. Rio de Janeiro: UFRJ: Faculdade de Letras. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/VieiraSHS.pdf> (consulta efetuada no dia 06/12/2015).
- VÍRGÍLIO, Públio (70-19 a.C.) *Geórgicas* (Tradução Juan de Arona, 1867). Alicante: Biblioteca Virtual de Cervantes (2012). Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcbz6s7> (consulta efetuada no dia 18/12/2015).
- VOGT, Carlos (2003). *A Espiral da Cultura Científica*. Consulta efetuada em: <http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml> (consulta efetuada no dia 18/12/2015).
- WATTS, Mike (2001). "Science and Poetry: passion prescription in school science?", in *International Journal of Science Education*. Vol. 23. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09500690120685> (consulta efetuada no dia 18/12/2015).
- WILSON, A. Michael (1975). *O mito da infância na poesia de Fernando Pessoa*. Los Angeles: University of Califórnia. Disponível em: <http://escholarship.org/uc/item/1qc056mh> (consulta efetuada no dia 25/09/2015).

Anexos

Poema I - “A Biblioteca Verde”

- Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.

São só 24 volumes encadernados em percalina verde.

- Meu filho, é livro demais para uma criança!...

- Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.

- Quando crescer, eu compro. Agora não.

- Papai, me compra agora. É em percalina verde,

só 24 volumes. Compra, compra, compra!...

- Fica quieto, menino, eu vou comprar.

- Rio de Janeiro? Aqui é o Coronel.

Me mande urgente sua Biblioteca

bem acondicionada, não quero defeito.

Se vier com um arranhão, recuso. Já sabe:

Quero a devolução de meu dinheiro.

- Está bem, Coronel, ordens são ordens.

Segue a Biblioteca pelo trem-de-ferro,

fino caixote de alumínio e pinho.

Termina o ramal, o burro de carga

vai levando tamanho universo.

Chega cheirando a papel novo, mata

de pinheiros toda verde.

Sou o mais rico menino destas redondezas.

(Orgulho, não; inveja de mim mesmo)

Ninguém mais aqui possui a coleção das Obras Célebres.

Tenho de ler tudo. Antes de ler,

que bom passar a mão no som da percalina,

esse cristal de fluida transparência: verde, verde...

Amanhã começo a ler. Agora não.

Agora quero ver figuras. Todas.

Templo de Tebas, Osíris, Medusa, Apolo nu, Vênus nua...

Nossa Senhora, tem disso nos livros?!...

Depressa, as letras. Careço ler tudo.

A mãe se queixa: Não dorme este menino.

O irmão reclama: Apaga a luz, cretino!

Espermacete cai na cama, queima a perna, o sono.
Olha que eu tomo e rasgo essa Biblioteca
antes que pegue fogo na casa.

Vai dormir, menino, antes que eu perca a paciência e te dê uma sova.
Dorme, filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.

Mas leio, leio... Em filosofias tropeço e caio,
cavalgo de novo meu verde livro,
em cavalarias me perco, medievo;
em contos, poemas me vejo viver.

Como te devoro, verde pastagem!...
Ou antes carruagem de fugir de mim
e me trazer de volta à casa
a qualquer hora num fechar de páginas?

Tudo que sei é ela que me ensina.
O que saberei, o que não saberei nunca,
está na Biblioteca em verde murmúrio
de flauta-percalina eternamente.

Carlos Drummond de Andrade, *in Boitempo - Menino Antigo*. Pp. 250-252.¹⁵⁶

Poema II - "Pó"

Nas estantes os livros ficam
(até se dispersarem ou desfazerem)
enquanto tudo
passa. O pó acumula-se
e depois de limpo
torna a acumular-se
no cimo das lombadas.
Quando a cidade está suja
(obras, carros, poeiras)
o pó é mais negro e por vezes
espeço. Os livros ficam,

¹⁵⁶ Pequena nota bibliográfica disponível em http://www.releituras.com/drummond_bio.asp (04/10/2010).

valem mais que tudo,
mas apesar do amor
(amor das coisas mudas
que sussurram)
e do cuidado doméstico
fica sempre, em baixo,
do lado oposto à lombada,
uma pequena marca negra
do pé nas páginas.
A marca faz parte dos livros.
Estão marcados. Nós também.

Pedro Mexia, *in Menos por Menos, poemas escolhidos*, pág.9.¹⁵⁷

Poema III - “Um livro”

Levou-me um livro em viagem
não sei por onde é que andei
Corri o Alasca, o deserto
andei com o sultão no Brunei?
P’ra falar verdade, não sei
Com um livro cruzei o mar,
não sei com quem naveguei.
Com marinheiros, corsários,
tremendo de febres e medo?
P’ra falar verdade não sei.
Um livro levou-me p’ra longe
não sei por onde é que andei.
Por cidades devastadas
no meio da fome e da guerra?
P’ra falar verdade não sei.
Um livro levou-me com ele
até ao coração de alguém
E aí me enamorei -
de uns olhos ou de uns cabelos?
P’ra falar verdade não sei.
Um livro num passe de mágica
tocou-me com o seu feitiço:

¹⁵⁷ Pequena nota bibliográfica disponível em <http://www.wook.pt/authors/detail/id/16573> (14/10/2015).

Deu-me a paz e deu-me a guerra,
mostrou-me as faces do homem
- porque um livro é tudo isso.

Levou-me um livro com ele
pelo mundo a passear

Não me perdi nem me achei
- porque um livro é afinal...
um pouco da vida, bem sei.

João Pedro Mésseder, in *O G é um Gato Enroscado*. Pág.3. ¹⁵⁸

Poema IV - “Estranho Livro”

No silêncio de cinzas do meu Ser
Agita-se uma sombra de cipreste,
Sombra roubada ao livro que ando a ler,
A esse livro de mágoas que me deste.

Estranho livro aquele que escreveste,
Artista da saudade e do sofrer!
Estranho livro aquele em que puseste
Tudo o que eu sinto, sem poder dizer!

Leio-o, e folheio, assim, toda a minh'alma!
O livro que me deste é meu, e salma
As orações que choro e rio e canto! ...

Poeta igual a mim, ai que me dera
Dizer o que tu dizes! ... Quem soubera
Velar a minha Dor desse teu manto! ...
Florbela Espanca, in *Sonetos*, pág.54. ¹⁵⁹

Poema v - “Livro”

Livro
um amigo
para falar comigo
um navio
para viajar

¹⁵⁸ Pequena nota bibliográfica disponível em <http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=52> (14/10/2015).

¹⁵⁹ Pequena nota bibliográfica disponível em <http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=235> (05/10/2015).

um jardim
para brincar
uma escola
para levar
debaixo do braço.

Livro
um abraço
para além do tempo
e do espaço.

Luísa Ducla Soares, *in Poemas da Mentira e da Verdade*, pág.37.¹⁶⁰

Poema VI - “O Andaime”

O tempo que eu hei sonhado
Quantos anos foi de vida!
Ah, quanto do meu passado
Foi só a vida mentida
De um futuro imaginado!

Aqui à beira do rio
Sossego sem ter razão.
Este seu correr vazio
Figura, anónimo e frio,
A vida vivida em vão.

A ‘sp’rança que pouco alcança!
Que desejo vale o ensejo?
E uma bola de criança
Sobre mais que minha ‘s’prança,
Rola mais que o meu desejo.

Ondas do rio, tão leves
Que não sois ondas sequer,
Horas, dias, anos, breves
Passam – verduras ou neves
Que o mesmo sol faz morrer.

Gastei tudo que não tinha.

¹⁶⁰ Pequena nota bibliográfica disponível em http://www.casdaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/vo_lduclasoares_a.pdf (16/10/2015).

Sou mais velho do que sou.
A ilusão, que me mantinha,
Só no palco era rainha:
Despiu-se, e o reino acabou.

Leve som das águas lentas,
Gulosas da margem ida,
Que lembranças sonolentas
De esperanças nevoentas!
Que sonhos o sonho e a vida!

Que fiz de mim? Encontrei-me
Quando estava já perdido.
Impaciente deixei-me
Como a um louco que teime
No que lhe foi desmentido.

Som morto das águas mansas
Que correm por ter que ser,
Leva não só lembranças —
Mortas, porque hão de morrer.

Sou já o morto futuro.
Só um sonho me liga a mim —
O sonho atrasado e obscuro
Do que eu devera ser — muro
Do meu deserto jardim.

Ondas passadas, levai-me
Para o olvido do mar!
Ao que não serei legai-me,
Que cerquei com um andaime
A casa por fabricar.

Fernando Pessoa, *In Obra Poética, Poesia I*, pp. 87-88.¹⁶¹

Poema VII - “ Recordações de um Moribundo II”

Oh! que formoso jardim!

¹⁶¹ Pequena nota bibliográfica disponível em <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=2252> (04/10/2015).

Que belo lago no meio
D'água límpida bem cheio
E peixinhos a nadar!
Que intenso aroma a jasmim
Embalsama o puro ar!

Que raios que o sol lança!
Que azul que está o céu!
Com um carrinho de mão
Puxado pr'um meigo cão
Brinca ao longe uma criança...
Essa criança sou eu!...

Na relva se vê sentada
Um pouco mais para além
Uma senhora bordando
Pela qual é vigiada
A criancinha brincando...
A senhora é minha mãe!...
Oh! que existência tão bela
Sem cuidados no porvir!
Que nuvem é que há de vir
Esta aurora escurecer?!
E propícia a minha estrela
Mais feliz não posso ser!

Venturosos são também
Os meus adorados pais:
Meu pai ama minha mãe
E por ela é muito amado...
Viver tão abençoado
Houve no mundo jamais?...

Que alegres dias risonhos
Como eram belos os sonhos
Que sempre sonhava então!
Mal havia de dizer
O que tinha que sofrer
No mundo sem compaixão!...

Mário de Sá-Carneiro, in *Poesia*, pp. 47-48.¹⁶²

Poema VIII - “Os dous Horizontes”

Dous horizontes fecham nossa vida:

Um horizonte, — a saudade
Do que não há de voltar;
Outro horizonte, — a esperança
Dos tempos que hão de chegar;
No presente, — sempre escuro,—
Vive a alma ambiciosa
Na ilusão voluptuosa
Do passado e do futuro.

Os doces brincos da infância
Sob as asas maternas,
O vôo das andorinhas,
A onda viva e os rosais;
O gozo do amor, sonhado
Num olhar profundo e ardente,
Tal é na hora presente
O horizonte do passado.

Ou ambição de grandeza
Que no espírito calou,
Desejo de amor sincero
Que o coração não gozou;
Ou um viver calmo e puro
À alma convalescente,
Tal é na hora presente
O horizonte do futuro.

No breve correr dos dias
Sob o azul do céu, — tais são
Limites no mar da vida:
Saudade ou aspiração;

¹⁶² Pequena nota bibliográfica disponível em <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9622> (04/10/2015)

Ao nosso espírito ardente,
Na avidez do bem sonhado,
Nunca o presente é passado,
Nunca o futuro é presente.

Que cismas, homem? - Perdido
No mar das recordações,
Escuto um eco sentido
Das passadas ilusões.
Que buscas, homem? - Procuo,
Através da imensidade,
Ler a doce realidade
Das ilusões do futuro.
Dous horizontes fecham nossa vida.
Machado de Assis, *in Obra Completa, Vol.II. Pág.38.*¹⁶³

Poema IX - “O Poeta”

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur.
A. DE MUSSET

Era uma noite: – eu dormia...
E nos meus sonhos revia
As ilusões que sonhei!
E no meu lado senti...
Meu Deus! por que não morri?
Por que no sono acordei?

No meu leito adormecida,
Palpitante e abatida,
A amante de meu amor,
Os cabelos recendendo
Nas minhas faces correndo,
Como o luar numa flor!

¹⁶³ Pequena nota bibliográfica disponível em http://www.releituras.com/machadodeassis_bio.asp
(25/10/2015).

Senti-lhe o colo cheiroso
Arquejando sequioso
E nos lábios, que entreabria
Lânguida respiração,
Um sonho do coração
Que suspirando morria!

Não era um sonho mentido:
Meu coração iludido
O senti e não sonhou...
E senti que se perdia
Numa dor que não sabia...
Nem ao menos a beijou!

Soluçou o peito ardente,
Senti que a alma demente
Lhe desmaiava a tremer,
Embriagou-se de enleio,
No sono daquele seio
Pensou que ele ia morrer!

Que divino pensamento,
Que vida num só momento
Dentro do peito senti...
Não sei!... Dorme no passado
Meu pobre sonho doirado...
Esperança que mentiu...

Sabem as noites do céu
E as luas brancas sem véu
Os prantos que derramei!
Contem do vale as florinhas
Esse amor das noite minhas!
Elas sim... que eu não direi!

E se eu tremendo, senhora,
Viesses pálido agora
Lembrar-vos o sonho meu,
Com a fronte descorada
E com a voz sufocada

Dizer-vos baixo: – Sou eu!

Sou eu! que não esqueci
A noite que não dormi,
Que não foi uma ilusão!
Sou eu que sinto morrer
A esperança de viver...
Que o sinto no coração!

Riríeis das esperanças,
Das minhas loucas lembranças,
Que me desmaiam assim?
Ou então, de noite, a medo
Choraríeis em segredo
Uma lágrima por mim!
Álvares de Azevedo, *in Lira dos Vinte Anos*. Pp.14-15.¹⁶⁴

Poema X - “Dispersão”

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar.
Na ânsia de ultrapassar,
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros foge
Cai sobre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris
Lembra-me o desaparecido
Que sentia comovido

¹⁶⁴ Pequena nota bibliográfica disponível em http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncolD=805134&SecaolD=948848&SubsecaolD=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=940523 (29/10/2015).

Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,
É bem-estar, é singeleza,
E os que olham a beleza
Não têm bem-estar nem família).

O pobre moço das ânsias...
Tu, sim, tu eras alguém!
E foi por isso também
Que me abismaste nas ânsias.

A grande ave doirada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,
Assim me choro a mim mesmo:
Eu fui amante inconstante
Que se traiu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro
Nem as linhas que protejo:
Se me olho a um espelho, erro -
Não me acho no que projeto.

Regresso dentro de mim
Mas nada me fala, nada!
Tenho a alma amortalhada,
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da minha alma.

Saudosamente recordo
Uma gentil companheira
Que na minha vida inteira

Eu nunca vi... Mas recordo

A sua boca doirada
E o seu corpo esmaecido,
Em um hálito perdido
Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que sonhei!...)

E sinto que a minha morte -
Minha dispersão total -
Existe lá longe, ao norte,
Numa grande capital.

Vejo o meu último dia
Pintado em rolos de fumo,
E todo azul-de-agonia
Em sombra e além me sumo.

Ternura feita saudade,
Eu beijo as minhas mãos brancas...
Sou amor e piedade
Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas
Que eram feitas pra se dar...
Ninguém mas quis apertar...
Tristes mãos longas e lindas...

Eu tenho pena de mim,
Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me n'alma o crepúsculo;
Eu fui alguém que passou.
Serei, mas já não me sou;

Não vivo, durmo o crepúsculo.

Álcool dum sono outonal
Me penetrou vagamente
A difundir-me dormente
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço...
A hora foge vivida
Eu sigo-a, mas permaneço...

.....
.....
Castelos desmantelados,
Leões alados sem juba...

.....
.....

Mário de Sá-Carneiro, *in Poesia*, pp. 116-119

Poema XI - “Não é ainda a noite”

Não é ainda a noite
Mas é já frio o céu.
Do vento o ocioso açoite
Envolve o tédio meu.

Que vitórias perdidas
Por não as ter querido!
Quantas perdidas vidas!
E o sonho sem ter sido...

Ergue-te, ó vento, do ermo
Da noite que aparece!
Há um silêncio sem termo
Por trás do que estremece...

Pranto dos sonhos fúteis,
Que a memória acordou,

Inúteis, tão inúteis –

Quem me dirá quem sou?

Fernando Pessoa, *in Obra Poética, Poesia I*, pág. 188

Poema XII - “Mar Português”

Ó mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar

Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, *in Mensagem*, pág. 114.

Poema XIII - “A Largada”

Foram então as ânsias e os pinhais

Transformados em frágeis caravelas

Que partiam guiadas por sinais

Duma agulha inquieta como elas...

Foram então abraços repetidos

À Pátria-Mãe-Viúva que ficava

Na areia fria aos gritos e aos gemidos

Pela morte dos filhos que beijava.

Foram então as velas enfunadas

Por um sopro viril de reacção

Às palavras cansadas

Que se ouviam no cais dessa ilusão.

Foram então as horas no convés

Do grande sonho que mandava ser

Cada homem tão firme nos seus pés
Que a nau tremesse sem ninguém tremer.
Miguel Torga, *in Antologia Completa I*, pág.141.¹⁶⁵

Poema XIV - “Pedra Filosofal”

Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
bichinho álcere e sedento,
de focinho pontiagudo,
que fossa através de tudo
num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho
é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,
contraponto, sinfonia,
máscara grega, magia,
que é retorta de alquimista,
mapa do mundo distante,
rosa-dos-ventos, Infante,
caravela quinhentista,

¹⁶⁵ Pequena nota biobibliográfica disponível em:
<http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9646>
(18/01/2016).

que é Cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete de espadachim,
bastidor, passo de dança,
Colombina e Arlequim,
passarola voadora,
para-raios, locomotiva,
barco de proa festiva,
alto-forno, geradora,
cisão do átomo, radar,
ultrassom, televisão,
desembarque em foguetão
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.
Que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.

António Gedeão, *in Obra Poética*, pág.71.¹⁶⁶

Poema XV - “Pelo sonho é que vamos”

Pelo sonho é que vamos,
comovidos e mudos.

Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.
Basta a fé no que temos.

Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia a dia.

¹⁶⁶ Pequena nota bibliográfica disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p24.html> (05/10/2015).

Chegamos? Não chegamos?

- Partimos. Vamos. Somos.

Sebastião da Gama, *in Pelo Sonho é que Vamos*, pág.65.¹⁶⁷

Poema XVI - “Noite de sonhos voadas”

Noite de sonhos voadas
cingida por músculos de aço,
profunda distância rouca
da palavra estrangulada
pela boca amordaçada
noutra boca,
ondas do ondear revolto
das ondas do corpo dela
tão dominado e tão solto
tão vencedor, tão vencido
e tão rebelde ao breve espaço
consentido
nesta angústia renovada
de encerrar
fechar
esmagar
o reluzir de uma estrela
num abraço
e a ternura deslumbrada
a doce, funda alegria
noite de sonhos voadas
que pelos seus olhos sorria
ao romper de madrugada:
— Ó meu amor, já é dia!

Manuel da Fonseca, *in Obra Poética*, pág.159.¹⁶⁸

Poema XVII - “Em todas as ruas te encontro”

¹⁶⁷ Pequena nota bibliográfica disponível em <http://www.presenca.pt/autor/sebastiao-da-gama/> (05/10/2015).

¹⁶⁸ Pequena nota bibliográfica disponível em <http://www.vidaslusofonas.pt/biografia.php?id=MQp6wao49V1> (05/10/2015).

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco
conheço tão bem o teu corpo
sonhei tanto a tua figura
que é de olhos fechados que eu ando
a limitar a tua altura
e bebo a água e sorvo o ar
que te atravessou a cintura
tanto tão perto tão real
que o meu corpo se transfigura
e toca o seu próprio elemento
num corpo que já não é seu
num rio que desapareceu
onde um braço teu me procura

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco

Mário Cesariny de Vasconcelos, *in Poesia [1944-1955]*, pp.160-161.¹⁶⁹

Poema XVIII - “O palácio da ventura”

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas de ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,

¹⁶⁹ Pequena nota bibliográfica disponível em <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9235> (05/10/2015).

Silêncio e escuridão - e nada mais!

Antero de Quental, *in Sonetos Completos*, pág.96.¹⁷⁰

Poema XIX - “E a Vida foi, e é assim, e não melhora”

E a Vida foi, e é assim, e não melhora.

Esforço inútil. Tudo é ilusão.

Quantos não cismam nisso mesmo a esta hora

Com uma taça, ou um punhal na mão!

Mas a Arte, o Lar, um filho, António? Embora!

Quimeras, sonhos, bolas de sabão.

E a tortura do Além e quem lá mora!

Isso é, talvez, minha única aflição.

Toda a dor pode suportar-se, toda!

Mesmo a da noiva morta em plena boda,

Que por mortalha leva... essa que traz.

Mas uma não: é a dor do pensamento!

Ai quem me dera entrar nesse convento

Que há além da Morte e que se chama A Paz!

António Nobre, *in Só*, pág.142¹⁷¹.

Poema XX - “Estrada”

Súbito apercebo-me:

Segue a viagem dos anos.

Passou o tempo das amoras

e das laranjas furtadas,

a flor da chuva de ouro

para sugar o gostinho a açúcar.

Sonho com uma comprida paisagem de cedros

que nunca vi.

Apetece-me deixar o corpo adormecido

junto ao rádio

¹⁷⁰ Pequena nota biobibliográfica disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xix/antero-de-quental.html#.VslrArSLTIU> (18/01/2016).

¹⁷¹ Pequena nota biobibliográfica disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xix/antonio-nobre.html#.Vp1bj5qLTIU> (06/10/2015).

e ir passear pelos galhos das árvores
e sobre os fios telefónicos.

Nada feito,
pesada de agruras e desertos
segue a viagem dos anos.
Rui Knopfli, in *Obra Poética*, pág.82.¹⁷²

Poema XXI - “Talvez Deus se tenha enganado”

Queria centrar-me todo em certas palavras, ocupar o espaço
sem necessidade de coordenadas, errar o tempo
tomando-o por tempos que nunca existiram. Desejaria a sorte
dos que morreram em naufrágios e foram poupados
à habitação dos cemitérios. Nunca tive jeito para ser feliz
[nem para gritar] e pior que isso: condenado à efémera
duração dos sonhos [bastava a poesia para condenar-me]
Talvez Deus se tenha enganado: sobre o barro soprou a vida
em vez do sonho.

Nuno Higino, in *Talvez Deus se Tenha Enganado*, pág. 27¹⁷³.

Poema XXII - “Ode para o futuro”

Falareis de nós como de um sonho.
Crepúsculo dourado. Frases calmas.
Gestos vagarosos. Música suave.
Pensamento arguto. Subtis sorrisos.
Paisagens deslizando na distância.
Éramos livres. Falávamos, sabíamos,
e amávamos serena e docemente.

Uma angústia delida, melancólica,
sobre ela sonhareis.

E as tempestades, as desordens, gritos,
violência, escárnio, confusão odienta,

¹⁷² Pequena nota bibliográfica disponível em http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/mocambique/ruj_kinopfli.html (06/10/2015).

¹⁷³ Pequena nota bibliográfica disponível em: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=13420> (06/10/2015).

primaveras morrendo ignoradas
nas encostas vizinhas, as prisões,
as mortes, o amor vendido,
as lágrimas e as lutas,
o desespero da vida que nos roubam
- apenas uma angústia melancólica,
sobre a qual sonhareis a idade de oiro.

E, em segredo, saudosos, enlevados,
falareis de nós - de nós! - como de um sonho.
Jorge de Sena, *in Antologia Poética*, pág.56.¹⁷⁴

Poema XXIII - “O Portugal Futuro”

O portugal futuro é um país
aonde o puro pássaro é possível
e sobre o leito negro do asfalto da estrada
as profundas crianças desenharão a giz
esse peixe da infância que vem na enxurrada
e me parece que se chama sável
Mas desenhem elas o que desenharem
é essa a forma do meu país
e chamem elas o que lhe chamarem
portugal será e lá serei feliz
Poderá ser pequeno como este
ter a oeste o mar e a espanha a leste
tudo nele será novo desde os ramos à raiz
À sombra dos plátanos as crianças dançarão
e na avenida que houver à beira-mar
pode o tempo mudar será verão
Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz
mas isso era o passado e podia ser duro
edificar sobre ele o portugal futuro
Ruy Belo, *in Antologia Poética*, pág. 69.¹⁷⁵

Poema XXIV - “Pilotagem”

¹⁷⁴ Pequena nota bibliográfica disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/jorge-de-sena-55876.html#.Vslp8LSLTIU> (06/10/2015).

¹⁷⁵ Pequena nota bibliográfica disponível em: http://parquedospoetas.cm-oeiras.pt/?page_id=242 (15-01-2016).

E os meus olhos rasgarão a noite;

E a chuva que vier ferir-me nas vidraças
Compreenderá, então, a sua inutilidade;

E todos os sinos que alimentavam insónias
hão-de repetir as horas mortas
só para os ouvidos da torre;

E os outros ruídos abafar-se-ão no manto negro da noite;

E a mão alva que me apontava os nortes
e ficou debruçada no postigo
amortalhada pela neve
reviverá de novo;

E os meus braços se erguerão transfigurados
para o abraço virgem dos teus braços
que andava perdido, sem dar fé deste seu reino;
E todas as luzes que tresnoitaram os homens
apagar-se-ão;

E o silêncio virá cheio de promessas
que não se cansaram na viagem;

E todos os povos de Babel
com as riquezas que há no mundo
virão festejar a paz em minha honra;

E os caminhos se abrirão
para os homens que seguirem de mãos dadas:

O sangue derramado de Cristo
terá finalmente significação,
e da inútil cruz do martírio
se erguerá o pendão da vitória;

E assim terão começo

os sonhados dias dos meus dias!

Fernando Namora, *in As Frias Madrugadas*, pág.98.¹⁷⁶

Poema XXV - “Chamamento”

Da margem do sonho
e do outro lado do mar
alguém me estremece
sem me alcançar.

Um bafo de desejo
chega, vago, até mim.

Perfume delido
de impossível jasmim.

É ele que me sonha?

Sou eu a sonhar?

Sabê-lo seria
desfazer, no vento,
tranças de luar.

Nuvens,
barcos, espumas
desmancham-se na noite.

E a vida lateja, longe,
num outro lugar.

Luísa Dacosta, *in A Maresia e o Sargaço dos Dias*, pág.21.¹⁷⁷

Poema XXVI - “A J. Félix dos Santos”

Sempre o futuro, sempre! e o presente
Nunca! Que seja esta hora em que se existe
De incerteza e de dor sempre a mais triste,
E só farte o desejo um bem ausente!

Ai! que importa o futuro, se inclemente
Essa hora, em que a esperança nos consiste,
Chega... é presente... e só à dor assiste?...
Assim, qual é a esperança que não mente?

¹⁷⁶ Pequena nota bibliográfica disponível em <http://www.lusofoniapoetica.com/artigos/portugal/fernando-namora/biografia-fernando-namora.html> (07/10/2015).

¹⁷⁷ Pequena nota biobibliográfica disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/dacosta.htm> (06/10/2015).

Desventura ou delírio?... O que procuro,
Se me foge, é miragem enganosa,
Se me espera, pior, espectro impuro...

Assim a vida passa vagarosa:
O presente, a aspirar sempre ao futuro:
O futuro, uma sombra mentirosa.
Antero de Quental, *in Sonetos Completos*, pág.70.

Poema XXVII - “Século XXI”

Falam de tudo como se a razão
lhes ensinasse desesperadamente
a mentir, a lançar
sem remorso nem asco um novo isco
à espera que alguém morda
e acredite nessa liturgia
cujos deuses são fáceis de adorar
e obedecem às leis do mercado.

Falam desse ludíbrio a que chamam
o futuro
como se ele existisse
e as suas palavras ecoam
em flatulentas frases
sempre a favor do vento que as agita
ao ritmo dos sorrisos ou das entrevistas
em que tudo se vende
por um preço acessível: emoções
& sexo & fama & outros prometidos
paraísos terrestres em horário nobre
- matéria reciclável
alimentando o altar do esquecimento.

O poder não existe, como sabes
demasiado bem - apenas uma
inútil recidiva biológica
de hormonas apressadas que procuram
ser fiéis aos comércio

dos sonhos sempre iguais, reproduzindo
sedutoras metástases do nada
nos códigos de barras ou nos cromossomas
de quem já pouco espera dos seus genes.

Fernando Pinto do Amaral, *in Poemas Escolhidos (1990-2007)*, pp. 79-80¹⁷⁸.

Poema XXVIII - “Poema Final”

Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,
- Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise,
Represados clarões, cromáticas vesânicas -,
No limbo onde esperais a luz que vos batize,

As pálpebras cerrai, ansiosas não veleis.

Abortos que pendeis as frentes cor de cidra,
Tão graves de cismar, nos bocais dos museus,
E escutando o correr da água na clepsidra,
Vagamente sorris, resignados e ateus,

Cessai de cogitar, o abismo não sondeis.

Gembundo arrulhar dos sonhos não sonhados,
Que toda a noite errais, doces almas penando,
E as asas lacerais na aresta dos telhados,
E no vento expirais em um queixume brando,

Adormecei. Não suspireis. Não respireis.

Camilo Pessanha, *in Clepsidra e Poemas Dispersos*, pág.101.

Poema XXIX - “A Morte Absoluta”

Morrer.

Morrer de corpo e de alma.

Completamente.

Morrer sem deixar o triste despojo da carne,

¹⁷⁸ Pequena nota bibliográfica disponível em:
<http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=6189>
(18/01/2016).

A exangue máscara de cera,
Cercada de flores,
Que apodrecerão - felizes! - num dia,
Banhada de lágrimas
Nascidas menos da saudade do que do espanto da morte.

Morrer sem deixar porventura uma alma errante...
A caminho do céu?
Mas que céu pode satisfazer teu sonho de céu?

Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,
A lembrança de uma sombra
Em nenhum coração, em nenhum pensamento,
Em nenhuma epiderme.

Morrer tão completamente
Que um dia ao lerem o teu nome num papel
Perguntem: "Quem foi?..."

Morrer mais completamente ainda,
- Sem deixar sequer esse nome.
Manuel Bandeira, 2009: 152¹⁷⁹

¹⁷⁹ Pequena nota bibliográfica disponível em http://www.releituras.com/mbandeira_bio.asp (04/10/2010).